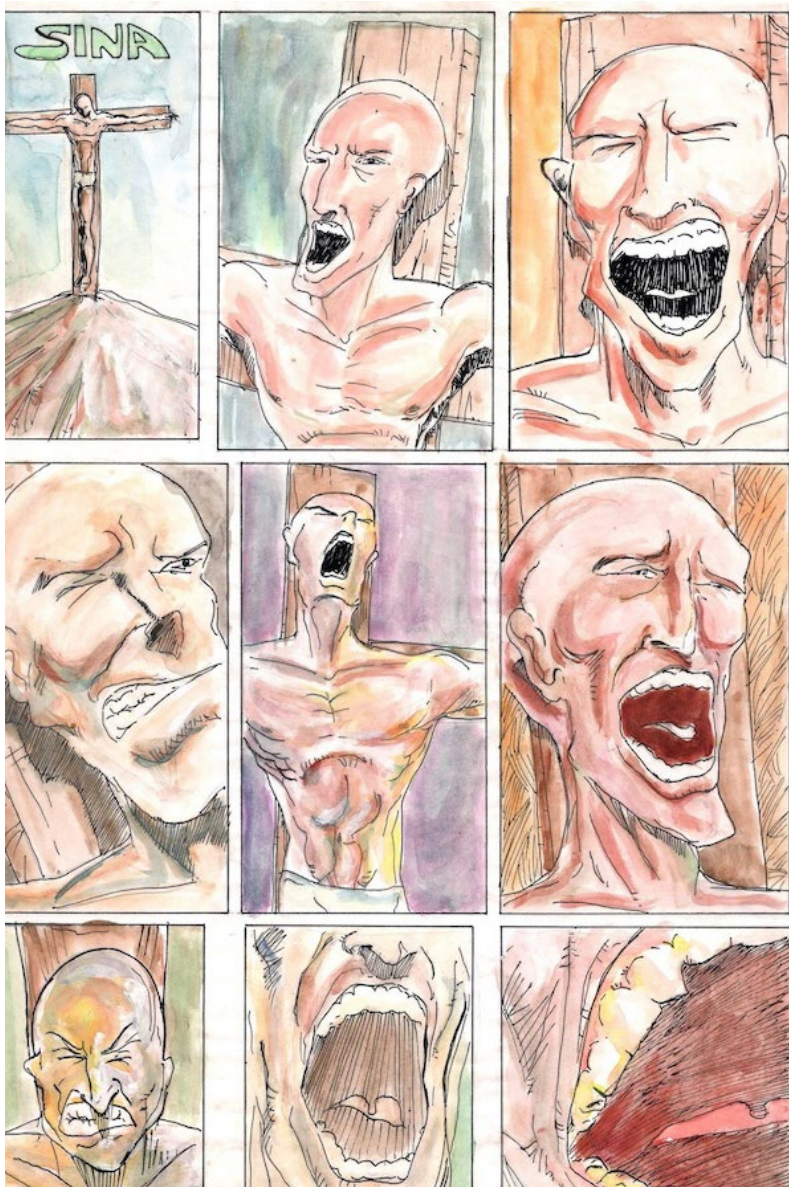
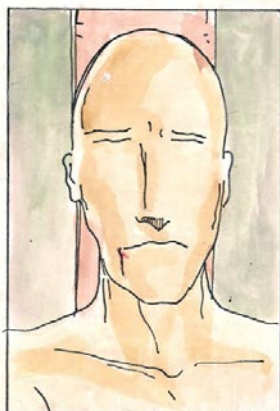


Elydio dos Santos Neto

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE GAZY ANDRAUS







LIBERDADE ... A VIDA... QUANDO
SE CONSCIENTIZA DE TER
ESTADO SEMPRE LIVRE...

LIBERDADE!

ANDRAUS 09

Elydio dos Santos Neto

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE GAZY ANDRAUS



Marca de Fantasia
Parahyba, 2025

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE GAZY ANDRAUS

Elydio dos Santos Neto

Série Quadrinhos Poético-filosóficos, 3

2a edição, 2025, 145p

ISBN 978-85-7999-119-6



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães
Ilustrações - inclusive capa: Gazy Andraus

Nota da edição. A primeira edição deste livro saiu em 2013 a partir da pesquisa realizada por Elydio dos Santos Neto em 2012, ano em que Gazy Andraus completava 25 anos de produção de quadrinhos e fanzines. Como não houve atualização do texto que contemplasse os anos posteriores, decidimos deixar o título como o original, demarcando o período de criação de Gazy Andraus analisado pelo autor.

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nílton Milanez - UESB
Gazy Andraus - IF São José do Rio Preto, SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Em conformidade com o artigo 46 da Lei Nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, todas as obras artísticas presentes neste livro são reproduzidas exclusivamente para fins de estudo, com a devida menção da autoria e da origem das obras e sem qualquer intuito comercial, sendo sua propriedade garantida às autoras/es e/ou entidades detentoras de direitos autorais. Desse modo, é vedada a reprodução integral ou parcial dessas obras com fins comerciais.

Histórias em quadrinhos e músicas podem ser simples mecanismos alegres para que dancemos e demos graças à vida, para que afluamos a criança interior... Mas, também podem (e devem) nos avisar quando começamos a singrar por caminhos obscuros, estranhos e perigosos, que nem sempre contemplam a fraternidade e a vida, como o desabrochar de uma flor...

Andraus, 10/09/2007

Ah! Isto é mais que um zine!

É um pedaço de uma vida.

Andraus, 4 /10/1993

Sumário

8	Prefácio
10	Apresentação
14	I. Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: Provocações de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida
44	II. Breve comentário sobre as HQs de Gazy Andraus presentes neste volume
52	III. Quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus O único (1987) Casulo I (1989) Casulo II (1993) Hurizen (1996) La Tierra – Ao mar – Lo Ciel, A vida em um corazon (2009) Adverse-Reverse (2012)
90	IV. Gazy Andraus – Entrevistas concedidas a Elydio dos Santos Neto
91	Primeira entrevista: Gazy Andraus comenta sobre seu trabalho com as histórias em quadrinhos poético-filosóficas (21.05.2007)
112	Segunda entrevista: 25 anos de quadrinhos e fanzinato (julho de 2012)
121	Referências
125	Anexo 1 - “A vida em um corazón!” (Gazy Andraus)
129	Anexo 2 - Material produzido e auto-editado por Gazy Andraus
142	Anexo 3 - “A síntese da síntese” (“O Estado de Minas”); HQ “Os homens armados de Paz”

Prefácio

Quadrinhos poético-filosóficos, da “marginalidade” à consagração acadêmica

Em meados da década de 1990 florescia no país uma produção de quadrinhos que em nada se enquadrava nos padrões do que era veiculado no mercado. De forma independente, circulando nos fanzines e autoedições, o que passou a ser chamado de quadrinhos poético-filosóficos era a expressão mais pessoal de jovens quadrinistas que ousavam experimentar usando os recursos da linguagem, propondo novas abordagens temáticas, estéticas e modo de criação.

Para aglutinar essa produção, foi criada a revista *Tyli-Tyli*, depois rebatizada *Mandala*, pela editora Marca de Fantasia, em 1995. De início, a revista se propôs a publicar os trabalhos de Flávio Calazans, Edgar Franco e Gazy Andraus, então os mais inventivos e prolíficos na área. Logo a revista tornou-se não só um registro da obra desses autores, mas promoveu o despertar de outros, que viram no “novo gênero” a oportunidade de expressão de suas visões de mundo e inquietações pessoais.

A *Tyli-Tyli/Mandala* durou seis anos, com 13 edições, uma vida curta, porém intensa. Nela viram-se surgir inúmeras propostas visuais e textuais beirando as linguagens poética, fantástica, filosófica. São muitas as denominações desses quadrinhos extraordinários, em que cada autor encontra sua própria definição. A efervescência dessa produção era um reflexo da ânsia dos jovens por compreender e revelar as confusões e os paradoxos de um mundo num ritmo acelerado de transformação.

A própria revista viveu seu processo de autorreflexão, ao veicular vários artigos que buscavam discutir os conceitos e motivações para esse gênero de criação artística. A discussão extrapolou o espaço exíguo da publicação e chegou à academia, em trabalhos apresentados em congressos e publicados em livros.

Um dos que mais se interessaram pelo estudo dos quadrinhos poético-filosóficos foi o professor Doutor Elydio dos Santos Neto, que realizou seu pós-doutorado no Instituto de Artes da UNESP com a pesquisa “As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação”. Com base no trabalho dos autores referenciais do gênero – Calazans, Franco e Andraus –, e tomando a *Tyli-Tyli/Mandala* como uma de suas fontes, a pesquisa de Elydio demonstrou a importância e a densidade dessa produção, resgatando-a da “marginalidade” da autoedição à relevância de objeto de estudo acadêmico de alto nível.

Em 2012, no quadro da editora Marca de Fantasia, Elydio propôs a edição de seu vasto material de pesquisa, basicamente as entrevistas que fundamentaram seu pós-doutorado, numa série de livros reflexivos sobre os quadrinhos poético-filosóficos. Nesse ano, saiu o primeiro título, *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas*, de autoria de Elydio. Outros pesquisadores também se interessaram pela série e lançou-se no mesmo ano o livro *Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão*, por Nadja Carvalho.

Em seguida foi a obra de Gazy Andraus que ganhou relevo na visão de Elydio dos Santos Neto. Gazy é um dos autores mais seminais dessa geração, radicalizando no processo intuitivo de criação. Sobre ele, é melhor acompanhar o profundo e brilhante trabalho de Elydio, que provoca e revira os conceitos engessados da academia.

Henrique Magalhães

Apresentação

No ano de 2012 Gazy Andraus completou 25 anos de dedicação às histórias em quadrinhos e ao fanzinato, inicialmente como criador de quadrinhos, como fanzineiro e, posteriormente, também como pesquisador de ambos os campos. Como tinha feito uma pesquisa sobre sua obra para o meu pós-doutorado, realizado no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (Santos Neto, 2010), e tinha a intenção de publicá-lo, então combinamos que a publicação seria feita em 2012, em comemoração aos seus 25 anos de quadrinhos e fanzinagem.

Como está claro, a publicação não saiu em 2012, mas em 2013, em função de alguns empecilhos. Mas, mesmo assim, resolvi manter o título originalmente pensado: “Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: 25 anos de quadrinhos e fanzinato”. O trabalho é fruto de uma pesquisa no campo dos quadrinhos poético-filosóficos, e quer ser uma contribuição para esta área, mas quer ser também, de certa forma, parte de uma celebração por tantos anos de fidelidade aos fanzines e aos quadrinhos, num marco culturalmente vivido como uma data importante.

Este livro, já de saída, apresenta uma história em quadrinhos de Gazy Andraus na capa e nas duas páginas seguintes. É uma HQ de três páginas, intitulada “Sina” e é uma das preferidas de seu criador. É uma HQ que alude ao fato de que as prisões são prisões até que o próprio encarcerado, não importa de que tipo de prisão está se falando, se dê conta de que o primeiro passo da libertação depende

dele próprio. Só obtém a libertação quem deseja, firmemente, ser livre e age para tanto.

O conteúdo interno tem, em sua primeira parte, o artigo “Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: Provoações de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida” que, no processo de pesquisa de meu pós-doutorado, foi inicialmente apresentado na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, mais especificamente no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ocorrido em Santos, entre os dias 29 de agosto e 2 de setembro de 2007, no Núcleo de Pesquisa de Produção Editorial. Este material, agregado de outros, constituiu-se no Capítulo III de meu Relatório Final de Pesquisa de Pós-Doutoramento. Neste artigo apresento o quadro de minhas principais referências teóricas de pesquisa (Paulo Freire, Stanislav Grof, Edgar Morin, Saviani, Palácios, Groensteen e Henrique Magalhães); dados biográficos de Gazy Andraus; influências em seu processo formativo como pessoa e como artista; a concepção antropológica – concepção de ser humano – que guia sua produção quadrinhística e fanzineira e, finalizando, apresento e analiso, à luz dos teóricos que assumi, sua HQ intitulada “Huri-zen”, publicada na íntegra neste livro em sua parte terceira.

A segunda parte traz breves comentários meus sobre as seis histórias em quadrinhos selecionadas para publicação neste volume, sendo que a HQ intitulada “Adverse-Reverse”, de 2012, é inédita. Se o leitor preferir pode saltar esta parte e ir direto às histórias em quadrinhos de Gazy Andraus, retornando posteriormente aos meus comentários, se achar conveniente, para conhecer indicativos de minhas interpretações.

A terceira parte apresenta seis histórias em quadrinhos, sempre na íntegra, selecionadas para possibilitar uma amostragem do trabalho de Gazy Andraus, cobrindo o arco histórico que vai de 1987 a 2012. A HQ “O único”, de 1987, foi seu primeiro trabalho publicado

em quadrinhos¹. Seguem “Casulo I”, de 1989, e sua sequência “Casulo II”, de 1993. Na continuidade está a HQ “Hurizen”, de 1996, analisada na primeira parte deste trabalho, seguida de “La Tierra – Ao Mar – Lo Ciel, A vida em um corazon”², de 2009. Esta parte encerra-se com a HQ “Adverse-Reverse”, de 2012.

A quarta parte mostra duas entrevistas de Gazy Andraus, na íntegra, concedidas a mim respectivamente nos anos de 2007 e 2012. Recomendo vivamente a leitura das mesmas, pois nelas Andraus coloca-se de maneira muito clara, e inteira, falando de seus processos formativos, das influências que recebeu, das escolhas que fez, dos momentos de parada e retomada do trabalho, do desafio que é ser desenhista de quadrinhos e fanzineiro, com produção poético-filosófica, neste país no qual este tipo de produção é marginal.

Após as Referências Bibliográficas, nos Anexos, há um texto de Gazy Andraus, Anexo 1, explicando o processo criativo da HQ “La Tierra – Ao Mar – Lo Ciel, A vida em um corazon”, paradigmático em relação aos seus processos criativos em geral. No anexo 2 há também a relação de todo material produzido, de maneira *solo*, por Gazy Andraus, material este auto-editado ou editado/publicado em alguma parceria. Em cada publicação Andraus escreveu um pequeno texto descritivo e acrescentamos, sempre, a imagem da capa. Finalizando os anexos está a reprodução da página 3E do jornal “O Estado de Minas” (Anexo 3a), do dia 01 de abril de 1998, quarta-feira, na qual o crítico Marcelo Castilho Avelar faz uma boa análise da HQ “Os homens armados de Paz”, de Andraus, publicada na Revista Fê-

1. Juntamente com as HQ “O Líder” (roteirizada por Fernando C. Feijó) e “Vil existência” (com texto e arte do próprio Andraus), no mesmo fanzine, o número zero (“0”) do Barata.

2. Leia-se a Advertência, escrita na primeira página desta HQ por Gazy Andraus, para que não se pense que há, no título, um erro de grafia.

mea Feroz, e que o jornalista intitulou “A síntese da síntese”. Segue, ainda no Anexo 3b, esta mesma HQ de uma página³.

Desejo que os leitores deste livro – talvez apreciadores das histórias em quadrinhos brasileiras, das histórias em quadrinhos poético-filosóficas e dos fanzines – tenham bons momentos de fruição e reflexão, inspirados pela produção de Gazy Andraus.

3. Neste anexo a versão dessa HQ foi colorizada originalmente por Jorge Del Bianco.

Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: provocações de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida

I. Introdução

As culturas e sociedades de nosso tempo vêm experimentando uma série de mudanças singulares em suas histórias. Estas mudanças têm exigido que se estabeleça um profundo processo de revisão dos fundamentos e valores que sobrevivem em tais culturas e sociedades. Não poucas vezes este processo de revisão tem gerado movimentos de crise e de busca de respostas alternativas. Vários estudiosos e pesquisadores têm explicitado estes momentos de crise: Morin (1993) fala em crise planetária; Bauman (1998) estudou o mal-estar da pós-modernidade; Touraine (1994) analisou o que chamou de modernidade triunfante e de modernidade em crise, verificando como vêm sendo construídos novos paradigmas para o desenvolvimento da vida pessoal e coletiva; Santos (2004) empenhou-se em jogar luzes sobre a crise do paradigma dominante no tocante ao processo de construção do conhecimento científico.

Neste contexto nossa humanidade contemporânea tem se defrontado – agora, porém, de forma radicalizada pelo enorme desenvolvimento científico, tecnológico e comunicacional – com os temas recorrentes do sentido da existência, da construção de uma sociedade

democrática e justa, da possibilidade de desenvolvimento de uma vida plenamente realizada, não para alguns poucos privilegiados, mas, para todos os viventes. Claro está que nossas condições atuais de vida planetária denunciam não apenas a dificuldade de construir vida digna e justa para todos, mas, apontam também para a possibilidade de destruímos o planeta e toda vida nele existente.

Tempos de crise são tempos em que todos os segmentos da cultura têm diante de si a tarefa de construir novas respostas aos problemas presentes. Respostas que ajudem a vislumbrar novos caminhos. É assim também para a arte, para a filosofia, para a comunicação e para a educação. Este trabalho explora, nas histórias em quadrinhos poético-filosóficas, em especial nas de autoria de Gazy Andraus, aspectos que se constituam em contribuição ao contexto específico de enfrentamento da crise cultural que contemporaneamente vivemos.

A escolha de Gazy Andraus justifica-se pelo fato de ser este um autor que figura desde o primeiro momento entre os chamados poético-filosóficos e por apresentar uma obra consistente na perspectiva das características dos autores desta tendência. Dono de um traço “nervoso”, espontâneo, desenhando muitas vezes direto no nanquim sem esboçar, é autor de um conjunto de trabalhos elaborados na perspectiva da reflexão, do autoconhecimento, da referência aos aspectos espirituais da existência, da crítica a muitos dos valores dominantes na sociedade de hoje, da preocupação com o despertar da consciência cósmica e da profunda interdependência que perpassa todos os viventes no planeta Terra. Dele diz Henrique Magalhães (2001b, p. 8):

Inspirado nos quadrinhos franceses da década de 1970, em particular da geração da inovadora revista *Métal Hurlant* e de autores como Druillet e Caza, Gazy Andraus tem desenvolvido uma das mais consistentes e inquietantes obras voltadas para os quadrinhos poéticos. Dos artistas que produzem esse

gênero de quadrinhos, ele é mesmo o mais visceral, o mais espontâneo e intuitivo.

Os desenhos de Gazy fluem de ideias nem sempre pré-concebidas. Um mergulho em suas meditações faz jorrar um vigoroso traço, ao mesmo tempo denso e caligráfico. Não há esboço em sua arte. Qualquer traço já é o definitivo, já é a arte-final. O resultado é que texto e traço, ideia e grafismo compõem imagens de forte expressividade e coerência.

2. Meu quadro de referências teóricas: o ser humano, a filosofia e as histórias em quadrinhos

Toda visão de mundo é sustentada por uma determinada maneira de compreender o ser humano e suas relações com o mundo. Um trabalho de pesquisa, também quando se dispõe a analisar a obra de um terceiro, igualmente tem fundamento e referência numa determinada maneira de compreender o ser humano e suas relações.

Entendo o ser humano como ser complexo e constituído por polaridades contraditórias que exigem dele um esforço de síntese: racional e irracional, consciente e inconsciente, utópico e histórico, material e espiritual, *sapiens* e *demens* (Morin, 2000). Com Paulo Freire (1982), compreendo o ser humano como um ser inacabado, político e aberto para construir na história a sua emancipação, pessoal e coletiva. Um ser chamado a “ser mais”, mas que pelos processos de dominação e exploração pode render-se ao “ser menos” e desumanizar-se. Por fim, com Stanislav Grof (1987), vejo o ser humano como hilo-holotrópico, isto é, simultaneamente direcionado para as realidades materiais (= hilotrópico) e para a totalidade (= holotrópico). Pela hilotropia o ser humano é matéria, células, sangue, carne, ossos, órgãos, vida social, trabalho, objetividade. Pela holotropia o mesmo ser humano busca sentido, percebe-se vinculado a todos os

viventes, pode vivenciar sua dimensão cósmica, religa seu mundo consciente com o mundo inconsciente, empenha-se por viver a espiritualidade não como uma imposição das religiões enquanto organizações sociais, mas como um princípio organizador e vivificador de sua própria existência.

É este ser, hilo-holotrópico, que vem criando a cultura que lhe permitiu, e ainda lhe permite, sobreviver e desenvolver-se em meio a tantos problemas, obstáculos e desafios. As artes, os processos comunicacionais e as diferentes propostas educativas fazem parte de sua criação cultural. Também as histórias em quadrinhos, daqui para frente HQ, ajudam a constituir este conjunto criativo que permite aos humanos lidar, ao mesmo tempo, com as exigências do mundo objetivo da história e das relações e, ainda, com as necessidades do mundo das subjetividades, do imaginário e do desejo. Ao expressar-se pelas artes-filosofia-ciência-religião, em diferentes canais de comunicação, vai exteriorizando sua maneira de compreender o mundo e, no diálogo com os outros humanos, a partir do exercício da reflexão, vai elaborando e reelaborando novas maneiras de intervir na natureza, na sociedade e no mundo.

Por isto o exercício da reflexão filosófica se configura para nós, seres humanos, de fundamental importância. Compreendo a reflexão filosófica como uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas da realidade que ameaçam nossas existências (Saviani, 1983), mas que não precisa, entretanto, ser construída necessariamente segundo o viés acadêmico. Há os que acreditam que somente é possível fazer filosofia na academia. Sem dúvida a academia é um espaço favorável à elaboração filosófica, mas não o único e nem necessariamente o melhor. Claro está que quem se dispõe a fazer filosofia na academia terá que estar atento aos padrões deste contexto que, em alguns casos e infelizmente, chegam a ser dificultadores para a reflexão filosófica. No entanto, é necessário lembrar que é

possível construir a reflexão filosófica fora de tal contexto. De acordo com Palácios (1997, p. 33):

Há outras condições para fazermos filosofia: ter espírito crítico, imaginação e poder argumentativo. Espírito crítico para não aceitar de mãos beijadas tudo o que nos é dito ou tudo o que lemos; imaginação para estar em condições de achar soluções saídas do labirinto em que nos encontramos e poder argumentativo para fundamentar racionalmente nossas intuições. Em outras palavras, nos comportarmos na filosofia como o fazemos como seres normais: avaliar o que escutamos ou vemos ou lemos, pensar se concordamos, avaliar, refletir e decidir as coisas por nós mesmos, como pessoas adultas que não precisam ser conduzidas pelas mãos de outros adultos.

Podemos, portanto, estar em condições de filosofar mesmo antes de saber que o fazemos.

Palácios (1997, p. 63) sugere ainda que este exercício de reflexão exige a expressão daquilo que está dentro de nós:

‘Procurei a mim mesmo’, diz Heráclito. Pois façamos isto. Procuremos a nós mesmos, escrevamos o que está dentro de nós, o que nós mesmos pensamos. (...) Temos as condições intelectuais para isso, não temos? Usemo-las e usemos. Que diferente ir a um congresso de filosofia no qual só se falasse o que cada um pensa, que expusesse o fruto das próprias pesquisas, do próprio trabalho, sem comentários, sem enésimas leituras; um congresso em que cada um tivesse a coragem de se expor e de dizer quem está certo e quem está errado e porque; dizer, também, porque o próprio expositor está certo.

Assim o exercício da reflexão filosófica, exercido com radicalidade dentro ou fora da academia, pode contribuir com a formação de seres humanos com capacidade de autonomia e de autoria. Se pensarmos que estamos num país que precisa que seus cidadãos se as-

sumam como autores de sua própria história, então teremos clareza da urgência da tarefa filosófica, como na perspectiva aqui sugerida.

Quanto às HQ, embora já tenha passado o seu pior momento – momento no qual eram consideradas prejudiciais à educação das crianças e dos jovens e também como uma forma menor de literatura, formando leitores com preguiça de pensar – ainda sobrevivem contra elas muitos preconceitos. Apesar de todos os estudos e debates que já se travaram mostrando sua riqueza cultural ainda há aqueles, e não são poucos, que as consideram tão somente um objeto de entretenimento:

O campo de expressão da história em quadrinhos ultrapassa o da narrativa de ficção. No entanto, foi no domínio do entretenimento que ela encontrou seu espaço privilegiado, a ponto de o grande público ter freqüentemente a HQ como sinônimo de evasão, de relaxamento, de leitura fácil (Groensteen, 2004, p. 19).

Pesquisadores dos campos da comunicação, da arte e da literatura têm feito um grande trabalho no sentido de reverter esse quadro e ajudar a ver as HQ como uma forma de arte (McCloud 2005; Eisner, 2001), um potente meio de comunicação (McLuhan, 1969; Moya, 1996) e uma criativa forma de linguagem que faz original síntese entre texto e imagem (Groensteen, 2004) e que, portanto, favorece a educação dos hemisférios cerebrais direito e esquerdo (Andraus, 2006a) podendo participar da elaboração de uma educação na/para inteireza (Santos Neto, 2006).

Também no campo das relações entre HQ e educação têm surgido estudos que mostram seu potencial como suporte didático às diferentes disciplinas escolares, seja com material produzido diretamente para tais disciplinas seja como material que recolhe informações de tais disciplinas na construção de sua narrativa e, assim, torna-se objeto interessante de estudos para as mesmas (Rama e

Vergueiro, 2005; Carvalho, 2006; Calazans, 2004; Andraus, 2006a; Pereira Junior, 2007). Há também estudos que apontam para a necessidade de “ultrapassar este nível de instrumentalização da história em quadrinhos e abordá-la não como pretexto, como auxiliar ou como utensílio, mas por ela mesma, e em todas as suas dimensões” (Groensteen, 2004, p. 42; Fernandes, 2006). Por certo não se trata de opor estas tendências, mas de conjugá-las.

É tomando como referência este quadro teórico que examinarei as HQ poético-filosóficas e, mais especificamente, o trabalho de Gazy Andraus.

3. As HQ do gênero poético-filosófico no Brasil

Desde o final da década de 1980 um grupo de artistas no Brasil vem elaborando uma produção no campo dos quadrinhos chamada por alguns de quadrinhos poéticos, como é o caso da preferência de Henrique Magalhães (2000, p.17; 2007), por outros de quadrinhos poético-filosóficos (Franco, 1997, p.54) e, por outros ainda de fantasia filosófica⁴ (Henrique Torreiro, organizador da Xornadas de Banda Deseñada de Ourense, Espanha, e da Expofanzines, catálogo de 1997, p.15). São representantes significativos deste grupo de artistas: Flávio Calazans⁵, Henry e Maria Jaepelt, Wally Viana, Edgar Franco, Gazy Andraus, Joacy Jamys e Antonio Amaral.

4. É a expressão preferida por Gazy Andraus, de acordo com entrevista a mim concedida (Andraus, 2007b, p.8).

5. De acordo com Franco (1997, p.56) Calazans pode ser considerado como um dos precursores do quadrinho de fundo filosófico no Brasil. Foi por muitos anos editor do fanzine *Barata*. Algumas de suas obras mais conhecidas são os álbuns: *Guerra das Idéias*, *Hipnose* e *A Guerra dos Golfinhos*.

Henrique Magalhães⁶ (2000, p.18) explicita as características das HQ poético-filosóficas e porque as classifica como história em quadrinhos de fato:

O ponto comum desses autores é a produção de quadrinhos de caráter muito pessoal, que poderemos considerar como sendo poéticos e filosóficos, pois aludem às questões mais interiorizadas de cada um. Outro elemento marcante é o rompimento com a formalidade dos quadrinhos comerciais, com a freqüente eliminação do quadro como limite espacial e pelo afluxo atípico da narrativa. (...) É certo que os quadrinhos podem prescindir do texto, mas não o contrário: não se concebe uma história em quadrinhos sem imagens. Portanto, o texto deve estar vinculado à imagem, complementando-a ou reforçando-a, sem descrevê-la literalmente. (...) Nesta categoria encaixo as histórias em quadrinhos ‘poéticas’. O texto divide com a imagem a função da comunicação, tornando-se inseparáveis e complementares. Como ocorre, aliás, com as melhores histórias em quadrinhos, de qualquer gênero. Não resta dúvida, portanto, que os ‘poemas ilustrados’ são histórias em quadrinhos e formam um gênero à parte, os “Quadrinhos Poéticos”. Nele, o autor trabalha sua subjetividade, aguçando a percepção do leitor e propondo novas formas de leitura. Uma leitura centrada na imagem que eventualmente é complementada pelo texto, que por sua vez apresenta-se repleto de subjetividade.

Magalhães ressalta o caráter pessoal da elaboração dos artistas de quadrinhos poético-filosóficos, daí a dificuldade de tais autores

6. Foi o editor que lançou, no Brasil, as primeiras revistas dedicadas exclusivamente aos quadrinhos poético-filosóficos. Natural de João Pessoa, Paraíba, onde criou, em 1975, a personagem de HQ *Maria*, publicada em tiras diárias em diversos veículos no Brasil e em Portugal. Fez Mestrado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e Doutorado na Universidade Paris 7, ambos com estudos dirigidos aos fanzines de histórias em quadrinhos. Atualmente é professor do Curso de Comunicação em Mídias Digitais na UFPB. Dirige a editora Marca de Fantasia (nome que tem origem no fanzine homônimo e que foi criado por Magalhães; www.marcadefantasia.com), lançando o fanzine *Top! Top!*, as revistas *Mandala*, *Quiosque*, *Maria Magazine* e a coleção Corisco, além de álbuns e livros sobre quadrinhos e cultura alternativa.

em encaixarem-se nas publicações comerciais, caracterizadas por personagens padronizados e que não dependem da troca de roteiristas e desenhistas para manterem suas identidades, fator que, como sabem os editores, tem forte influência nas vendas. O mesmo autor (2001a, p.19) destaca ainda o aspecto reflexivo como sendo uma das mais fortes características deste gênero de quadrinhos:

Os quadrinhos ditos poéticos têm como princípio a liberdade de expressão incondicional visto que fluem da subjetividade mais intrínseca do autor. Mais que qualquer outro gênero de quadrinhos, os poéticos, procuram traduzir as reflexões, os questionamentos, as inquietações do artista de uma forma muito pessoal e diferenciada do senso comum. Isto é o que torna o poeta por vezes um visionário, um sujeito que enxerga outras nuances da realidade. (...) Não é o caso de se afirmar que os quadrinhos poéticos devam proporcionar uma leitura fácil e não exijam algum nível de reflexão do leitor. Isto seria uma negação do próprio gênero, que tem por princípio o exercício da reflexão.

Em entrevista a mim concedida (conferir a primeira entrevista desse livro), Gazy Andraus embora não a negue, relativiza a influência de autores europeus – autores de HQ fantásticas como Caza, Moebius e Druillet – no processo de criação das HQ poético-filosóficas. De fato, responde Andraus (2007b) à pergunta se concorda que há influência da fantasia poética europeia na produção brasileira:

Sim, mas não consciente, e nem total. Já fazíamos assim aqui. Uma de minhas primeiras HQ foi “Vil Existência”, que trazia um estilo artístico similar aos das HQ com um viés narrativo europeu. Isso sem que eu conhecesse o quadrinho europeu direito. Porém, há uma diferença básica das HQ de lá e as daqui: aqui fazemos HQ curtas, “nervosas” e mais condensadas, e lá, não. Aqui, isso acontece, acredito eu, devido às idiossincrasias de nosso povo, afeito à influência mais direta e espiritual do que noutros lugares. Mas acho que aqui elas são mais incisivas

e mais diretas ao hemisfério direito do cérebro, do que as de lá. Na França, as HQ *non-sense* de Moebius têm essa conotação, e algumas antigas de Caza também. Atualmente, não sei dizer, mas parece que se renderam todos ao mercado, fazendo HQ longas, de epopéias, como os norte-americanos. A obra de Caza se diluiu e perdeu muito a força atualmente. Eu vejo as HQ fantástico-filosóficas (assim alcunhadas por Henrique Torreiro) como a contra-parte dos haikais, na forma de HQ: mensagens condensadas, visuais-literárias, para quebrar a mente racional, tal como os koans zen-budistas são utilizados pelos mestres para trazerem a mente cósmica a seus discípulos.

As HQ poético-filosóficas, por seu caráter autoral e não-comercial, encontraram seu espaço mais adequado de publicação nos fanzines, mas chegaram a ter também revistas independentes. É o caso da revista *Tyli-Tyli*⁷ que posteriormente, a partir do número 9, passou a chamar-se *Mandala*. Ambas foram publicadas pela Editora Marca de Fantasia, tendo como editor Henrique Magalhães, que explica, em entrevista a mim concedida (2007), porque a revista *Mandala* parou de ser publicada:

Com o tempo os quadrinhos poéticos passaram a ser muito herméticos, a representar uma viagem muito interiorizada dos autores. Ao mesmo tempo, vinham embasados cada vez mais numa bibliografia centrada nas novas tecnologias. Alguns quadrinhos, para serem entendidos, tinham que trazer um texto explicativo sobre cada referência. Isto complicou demais e até tirou a força comunicativa da linguagem dos quadrinhos, que é contar uma história em seqüência. Os leitores se afastaram ou perderam interesse pelo gênero, restando um círculo de alguns autores-leitores.

Apesar de minha insistência em continuar produzindo a revista, a procura foi diminuindo na medida em que aumentava o número de autores-colaboradores, o que me levou a crer que a

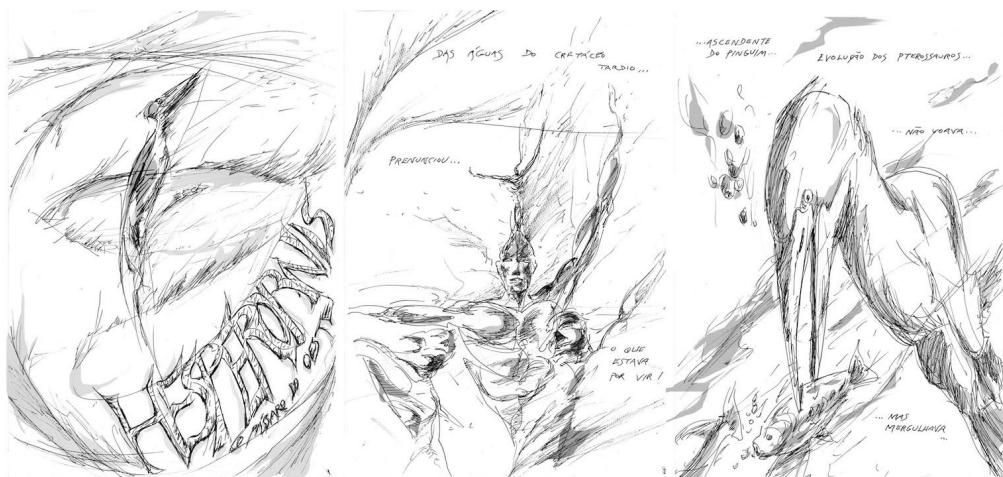
7. O nome da revista é uma homenagem a uma das principais personagens de Flávio Calazans.

publicação não estava saindo de seu restrito círculo. A última edição, número 13, não teve compradores, o que fez perder o sentido a continuidade de sua produção.

Outro fator foi a falta de periodicidade. Como a *Mandala* era uma produção independente, voltada para o meio dos leitores de fanzines, a distância de uma edição a outra fez com que os leitores perdessem o interesse pela publicação. Creio que isto ocorre com todas as publicações seriadas no meio independente. Prefiri partir para a edição de livros e álbuns, que são trabalhos fechados em uma edição e não dependem de periodicidade.

As HQ poético-filosóficas, portanto, ainda são pouco conhecidas no Brasil, embora recentemente, em 2007 mesmo, a revista *Língua Portuguesa*, de São Paulo, em trabalho assinado por seu editor Luiz Costa Pereira Junior, tenha dedicado uma extensa matéria, intitulada *Poesia em quadrinhos*, ao estudo deste gênero fazendo referências ao trabalho de Henrique Magalhães como editor, e aos trabalhos dos artistas Edgar Franco, Antonio Amaral, Flávio Calazans e Gazy Andraus.

Mais recentemente outra publicação que tem tido como escopo os quadrinhos poéticos é a *Camiño di Rato*, editada inicialmente por Matheus Moura e Rosemário Souza. A primeira edição foi lançada 2008 e, apesar de não se impor como uma publicação destinada a veicular esse tipo específico de quadrinho, desde já demonstrava tendências em apostar no gênero e nas histórias experimentais. Autores como Gazy Andraus, Edgar Franco, Al Greco, Soter Bentes e o próprio Rosemário Souza, estão presentes nessa edição e são eles, todos, autores de HQs poético-filosóficas – inclusive tendo, alguns deles, publicado na *Tyli-Tyli/Mandala*.



Capa de Andraus para revista *Mandala* n. 11 ao lado da revista *Camiño di Rato* n. 1, importantes publicações independentes para o gênero de quadrinhos poético-filosófico. Na sequência, parte da HQ “Hesperornis” de Andraus, publicada na *Camiño di Rato* n. 1

É importante, pois, deixar claro que as HQ poético-filosóficas têm como uma de suas marcas principais provocar a reflexão filosófica, não no sentido de gerar, necessariamente, textos rigorosos como na academia, mas no sentido de convocar uma reflexão mais aprofundada, na perspectiva das subjetividades de seus autores, sobre alguns aspectos da condição humana⁸.

8. Outros aspectos dos quadrinhos poético-filosóficos podem ser estudados no artigo escrito por Matheus Moura, acerca de minha pesquisa, na revista *Conhecimento Prático Filosofia*, n. 24: <https://gibiteca.com.blogspot.com/2010/06/revista-de-filosofia-traz-entrevista.html?m=0>

4. O trabalho de Gazy Andraus: provocativo, crítico, poético e espiritualizado

Gazy Andraus nasceu em 11 de janeiro de 1967 em Ituiutaba, Minas Gerais. Filho de pais libaneses foi gerado no Líbano e viajou para o Brasil no útero de sua mãe, nascendo em terras brasileiras. Iniciou-se no desenho ainda criança, mesmo antes de aprender a ler. Aos 7 anos começou a comprar gibis e seus pais acostumaram-no à prática de comprá-los uma vez por semana, ou mais precisamente nos finais de semana. Em texto produzido para o site do IBAC⁹ o artista conta sobre o “processo mágico” que tomava conta dele na véspera de cada compra, pois com a imaginação ficava visualizando o gibi que compraria no dia seguinte (Andraus, 2006b, p.3). Dos 7 aos 12 anos leu gibis de humor: personagens de Walt Disney, *Crás*, *Mortadelo e Salaminho*, *Cebolinha* e *Mônica* de Maurício de Sousa, *Gasparzinho*, *Lelo*, *Pantera Cor-de-Rosa*, *Luluzinha*, *Bolinha*, *Super-Mouse*, *Strunfs* (depois *Smurfs*), *Alceu e Dentinho*, a revista *Heróis da TV*, *Mad* entre outros. Foi uma fase em que não tinha interesse pelos heróis de traços realistas, apenas pelos de traços infantis ou caricaturais (idem, p.9). Outra característica desse período: desenhar muitos dinossauros juntamente com cenas onde aparecem pessoas.

Desde o início da adolescência, a partir dos 12 ou 13 anos, começou a ler gibis de super-heróis e a se interessar pelo desenho do ser humano de forma realista. Embora já conhecesse, por causa dos primos, as histórias de *Mandrake*, *Fantasma*, *Homem-Aranha*, e *Super-Homem*, é com *Batman*, os *X-Men*, e os *Vingadores* (*Thor*, *Capitão América*, *Visão*, *Homem de Ferro*) que sua imaginação vai

9. Gazy Andraus publicou uma série de artigos autobiográficos sobre sua relação com as histórias em quadrinhos, mas o site do IBAC (Instituto Brasileiro de Arte e Cultura), descontinuou a publicação.

ficar tocada e nos quais fará seu mergulho de leitor-desenhista. Entre 8 e 14 anos, trabalhando como *garçon* no bar e restaurante comercial de seu pai, desenhava, sem parar, monstros, super-heróis e fazia histórias em quadrinhos misturando esses elementos. Depois dos quinze anos, após a venda do restaurante de seu pai, a frequência do desenho diminuiu sensivelmente, voltando a crescer quando de seu ingresso no Ensino Superior, em 1986, na Universidade Federal de Goiás para cursar Artes Visuais. Com novos amigos e nova realidade cotidiana passou a se interessar pelas histórias de ficção científica e a apreciar melhor as capas de discos de Heavy Metal e de rock Progressivo, continuando a ler HQ. Entre o final de 1986 e início de 1987 conheceu Flávio Calazans que foi importante para sua constituição como desenhista de tendência poético-filosófica. Nas palavras do próprio Andraus (2007a, p.2):

Desenhei bastante também em Goiânia, durante um ano e meio, período em que fiquei lá, mas quase não fazia histórias em quadrinhos, tendo voltado depois ao Estado de São Paulo, reiniciando o curso de Artes na FAAP. Pouco antes disso, no final de 1986 para o início de 1987, retomei os quadrinhos. Aconteceu dessa forma: eu estava desestimulado com o curso (em Goiânia) porque havia muita greve, e também estava meio sem vontade de fazer HQ com super-heróis. Então, num dos retornos a São Vicente (cidade onde resido), conheci o Flávio Calazans num sebo de Santos. Ele se apresentou e me convidou para participar do fanzine “Barata” que editava em cooperativa com seus amigos do curso de publicidade da UNISANTOS. As HQ do Barata eram bem diferentes do *mainstream*.

Foi com esse estímulo que reiniciei a fazer histórias em quadrinhos, e logo na terceira HQ que fiz, meu estilo que misturava poesia e espiritualidade numa estética diferente, já principiou a aparecer.



Andraus em atividade no curso de Artes que realizou pela Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP/SP, entre 1987 a 1992 (depois de curta experiência no Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, de onde saiu devido às greves frequentes). As duas primeiras fotos trazem um trabalho artístico interdisciplinar unindo instalação, pintura, quadrinhos e fanzine, enquanto que as outras duas fotos o mostram em trabalho final artístico envolvendo pintura e material como papel, tecido e tela de arame, resultando numa pintura de faces e rostos similar às máscaras primitivas, porém lembrando as HQs que produzia naquele período. Foto de fevereiro de 2007. Arquivo Pessoal de Gazy Andraus.

A partir daí Gazy Andraus vai amadurecendo seu estilo de trabalho no qual se fundem intuição, imaginação e reflexão meditativa para criar uma fantasia filosófica que expresse o seu mundo interior e o desejo de criar uma realidade com maior integração e harmonia. É isto que seu traço rápido e despojado, em histórias curtas, manifesta conforme seu depoimento (idem, p. 2007a, p.2):

Fiquei 5 anos no curso da FAAP, onde experimentei várias técnicas e estilos, misturando em todas a minha estética quadrinhística, ao mesmo tempo que produzia, cada vez mais, HQ de temática e estética *sui generis*: um misto de estilo europeu na narrativa, com traços rápidos e meio “nervosos”, diretamente a nanquim, quase sempre com histórias curtas que iam geralmente de 2 a 8 páginas.

Em 1989, com amigos da FAAP, criou o fanzine *Matrix*, que foi premiado na categoria de melhor fanzine na 1ª. Bienal de HQ do Rio de Janeiro e na premiação HQMIX do mesmo ano. A partir de 1993, junto com Edgard Guimarães, passou a publicar os próprios fanzines, destacando-se, de modo especial, a tetralogia *Homo Eternus* que reuniu trabalhos já publicados em outros fanzines e histórias inéditas. Em 1994 viajou para a Europa e para o Líbano¹⁰. Nesta viagem adquiriu muitos quadrinhos europeus que serão estudados marcando ainda mais o seu estilo. No retorno continua a produção de trabalhos e sua publicação em fanzines, álbum e nas revistas *Tyli-Tyli*, *Mandala*, *Quadreca*¹¹.

10. Voltou ao Líbano em 1997 quando elaborou um artigo acerca dos caricaturistas de lá para a disciplina *O estatuto da Imagem Fixa – a Caricatura*, ministrada pelo Prof. Dr. Antonio Luiz Cagnin, na USP, como parte de créditos para a obtenção do título de mestre pelo Instituto de Artes da UNESP/SP. Tal artigo *Caricaturistas Contemporâneos do Líbano* foi apresentado no *INTERCOM - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* em Santos/SP, no ano de 1997. Nessa mesma viagem também fez sua exposição internacional individual de *HQs e Ilustrações na Academie Libanaise Des Beaux-Arts - ALBA, em Beirut/ Líbano*, no dia 29 de janeiro de 1997.

11. Revista com HQ e artigos sobre quadrinhos, criada em 1977; é produzida no Curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Andraus, além de desenhista, é também pesquisador do campo das histórias em quadrinhos. Esta formação mais sistemática iniciou-se com o seu Mestrado em Artes Visuais, defendido em 1999, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Mário de Alcântara Calazans. Sua dissertação intitula-se “Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)”¹² e nela se propôs a apontar as HQ autorais destinadas ao público adulto que contenham o Koan¹³ em suas estruturas narrativas.



Da esquerda à direita: Andraus em foto tirada na FAAP, porém caracterizado como na segunda foto no dia de sua defesa de dissertação de Mestrado em Artes Visuais defendida em 1999, na UNESP. Arquivo de Gazy Andraus

12. Disponível em: http://www.guiadosquadrinhos.com/monografiaview.aspx?cod_mono=15.

13. Andraus refere-se aqui às HQ que têm estilo direto e intuitivo como as mensagens koânicas, utilizadas pelos zen-budistas, nas quais existem enigmas sem solução racional, enigmas estes que obrigam a mente racional a calar dando lugar à religação com o cosmos e à manifestação da consciência cósmica.



Desenho feito por Andraus para o zine *Suplemento Koônico*, entregue no dia da defesa. Arquivo de Gazy Andraus

Com o término de sua dissertação passou a frequentar o Núcleo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos da USP (NPHQ-USP)¹⁴ na qualidade de pesquisador. Em 2002 ingressou no Doutorado na Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA-USP) e fez sua defesa em dezembro de 2006, com o trabalho “As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário”¹⁵, elaborado sob a orientação do Prof. Dr. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro, coordenador do NPHQ-USP. O objetivo deste trabalho foi mostrar que as HQ podem servir de auxílio diferenciado e sistêmico na educação, em especial, na educação universitária, assumindo como referência teórica, entre outros, o pensamento triádico de

14. Este núcleo de pesquisa mudou de nome e, atualmente, chama-se Observatório de Histórias em Quadrinhos, agregado à ECA-USP e sob a coordenação do mesmo Waldomiro de Castro Santos Vergueiro.

15. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/pt-br.php>.

Waldemar De Gregori (1999). Acumulam-se já muitos artigos sobre HQ escritos por Gazy Andraus em livros, revistas, sites especializados em HQ, jornais ou então apresentados em Congressos que acolhem as pesquisas sobre HQ, como o próprio Intercom.



Andraus numa de suas palestras à época em que participou do XXII INTERCOM – Congresso de Comunicação da INTERCOM (1999), no Rio de Janeiro-RJ, na Universidade Gama Filho, apresentando artigo “O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas (ou: Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos?)”, fruto de sua pesquisa de mestrado. Arquivo Pessoal de Gazy Andraus (a máscara foi usada no momento em que explicou os koans)

No tocante ao seu desenvolvimento como artista, em entrevista a mim concedida (2007b), Andraus disse que sua arte sofreu influências de Caza naquilo que chama de sua fase cósmica, pela universalidade de suas HQ, e pela beleza poética de seus textos e imagens. Vê entre seu trabalho e o de Druillet algumas proximidades: a similaridade dos traços, a criação de histórias a partir da intuição e sem

roteiro prévio. De Moebius bebeu a liberdade dos traços e a liberdade de criar roteiros distintos dos padrões narrativos das histórias de super-heróis norte-americanos. Finalmente, destaca a importância da obra de William Blake em seu processo formativo como artista, sobretudo por conta de sua percepção da semelhança entre as atitudes do poeta místico e suas próprias atitudes (idem, p.4).

E qual a concepção de ser humano que Andraus defende? Ele mesmo responde (2007b, p.1):

(...) concluí que nossa civilização prima em primeira instância pelo trabalho (dinheiro) e depois, sem muita importância, com a questão da própria “humanidade” no sentido que dou, de gregário, fraterno, amoroso. (...) Assim, o ser humano, na minha visão, é como disse Teilhard de Chardin, um ser que está momentaneamente esquecido de sua condição cósmica, buscando, ainda que não o saiba, experienciar outro estado, para depois retornar de forma renascida e ampliada a um estado espiritual muito diferente do que nossa mente tridimensional possa conceber, e que está intimamente ligado ao fraterno e ao amoroso.

A concepção de ser humano de Gazy Andraus aproxima-se, pois, sob certos aspectos, da concepção de ser *complexus* defendida por Edgar Morin (2000, p.59), isto é, um ser tecido mediante o cruzamento de inúmeros e diferentes fios. Assim, para Andraus, o homem é, corporal, cósmico, gregário, fraterno, amoroso, tri-cerebral (racional, intuitivo, administrativo), espiritual, consciente, necessitado de manter viva sua “criança” para desenvolver-se, mas, ao mesmo tempo é irracional, inconsciente, capaz de negar-se por sua “adultez”, materialista, fratricida, com poder de deixar-se tomar pelo ódio e de deixar-se levar por uma vida sem sentido. Mas como é incapaz está sempre na possibilidade de desenvolver-se, evoluir, amadurecer e sair de uma situação de inconsciência ou de menor consciência e progredir para uma condição de consciência expandida,

consciência cósmica, na qual perceba a ligação de interdependência que existe entre todos os viventes e, assim sendo, consiga viver de modo fraterno, alegre e amoroso.

Nesta sua visão há influências de pensadores que Andraus estudou detidamente, a saber, Huberto Rhoden, Krishnamurti, Trigueirinho, Bergier, Teilhard de Chardin, Howard Vernom, William Blake, Lao Tse e, mais recentemente, Jung, Rupert Sheldrake, Stanislav Grof e Waldemar De Gregori. A este seu modo de compreender o ser humano corresponde, me parece, perfeitamente aquilo que William Blake anuncia em “Matrimônio do Céu e do Inferno” (2004, p.11): “Sem Contrários não há progresso. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência Humana”.



Gazy Andraus, em seu estúdio em São Vicente (SP), segurando um original de sua autoria.
Foto do autor, em fevereiro de 2007. Arquivo Pessoal do autor

Se há coerência em minha afirmação, feita ao início deste trabalho, de que toda visão de mundo é sustentada por uma determinada maneira de compreender o ser humano e suas relações com o mundo, então toda a obra criativa de Gazy Andraus – desde os temas que escolhe para explorar em suas HQ até os trabalhos acadêmicos que redigiu e artigos que escreve, passando pelo processo segundo o qual sua produção é gerada – está fundada nesta concepção de ser humano que ele defende. É ela que lhe permite abordar, graficamente pela arte sequencial, um enorme repertório de temas – existenciais, espirituais e filosóficos – como: o sofrimento e a cruz, a morte, a esperança, o destino, o ego encapsulado em si mesmo, a mente humana, o feminino materno, a consciência planetária, a consciência cósmica, o imediatismo e o consumismo, o autoconhecimento, a tensão entre as polaridades masculina e feminina do ser, as lutas e contradições internas do ser humano, a fraternidade, a fraticidade, a evolução dos homens e dos animais, a espiritualidade, o inacabamento humano e a construção da liberdade.

Da mesma forma é seu modo de compreender o ser humano, e de se compreender, que lhe permite um processo criativo no qual ao som de músicas, muitas vezes Heavy Metal ou Rock Progressivo, “abre” o canal do hemisfério direito de seu cérebro e vai recebendo, direto de sua intuição atenta ao cósmico, as imagens que vão compor a próxima HQ e que são desenhadas, sem esboços, com o traço de nanquim livre e solto diretamente sobre o papel, numa já arte-final. Esta postura é também uma manifestação da influência do taoísmo (Andraus, 2007b, p.5-6) na vida e obra deste artista que, coerente com esta visão de mundo, busca deixar fluir livremente em si as vibrações que sua sensibilidade consegue captar. É uma posição que, teórica e praticamente, se opõe àquela – fragmentadora, mecanicista e dependente do cérebro racional – que é característica

do atual paradigma dominante em nossa cultura ocidental, o paradigma newtoniano-cartesiano (Grof, 1987, p.11-17).

Antes de apresentar uma das HQ de Gazy Andraus quero trazer as palavras de Flávio Calazans (1993) ao apresentar o trabalho deste artista no fanzine¹⁶ *Homo Eternus*¹⁷ (1993a, 1993b, 1993c e 1993d):

No ambiente universitário, Gazy pesquisou as formas de expressão criativas do Hemisfério direito do cérebro, realizando obras de arte inspiradas nos milenares processos de arte chinesa taoísta espontânea, na fluência da pintura zen, nas obras orientais, cuja tradição admite ideogramas juntos com imagens.

Gazy identificou esta tradição renegada pelo ocidente na arte sacra das catedrais medievais, com a Via Sacra nas paredes, quadrinhos em pedra, e nas pinturas de santos com filacteras (balões com textos saindo da boca).

Em sua pesquisa, ele encontra artistas plásticos como Blake, na Inglaterra do século XIX, em cuja obra inspirada e mística coexistem poemas e desenhos juntos, tal qual o gênero E-Makimono japonês.

Assimilando e vivenciando estas técnicas com a escrita automática dos surrealistas, desenho fluente e inconsciente como o do francês Druillet, Gazy compõe sua obra.

Um quadrinho de autor pessoal, intenso, coerente em forma e conteúdo, que reflete as crenças, esperanças e temores do mundo interior de Gazy.

16. Gazy Andraus tem uma publicação sob a forma de álbum, editado pela editora Marca de Fantasia, que é o trabalho *Ternário M.E.N.* (2001). Tem também uma participação na *Brasilian Heavy Metal*, publicado em 1996 pela Comix, com a história “Terra e Plantio”. Os demais trabalhos estão publicados nas revistas *Tyli-Tyli*, *Mandala* e *Quadreca*, assim como em inúmeros fanzines editados no Brasil e no exterior, sendo que em terras brasileiras é necessário destacar sua participação, ao longo de anos, no fanzine *Barata*, onde iniciou tudo.

17. *Homo Eternus* é um fanzine em 4 volumes, editado por Gazy Andraus e Edgard Guimarães, e que faz uma compilação da obra de Gazy Andraus entre 1987 e 1993. Nota do editor: atualmente tGazy tem suas publicações sendo inseridas em PDF no site Marca de Fantasia.

Apaixonado por seu trabalho, envolvido pela obra, Gazy é radical, não cede aos apelos comerciais de editores mal-intencionados, desenhistas frustrados que subestimam os leitores e que sugerem alterações que descaracterizariam seu estilo em troca de publicação para o grande público.

5. Apresentando uma HQ de Gazy Andraus: Hurizen

Hurizen é uma HQ que compõe o volume 1 de *Homo Eternus*. Produzida em 1990, em 10 páginas (conferir a quarta HQ da Parte 3 deste livro¹⁸), tem seu personagem central, Hurizen, inspirado no personagem Urizen, de William Blake, do livro *The First Book of Urizen*, de 1794.

A página 1 da HQ, traz em letras grandes desenhadas por Gazy Andraus, no topo da página e centralizadas, o título da HQ: HURIZEN. O desenho mostra o personagem sentado sobre uma pedra, de costas e com a cabeça abaixada. Na pedra está gravado: “Meu pranto torna os lagos mais cheios”.

A página 2 é uma composição de seis imagens, a partir de focos diferentes, de Hurizen. Os desenhos focam o corpo, o rosto de perfil, os olhos, a boca e um braço. As imagens não estão divididas pelos quadros habituais dos quadrinhos, mas por riscos “emaranhados” e “nervosos” que ajudam a imprimir dinamicidade às cenas. Com as expressões dos olhos, da boca, da mão e do corpo, Hurizen se apresenta: “Eu sou Hurizen. Meu nome é força! Eu domino! Eu crio! Eu ordeno! E eis que se cumpre!”.

A página 3 inicia-se com uma silhueta na qual se identifica Hurizen sentado, solitário, sobre a pedra, que já começa a se mostrar sob a forma de uma imensa coluna, ainda falando de si mesmo: “Eu

18. Seria interessante a leitura dessa e das outras HQs antes de minhas reflexões e análises, para talvez o leitor não se influenciar por elas e ter seu entendimento em primeira instância, concluindo-o às minhas.

sou Hurizen! Só eu domino!”. As cenas seguintes mostram Hurizen tendo sua solidão quebrada por quatro elementais (“Nós, Hurizen. Nós, os que jamais fomos criados, mas que sempre existem”) e reagindo indignadamente: “Quem é? Quem se atreve a mencionar meu nome? Quem lhes permitiu vir a mim? Que afronta é esta para com o onisciente?”. À sua reação os elementais o questionam: “Se é mesmo onisciente...Deus...como nem sabe a que viemos? Como nem soube quem éramos? Ou pior...como nem soube que viríamos?”. A última imagem desta página mostra o rosto irado de Hurizen, de perfil, exclamando: “Não ousem questionar meu poder!”.

A página 4 continua a mostrar o diálogo questionador/desconstrutor “imposto” pelos elementais. No topo da página aparece um Hurizen “todo-poderoso”, de braços abertos, dizendo: “Eu sou o Tudo. Vocês o Nada!”. Os quadrinhos seguintes, três imagens em requadros que se superpõem à cena na qual Hurizen está de braços abertos (“todo-poderoso”) sobre a coluna de pedra, mostram os elementais trazendo novo questionamento: “Pois então...que é o Tudo...sem o Nada...senão...Nada? Sem nós, você inexistente!”.

A página 5 apresenta o início da “destruição” de Hurizen. São quatro imagens, sem requadros, nos quais Hurizen vai sendo tomado/envolvido pelos quatro elementais que dizem: “Sem nós você não domina...e se não domina...é dominado! Mas para quê quer ser dominador de tudo...se não domina...”. A última imagem mostra o início do desequilíbrio de Hurizen no topo da coluna de pedra.

A página 6 apresenta a continuidade do desequilíbrio de Hurizen: são três imagens (observe-se que Hurizen tomba numa sequência de sete imagens, isto é, na dinâmica de um ciclo da existência humana) nas quais ele perde o equilíbrio, cai do topo e estatela-se no chão. Sabe-se por causa da onomatopeia na última imagem: BLAM! A fala dos elementais, em sequência à anterior (“Mas para quê quer ser dominador de tudo...se não domina...”), prossegue, enquanto Hurizen

cai: “... A si... mesmo?”. Esta mesma página mostra os elementais tomando a forma de uma “coroa” ou de uma “cabeça” que se cola à coluna de pedra.

O resultado desta junção começa a aparecer na página 7, na qual é possível entrever algo como um osso em *close*.

A página 8 mostra a mesma imagem anterior, porém mais distanciada e é possível perceber uma mão esquelética próxima a um osso, possivelmente num chão de terra. Da “coluna” (seria a coluna dorsal de Hurizen?) transformada em osso se desprendem energias que revelam ali a presença dos quatro elementais: a água, o fogo, o ar e a terra.

A página 9, com o que seria uma câmera cinematográfica em *zoom out*, deixa ver claramente o esqueleto de Hurizen encoberto por terra e areia ao lado da “coluna” transformada em osso.

A página 10 fecha a HQ. É a mesma cena anterior, porém, com maior distância, como num *zoom out* final. Da coluna, tomada pelos elementais e transformada em osso, brotam as seguintes palavras: “O que queima? O que molha? O que sopra? O que cobre?”. Logo abaixo do esqueleto soterrado de Hurizen está escrito: “O destino de todo Deus-Falso consiste em jazer sob as areias do solo. Os quatro elementos naturais (Água, Fogo, Terra e Ar) se encarregam de pô-lo em seu devido lugar, visto que eles são a manifestação direta do verdadeiro Deus... o único Hurizen!”. A página termina com uma explicação do autor em letras minúsculas: “O nome Hurizen é inspirado na personagem criada pelo artista visionário do século XVIII William Blake (batizado por ele Urizen)”. Há assinatura de Andraus e a data: 1990.

6. Comentando a HQ Hurizen

Gazy Andraus considera este trabalho um dos melhores que produziu (Andraus, 2007, p.5):

E então veio Hurizen. Esta HQ é simbólica. Nela já não há mais elaboração à lápis, é tudo direto à nanquim e caneta. Depois que a fiz, relendo, incluí mais uma página entre as finais para a seqüência ficar mais “cinematográfica”. Mas meu processo criativo nela sintetizou tudo o que eu vivia: o existencialismo, a opressão mental e espiritual, a solidão, o curso de artes e as informações, como os trabalhos de Blake. Mas eu também sentia arroubos espirituais internos, principalmente à noite! Partindo daquele desenho do sujeito na rocha, resolvi dar seqüência a ele, e me foram surgindo detalhes, sob influência até do desenhista Bill Sienkewicz (na forma dos 4 seres elementais que afrontam Hurizen). Toda a diagramação e estrutura da HQ é simbólica e criativa, tendo vindo direto no processo criativo. Minhas HQ lembram um pouco os desenhos taoístas, justamente porque são feitos direto à tinta, com o potencial do hemisfério direito aflorado, como fazem os taoístas ao pintarem e desenharem. Hurizen é uma metáfora quadrinhística e cinematográfica que me veio, a qual até hoje me assombro com a forma como ela resultou. Se eu a elaborasse racionalmente, tenho certeza que ela não teria tal força.

Ela mostra a fragilidade do ego humano, e que temos que nos transcender para não perecermos na ilusão. De certa forma, a figura do Deus-falso Urizen de Blake, se re-manifestou no meu Hurizen. Tenho certeza que a essência e a premissa que Blake quis colocar em Urizen, eu refleti no meu Hurizen.

É uma obra forte, aberta e que considero, junto à “Retorno Evolutivo” e “Sina”, das melhores que produzi.

Esta é, portanto, uma HQ sobre a solidão e o sofrimento do ego encapsulado em si mesmo. A história abre-se com uma frase que faz

referência à dor e ao sofrimento de estar só: “Meu pranto torna os lagos mais cheios”. A solidão de Hurizen não é uma solidão amorosa, mas sim rancorosa. Hurizen julga-se Deus, o onisciente, o todo-poderoso. Curioso “todo-poderoso” que está de costas para o mundo e para a vida, isolado sobre uma coluna de pedra sem comunicar-se! Hurizen é a expressão do desejo de ser o centro do poder e o centro do controle. Ao assim desejar e ao assumir a postura de quem é este centro, Hurizen, contraditoriamente, vai explicitando sua fragilidade, embora com a ilusão do poder. As seis imagens da página 2, ângulos diferentes de Hurizen, permitem perceber também um Hurizen fragmentado, aos pedaços. Perceba-se que a fragmentação é também uma das características principais do paradigma newtoniano-cartesiano que, num esforço de especialização e aprofundamento, acaba por perder a visão de conjunto. A fragmentação da percepção de si mesmo é tão ruim quanto a fragmentação da visão do mundo.

A dúvida introduzida pelo questionamento dos quatro elementais – os quatro elementos básicos e mais simples da natureza – vai promover a desconstrução da ilusão de Hurizen, pois este não consegue responder aos problemas que emergem do diálogo maiêutico dos quatro elementais. Os elementais ajudam a revelação, e autor-revelação, da fragilidade de quem se pretendia onisciente. Hurizen acaba-se em ossos e areia, que simbolizam nossa historicidade/inacabamento e nossa impermanência.

À luz de Paulo Freire é possível dizer que é uma história que convida para o diálogo com os outros seres humanos, com os demais viventes e com o mundo. Inacabado, questionador, crítico e desejoso de “ser mais” o ser humano somente pode fazê-lo numa relação de diálogo e tolerância. Diálogo e tolerância que, se por um lado, não suprimem a racionalidade e a necessária percepção de que as pessoas são diferentes e veem o mundo de maneiras diferentes, exigem, por outro

lado, a amorosidade e a capacidade de compreensão, que apenas são possíveis quando o ser humano sai do isolamento do próprio ego. Na perspectiva de Grof, sair deste isolamento é uma tarefa que exige um permanente movimento de morte e renascimento: morte para as atitudes do ego encapsulado; nascimento para as realidades além do ego, realidades transpessoais que podem ser religadas ao mundo biográfico e cultural de cada indivíduo, trazendo a possibilidade de uma vida com maior capacidade de integração e realização.

7. Considerações finais

Ao concluir este trabalho quero trazer as seguintes considerações:

- A obra de Gazy Andraus, conforme se demonstrou, é uma criação que pode ser identificada como HQ do gênero poético-filosófica;

- Tem por fundamento uma compreensão holística (leia-se holo-holotrópica, conforme Grof) e complexa (Morin) do ser humano, o que possibilita uma atenção do artista aos temas existenciais, espirituais e filosóficos da condição humana;

- Este mesmo fundamento holístico possibilita ao artista trabalhar com os hemisférios cerebrais direito e esquerdo de forma integrada, ainda que suas obras em HQ sejam uma expressão maior de sua atenção para com o hemisfério direito e o universo da intuição, da estética, da meditação e da visão de síntese;

- O exercício da racionalidade, em Gazy Andraus, manifesta-se com mais força em seu trabalho como pesquisador reflexivo do campo das HQ, que se expressa em abundante obra composta de trabalhos acadêmicos e artigos;

- A reflexão é uma das características centrais de seu trabalho em HQ que, por isso mesmo, pode ser entendido como uma provocação aos leitores. Provocação poético-filosófica. Provocação que nasce de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida;

- Assim, é uma obra que pode trazer interessante contribuição para o processo de constituição do si mesmo neste momento de transformações culturais que vivemos. Ao provocar a reflexão filosófica – mesmo sem assumir como pontos de partida e chegada textos dissertativos, rigorosos e densos – a obra de Gazy Andraus pode ajudar o processo de despertar-se e construir-se em direção a uma vida com capacidade de autoria, autonomia e responsabilidade social e dialogal.

Gazy Andraus tem, no entanto, o desafio de continuar a produzir sua obra numa cultura cujo mercado oferece muitos obstáculos para acolhê-la e divulgá-la. Que o artista consiga manter vivo o entusiasmo apaixonado que vem demonstrando pelas HQ, por sua obra e pelo conjunto dos viventes, pois está aí um trabalho capaz de provocar transformações na direção de uma cultura com mais amorosidade, alegria e beleza. (Nota do editor: atualmente, Andraus publica seus artezines no site Marca de Fantasia na seção “Parceiros”).

Breve comentário sobre as HQs de Gazy Andraus presentes neste volume

Já apresentei, na primeira parte deste livro, as referências teóricas que alimentam minha visão e meu pensamento. É a partir também destas referências que eu comento, a seguir, cada uma das seis histórias em quadrinhos de Gazy Andraus publicadas neste volume¹⁹.

O *Único*, de 1987, HQ publicada no número especial do fanzine *Barata*, sob responsabilidade do Núcleo de Quadrinhos da Cooperativa Barata, existente desde 1979 e, no ano de 1987, comemorando, com aquela publicação, oito anos de existência. Por isso este *número especial* saiu com o número zero. Esta HQ marca a estreia de Gazy Andraus no mundo dos quadrinhos alternativos e dos fanzines. A história e os desenhos são de autoria de Andraus, e já se nota aí o que seria sua marca posteriormente: a preocupação com a condição humana, a crítica à postura beligerante de grande parte dos seres humanos, o questionamento quanto à perda da fraternidade na comunidade humana e a possibilidade de estarmos, enquanto grupo humano, construindo o nosso fim. A quadrinização é bem influenciada pela dinâmica dos quadrinhos de super-heróis, sendo que, a este tempo, Andraus afirma que sofria forte influência do desenhista

19. Reitero que seria interessante a leitura dessa e das outras HQs antes de minhas reflexões e análises, para o leitor talvez não se influenciar por elas e ter seu entendimento em primeira instância, concluindo-o às minhas.

norte-americano Neal Adams, famoso por ter remodelado super-heróis como Batman e Lanterna Verde.

No processo dos anos que se seguiram Andraus foi se libertando da matriz norte-americana dos super-heróis e criando seu estilo próprio: desenhos soltos, sem a utilização de materiais de apoio, na maioria das vezes desenhados diretamente com o nanquim, sob influência de músicas e a atuação do lado direito do cérebro. A história mostra entidades demoníacas explicitando ao Único ser humano sobrevivente no planeta o grande poder de destruição que a humanidade desenvolveu. Embora o Último ser humano pereça no final, a HQ deixa em aberto o futuro desta humanidade: “Talvez não haja esperança jamais! E mesmo que houvesse ela morreria com este último homem. ... Ou talvez não?”²⁰.

Casulo I, de 1989, porém publicada posteriormente na importante coletânea *Homo Eternus*, volume um, de 1993. Repare-se que esta HQ não tem título. Somente posteriormente Andraus incorporará o título Casulo I. Na primeira cena traz uma imagem daquilo que parece ser uma semente, no formato de um coração, entre dois quadrinhos. A “semente” está ligada aos quadrinhos por nove fios: quatro fios ao quadrinho da esquerda, cinco fios ao quadrinho da direita. A “semente” começa a se mexer e a se romper. Não é uma semente. É um casulo. É um útero. O casulo-útero passa por um momento de metamorfose, de transformação. Um ser começa a sair de dentro do casulo-útero. O ser parece meio confuso, meio perdido. Está desequilibrado. Quase cai no vazio entre os dois quadrinhos, pois o casulo-útero já não mais existe. O ser se segura entre os dois quadrinhos

20. Edgar Morin tem uma obra publicada em 2011 no Brasil, pela Editora Bertrand do Brasil, em que aborda, em termos filosóficos, a mesma temática escolhida por Gazy Andraus para esta narrativa imagético-textual: *Rumo ao Abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*.

e começa a se equilibrar. Aos poucos vai trazendo os quadrinhos para perto de si e vai juntando os dois quadrinhos, fazendo um só. E faz dele a sua casa. O ser se acha no quadrinho. Aí o quadrinho não é uma prisão, como talvez possa parecer. O quadrinho é o espaço no qual o ser é. E é por inteiro.

A primeira coisa que eu pensei é que talvez esta seja uma sequência autobiográfica. É o processo de nascimento do próprio Gazy Andraus. Como todo processo de nascimento, como sugere Stanislav Grof, é um processo de Morte e Renascimento. Morte para a vida do útero. Renascimento para uma nova vida. O processo oferece momentos de desequilíbrio e de ameaça à vida: o risco da morte. Andraus encontra o novo espaço no qual pode ser por inteiro e encontra um novo equilíbrio, uma vez que o casulo no qual foi gerado já não existe mais: *a arte sequencial*²¹.

Depois fiquei pensando que, além de ser autobiográfica em relação a Gazy Andraus, esta sequência pode ser também uma história universal de nossa psique humana. Somos gerados por nove meses (os nove fios que Gazy Andraus desenhou: 4+5) no útero materno, que está ligado ao inconsciente coletivo da humanidade (simbolizado pelos dois quadrinhos aos quais o útero está ligado). A história sugere que o mundo visto em imagens sequenciais está “impresso” na psique humana. Seria real isto? Seria esta uma das origens mais profundas da Arte Sequencial? Pode ser. Afinal, o que são os nossos sonhos noturnos, nossas memórias recuperadas, os filmes que tanto gostamos de assistir senão sequências de imagens com as quais nos comunicamos com o nosso mundo interno e também com os outros seres humanos? Se pensarmos assim talvez consigamos entender porque as HQs são uma criação cultural genial. Elas guardam uma relação muito íntima

21. Termo utilizado por Will Eisner para referir-se às Histórias em Quadrinhos (Eisner, 2001).

com o nosso mundo interno, com nossa psique, e com o modo como ela se relaciona com o nosso mundo externo e culturalmente construído. Outros nomes possíveis para a história “Casulo” poderiam ser: “Casulo: um pedaço da história de Gazy Andraus”, ou ainda, “Casulo: a natureza imagético-sequencial da psique humana”.

Casulo II, de 1993, foi posteriormente publicada, em 2001, no álbum *Ternário M. E. N.*, pela editora Marca de Fantasia, de João Pessoa, sob responsabilidade de Henrique Magalhães. Segundo Andraus quando fez a primeira história com base na ideia de Casulo ele não pensara numa sequência para a HQ. Posteriormente é que veio a ideia e também os títulos Casulo I e Casulo II. Ambas estão ligadas à ideia de nascimento e às energias humanas exigidas para tanto. Não é fácil nascer. Demanda esforço, luta, aplicação. Stanislav Grof, em suas pesquisas sobre a consciência humana, afirma a importância da experiência traumática do nascimento para a constituição do humano concreto na existência (Grof, 1987). Para ele existe um aprendizado, realizado individualmente no momento do trauma natal, que, juntamente com outras lembranças, fica registrado no inconsciente humano e tem repercussões na vida pós-natal. Como a vida humana exige que com muita frequência vivamos processos de morte e renascimento (relacionamentos, vida profissional, vida emocional etc.), então este aprendizado é, em muitos momentos, vivido, revivido e reinventado. E precisa ser assim para que a vida continue sendo vida.

Nesta perspectiva o trabalho Casulo II de Gazy Andraus registra imageticamente a luta de um ser humano para seu nascimento/re-nascimento. A primeira imagem mostra apenas uma pequena fissura num grande Útero que pode ser um grande abrigo qualquer, mas pode ser também, e as imagens são bem sugestivas de tal, a Terra, daí porque daqui para frente eu o chamarei de Útero-Terra. Na segunda imagem um ser humano aparece fazendo grande esforço para

ampliar a abertura da fissura no Útero-Terra. Já se intui que é uma luta pela liberdade, pois todo útero tem um tempo determinado para sua tarefa, findo o qual a liberdade precisa acontecer senão a vida fica ameaçada. Na terceira imagem o ser volta a ser pressionado pela fissura, numa demonstração que o processo de libertação dali não será fácil. Nas imagens seguintes seu corpo trabalha com toda a força dos músculos para conseguir o objetivo e na nona imagem o ser já está de pé e bem próximo da libertação. A décima imagem mostra-o “cavando”, abrindo a saída pelo Útero-Terra. Na décima primeira e décima segunda ele empreende o voo da liberdade. Estas imagens podem remeter a qualquer luta que exija morte e renascimento e, neste sentido, são imagens arquetípicas.

Hurizen, desenhada em 1990, na fase mais criativa de Gazy Andraus que começou em 1989, segundo ele diz na primeira das duas entrevistas deste livro: “De repente, numa fase nova, em 1989, ‘senti’ um impulso interno e vi que dava para fazer HQ fantásticas, um pouco como os europeus – e agora percebo essa influência nitidamente! – com seres quase humanos caminhando em desertos fantásticos confabulando sobre a existência”. Inspirada no *Urizen* de William Blake, de quem Andraus é entusiasmado admirador e estudioso de sua obra, foi publicada em 1993 na quadrilogia *Homo Eternus*, coeditada por Edgard Guimarães. Abstenho-me, aqui, de fazer novos comentários, pois esta HQ está comentada no artigo que abre este livro, logo após a apresentação. Se o leitor desejar pode remeter-se a ele. Vou dizer apenas que é uma história simbólica sobre o ego encapsulado em si mesmo. O ego fechado ao mundo e às pessoas, que se considera o centro, o poder, a realeza inquestionável. E sobre como as energias primárias e mais simples deste mundo fazem Hurizen descer de seu trono de arrogância.

La Tierra – Ao mar – Ao Ciel, A vida en um corazon, criada por Gazy Andraus em 2009 e publicada no *Zine Royale* n. 4, de Jozz, pelo selo independente Quarto Mundo. No Anexo 1 deste livro você encontrará uma explicação de seu criador sobre o processo utilizado para sua elaboração, bem como uma interpretação básica. Preste-se atenção na explicação que o autor dá sobre o motivo pelo qual aparecem textos em “portunhol”, pois aqui não me deterei nisso. Há dois símbolos que chamam a atenção nesta HQ: o dragão e o coração. Ambos os símbolos são muito complexos e, em diferentes culturas, apresentam possibilidades de interpretação muito diferenciadas. O símbolo do dragão é ambivalente, pois pode representar tanto as potências demoníacas como os seres espirituais que guardam tesouros e trazem felicidade: “O dragão nos aparece essencialmente como um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas. Ele é, na verdade, o guardião dos tesouros ocultos, e, como tal, o adversário que deve ser eliminado para se ter acesso a eles” (Chevalier e Gheerbrant, 1990, p.349).

Na história de Andraus o dragão representa o próprio homem, pois no terceiro requadro da HQ dentro das patas do dragão há mãos humanas além da frase: “Eu sou um homem sincero...”. Este homem/dragão guarda um tesouro fabuloso: o próprio coração. De acordo com Chevalier e Gheerbrant: “O coração, órgão central do indivíduo, corresponde, de maneira muito geral, à noção de centro (...). O coração é, de fato, o centro vital do ser humano (...). Na tradição bíblica, o coração simboliza o homem interior, sua vida afetiva, a sede da inteligência e da sabedoria” (1990, p.280; 282). Agregue-se a isto o fato de que para Andraus o coração é a expressão da unidade humana, ou seja, razão, intuição, sentimentos e corpo devem ser uma coisa só: o homem em sua totalidade, o ser humano holístico ou holonômico.

Na sequência da HQ vemos que o dragão/homem arranca o próprio coração e doa-o, generosamente, ao mundo. Ou seja, um dos maiores

desafios humanos, desafio que vencido pode conduzir a uma grande realização e autorrealização, é vencer as tensões contraditórias dentro de si mesmo e generosamente doar-se ao mundo por inteiro, o que certamente não significa perder-se do ponto de vista pessoal, mas sim abrir o mundo pessoal às realidades transpessoais e, assim, de forma religada (= pessoal+transpessoal = razão+intuição+sentimento+corpo = coração = totalidade do ser humano), conseguir estar contribuindo de forma plena com a construção de um mundo bom, que responda positivamente aos mais nobres desejos humanos.

Adverse-Reverse, de 2012, é inédita. Trata-se de uma pequena HQ cósmica, que tem por tema central a relação entre o *uno* e o *múltiplo*, entre as *múltiplas facetas* que compõem um *todo* e o próprio *todo*, que é mais do que simplesmente a soma das partes. Mas é também uma HQ sobre transformação, doação, morte e renascimento. Na primeira imagem um planeta, envolto em chamas de criação e recriação, desloca-se pelo espaço escuro, brilhante e infinito. É um planeta em ebulição... A ebulição de uma gestação. O planeta é formado por pequenas “placas” que são, em verdade, os múltiplos “rostos” que o constituem. Os “rostos”, que são vivos e têm consciência, apresentam, cada um deles, formas “di-con-vergenciunais”²², ou criativas e, por isso mesmo, diferentes. Estes “rostos-consciência” têm a dinâmica de uma gestação. Na medida em que amadurecem e transformam-se, então despregam-se, desprendem-se corajosa e generosamente daquele planeta. Há uma ruptura aqui, um processo de morte para uma dinâmica que chegou ao seu esgotamento e deve dar lugar ao Novo, gerado amorosamente ao longo do processo que se esgotou. O Novo é o novo planeta, não mais composto a partir da

22. Termo criado pelo próprio Gazy Andraus para dizer aquilo que abrange o convergente e o divergente ao mesmo tempo.

unidade de múltiplos rostos, mas sim um só e único rosto, cheio de consciência e sabedoria, que se formou, no entanto, a partir da doação criativa dos múltiplos que se transformaram.

Conversando com o autor, posteriormente a esta interpretação que acabei de expor, percebi, no entanto, que há uma outra possibilidade de leitura. Na primeira imagem, do planeta em deslocamento, sobre ele, mais especificamente na sua borda, não apenas “rostos” estão desenhados, mas corpos inteiros, corpo ligado a corpo. Eles formam uma grande rede plural de sustentação do planeta. E logo recebem a ajuda de “placas/folhas” que caem sobre o planeta, vindas de algum lugar do imenso cosmos, para ajudar o seu processo de reinvenção/renascimento. O rosto que surge na última imagem é o Uno, fruto da religação criativa e inventiva de tudo que já existia no planeta com as “placas-folhas” que chegaram para completar o nascimento do Novo. E mesmo este Novo é inacabado, pois na última imagem percebe-se o emanar (ou o aproximar?) de novas vidas/chamas do Rosto Uno.

Esta perspectiva do *uno* e do *múltiplo* trazida por Andraus se presta também às nossas experiências humanas, do nosso processo de constituição como pessoas à nossa relação com o planeta, passando pela forma como nos associamos colaborativamente aos demais humanos.



Quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus





TEXTO E ARTO: GAZY ANDRAUS - 1987





MAS EXISTIRAM!
E SE EXTINGUIRAM!
OLHE PARA NÓS,
HOMO SAPIENS...
NÃO PODERA
SE LIVRAR DE
NÓS...

... SOMOS A
HUMANIDADE!
SOMOS O INTE-
RIOR INEXPLICÁ-
VEL E INCOMEN-
SURÁVEL DO
HOMEM...!



A... AJUDEM-
ME, POR FAVOR!



VOCE IMPLORA
POR AJUDA?
E PARA NÓS?

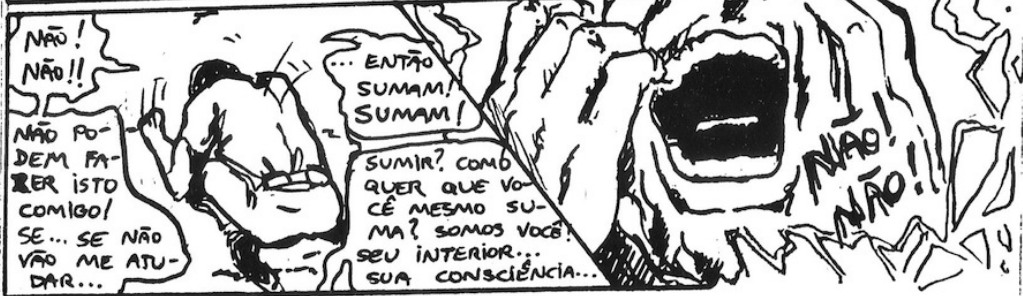
SOMOS A DESTRUI-
ÇÃO ...

... A DOBÇA.

... A FOME.

... A INSA-
NIDADE!

A MORTE!



NÃO!
NÃO!!

NÃO PO-
DEM FA-
ZER ISTO
COMIGO/
SE... SE NÃO
VÃO ME ATU-
DAR...

... ENTÃO
SUMAM!
SUMAM!

SUMIR? COMO
QUER QUE VO-
CÊ MESMO SU-
MA? SOMOS VOCE.
SEU INTERIOR...
SUA CONSCIÊNCIA...

NÃO!
NÃO!!



A MORTE!

SIM! O HOMEM SEMPRE
MANTERA UM SEGREDO
EM SEU ÍNTIMO!

O QUAL TALVEZ SEJA
SUA PRÓPRIA DESTRUÇÃO.

TALVEZ NÃO HAJA ESPERAN-
ÇA JAMAIS! E MESMO QUE
HOUVESSE ELA MORRERA
COM ESTE ÚLTIMO HOMEM.

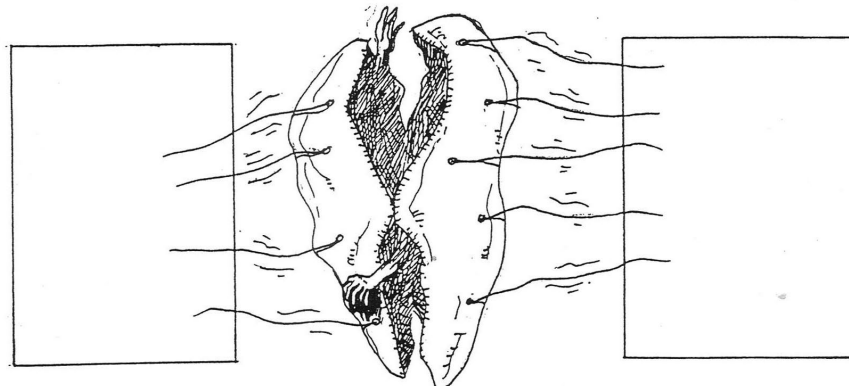
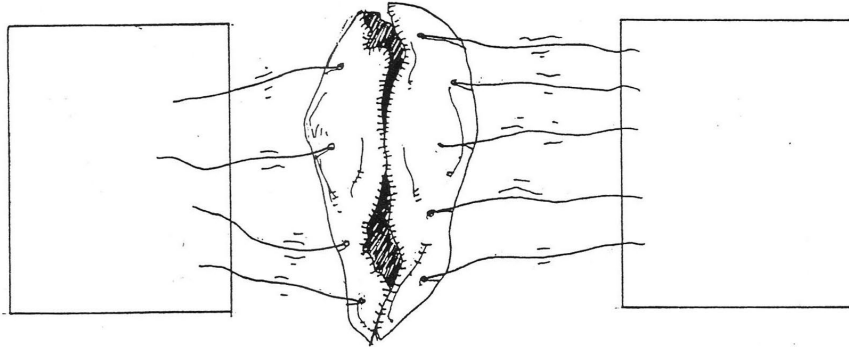
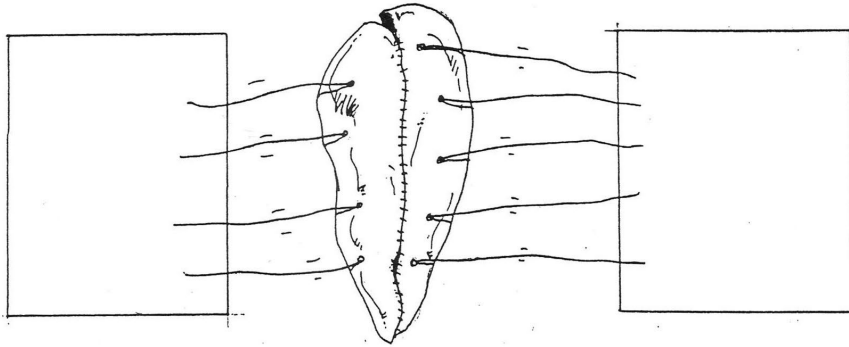
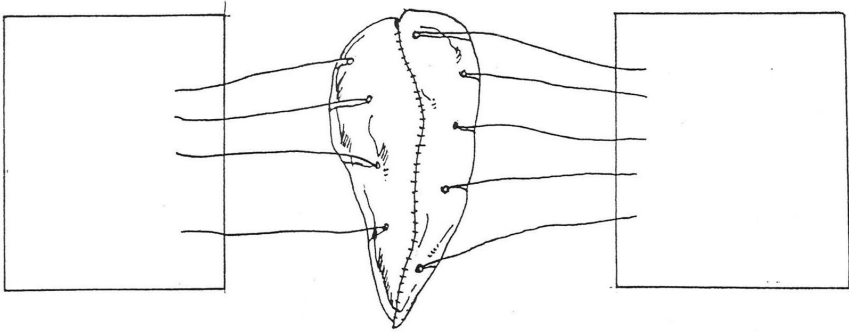
E DO
MESMO
MODO DE-
SAPARECE-
RAM OS...
MONSTROS!

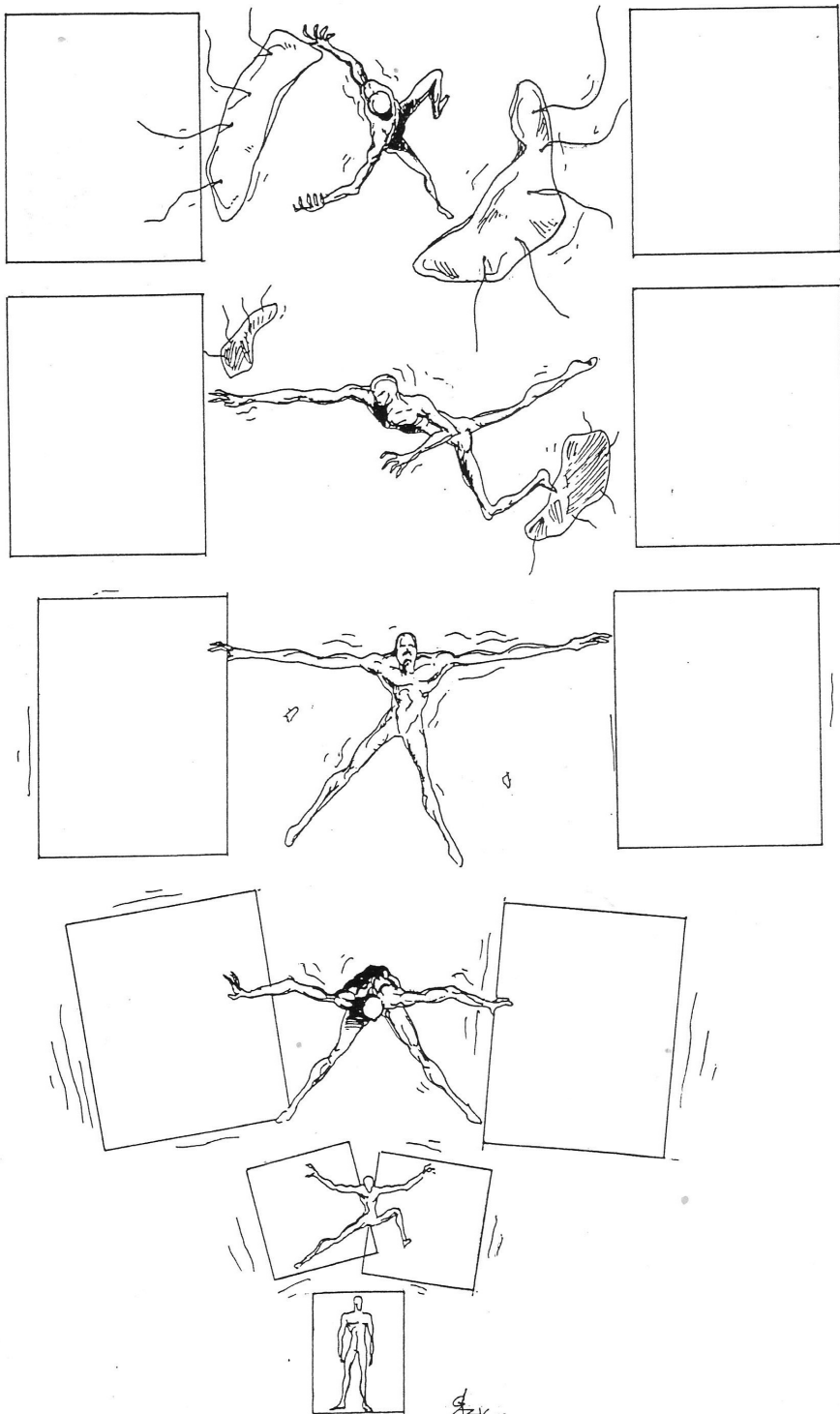
ELA VEIO SÚBI-
TA!

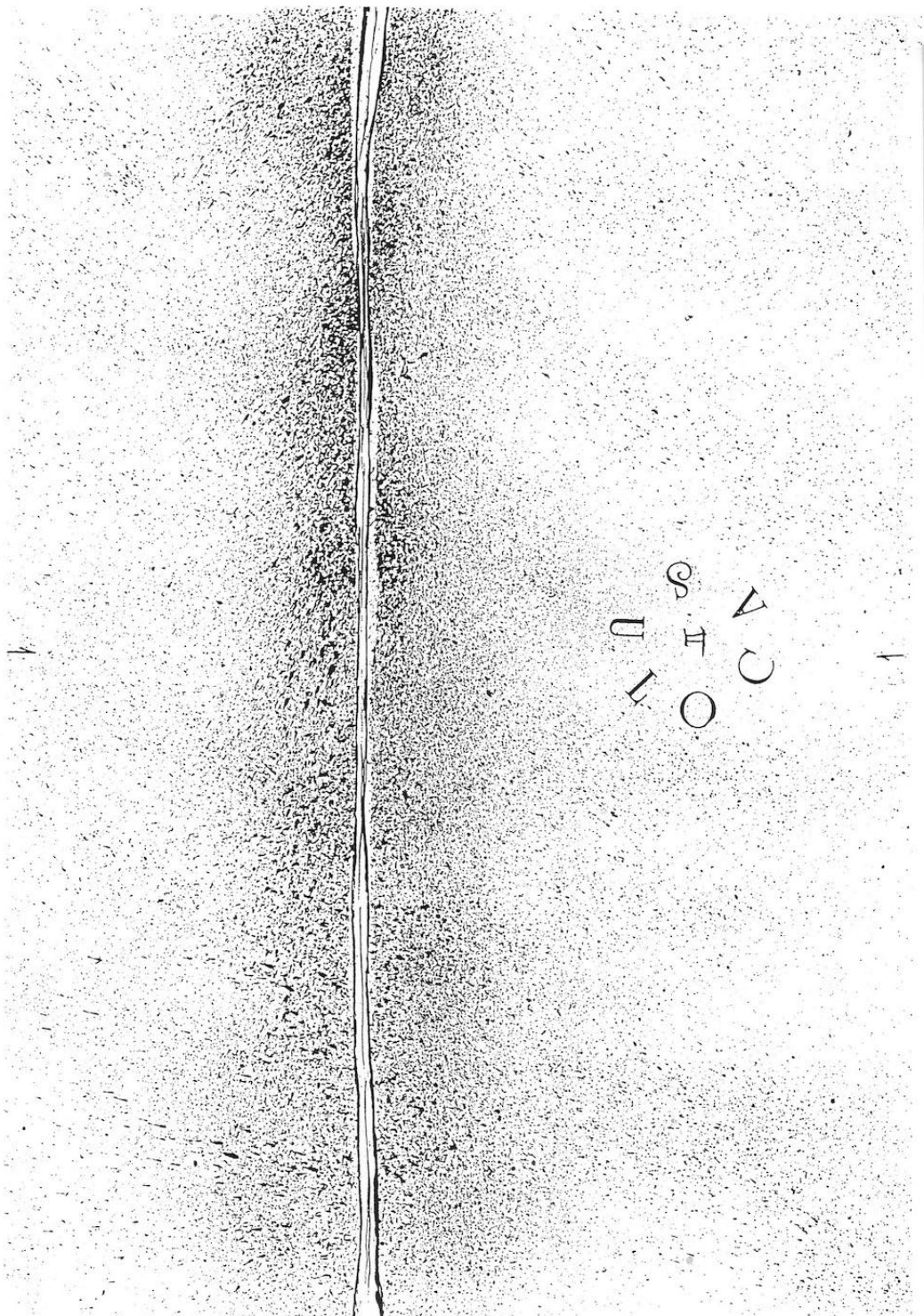
...OU TALVEZ
NÃO?

FIM

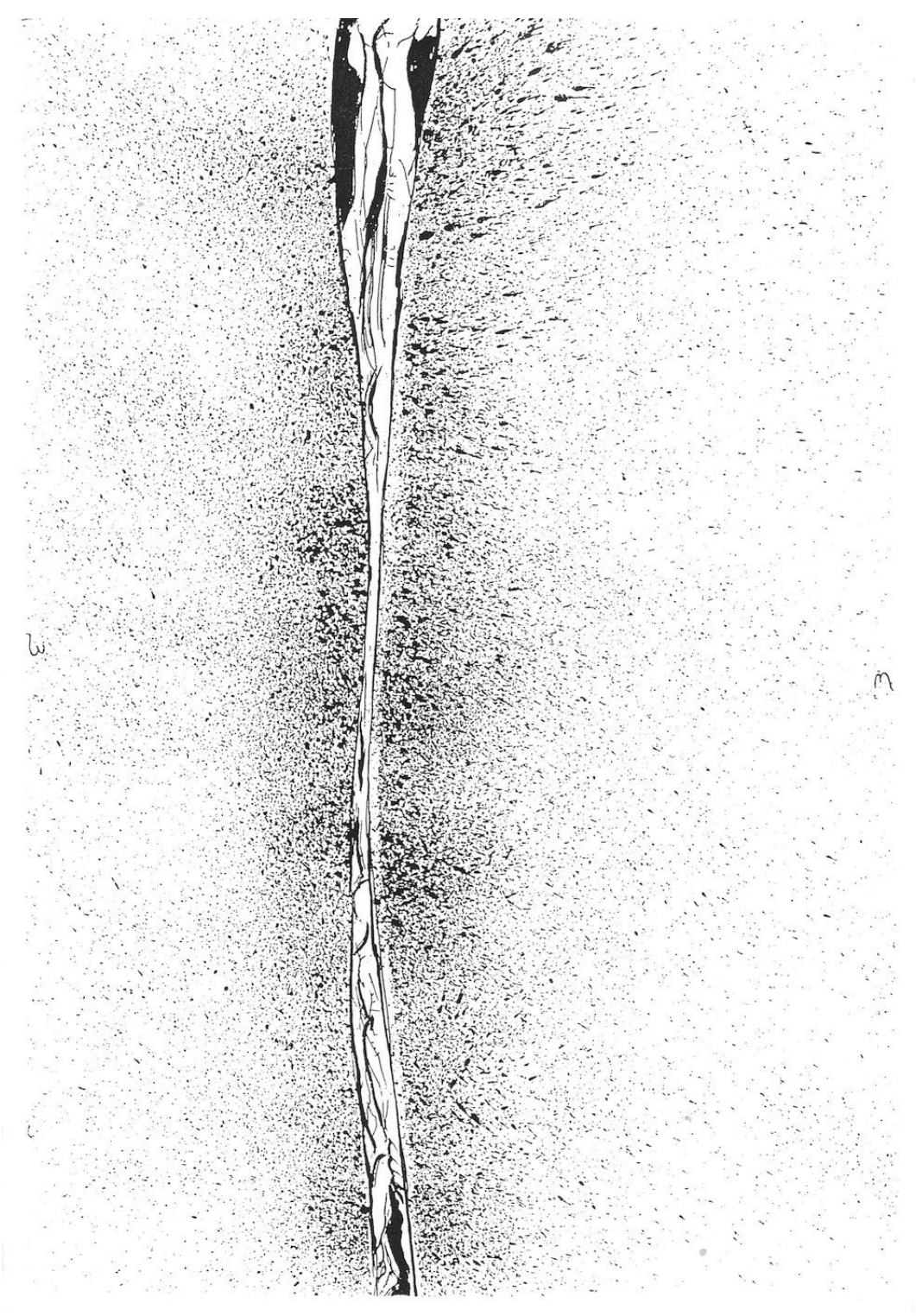
DEDICADO A TODOS AQUELES QUE ESPERAM UM DIA MELHOR!





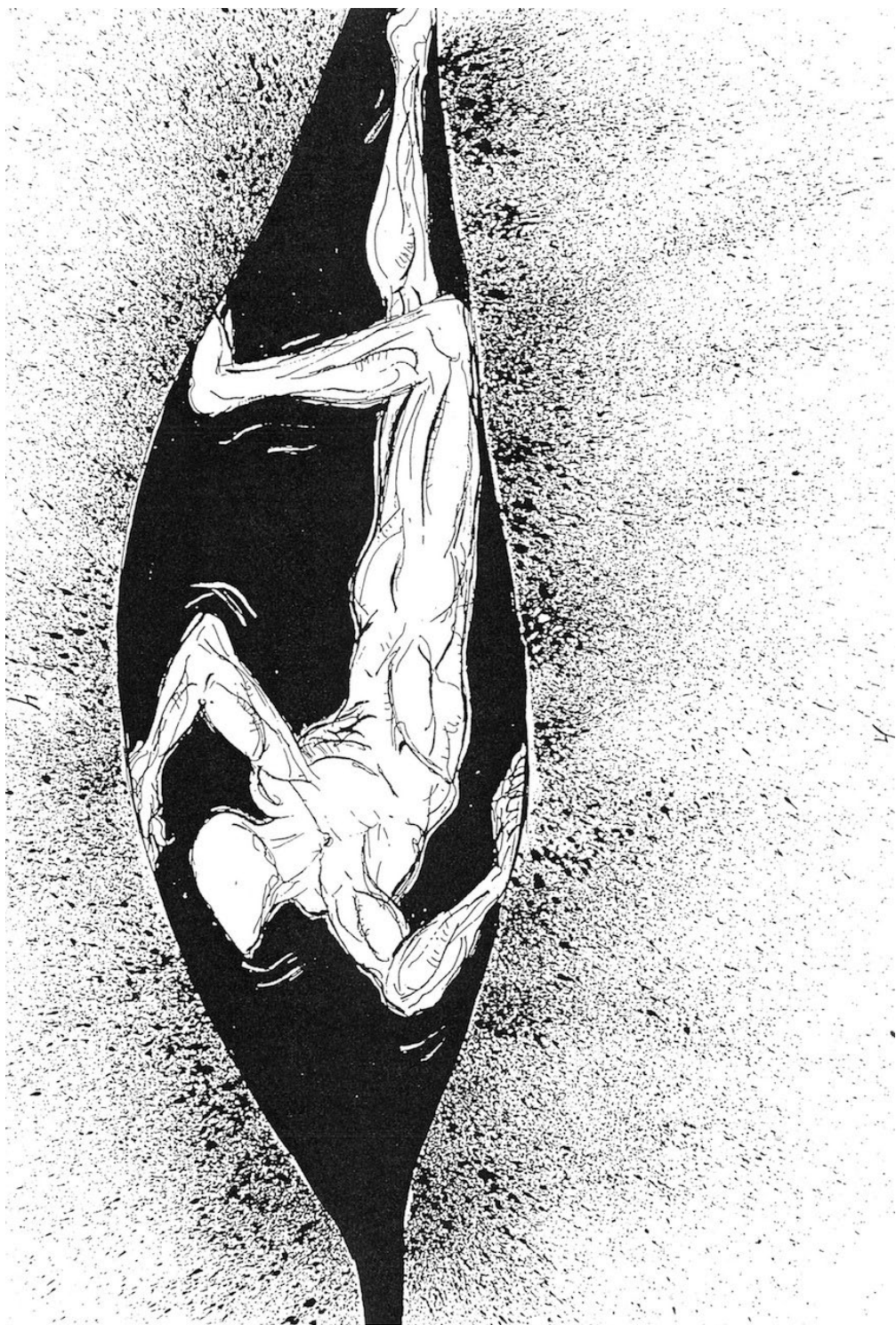


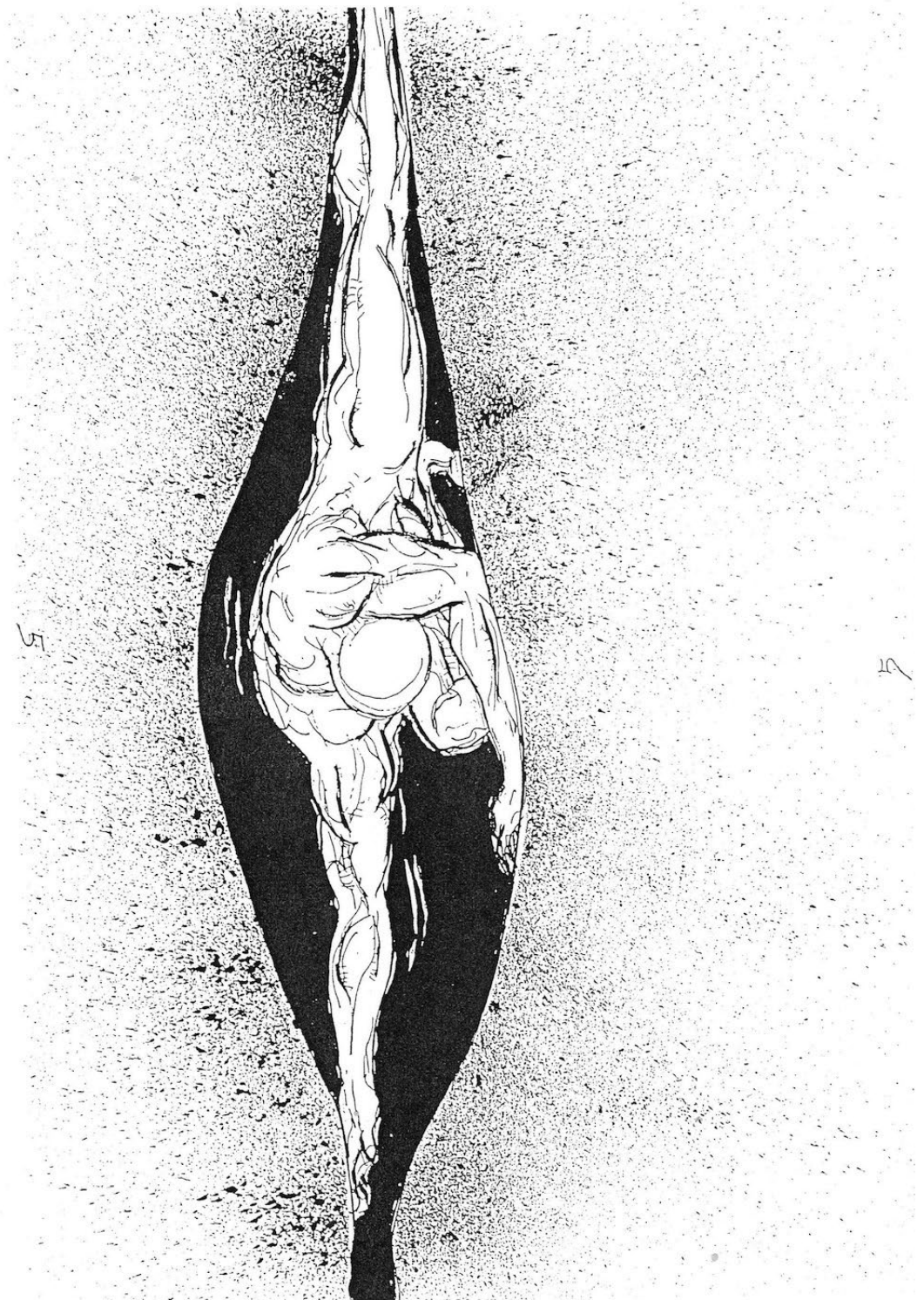


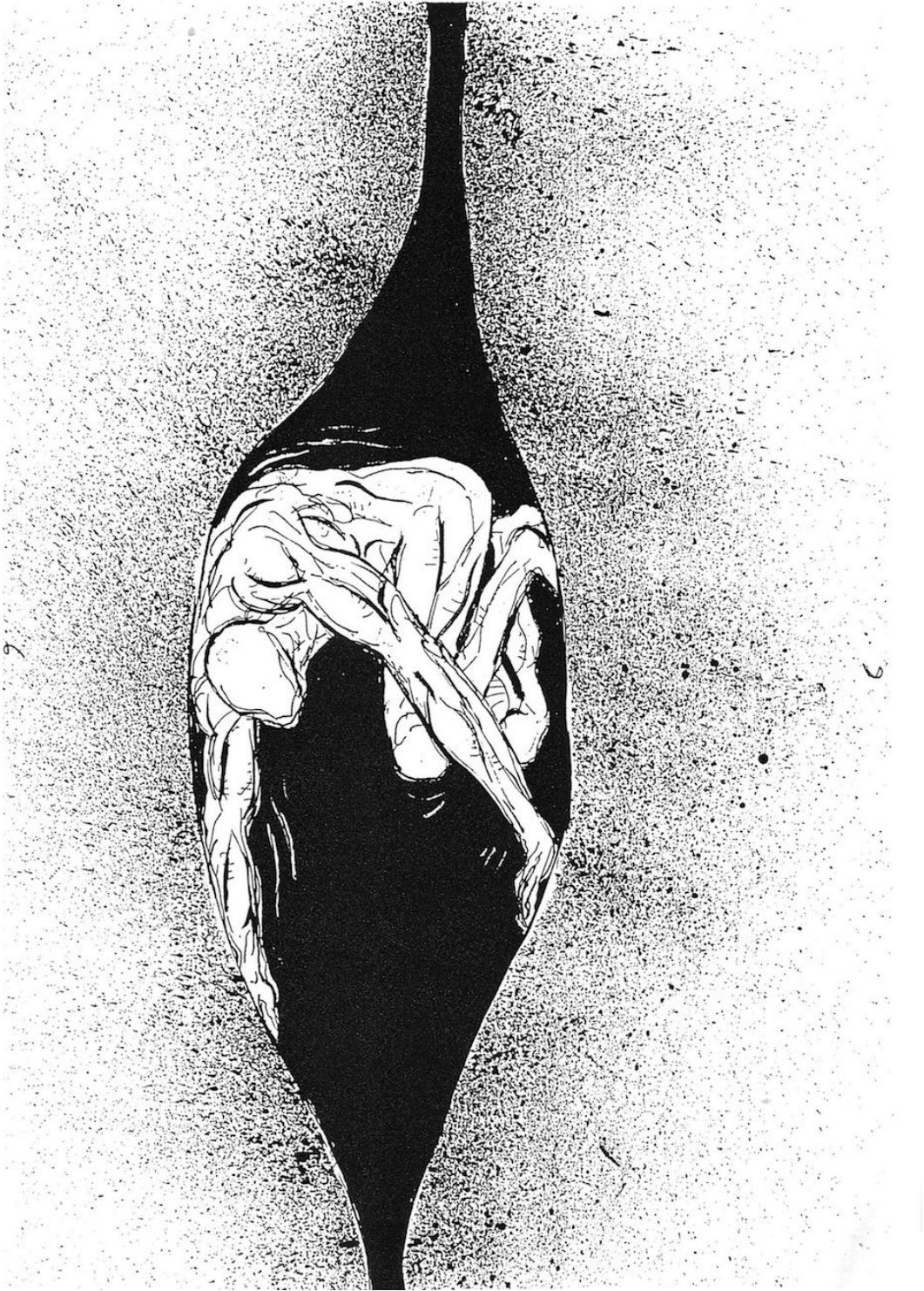


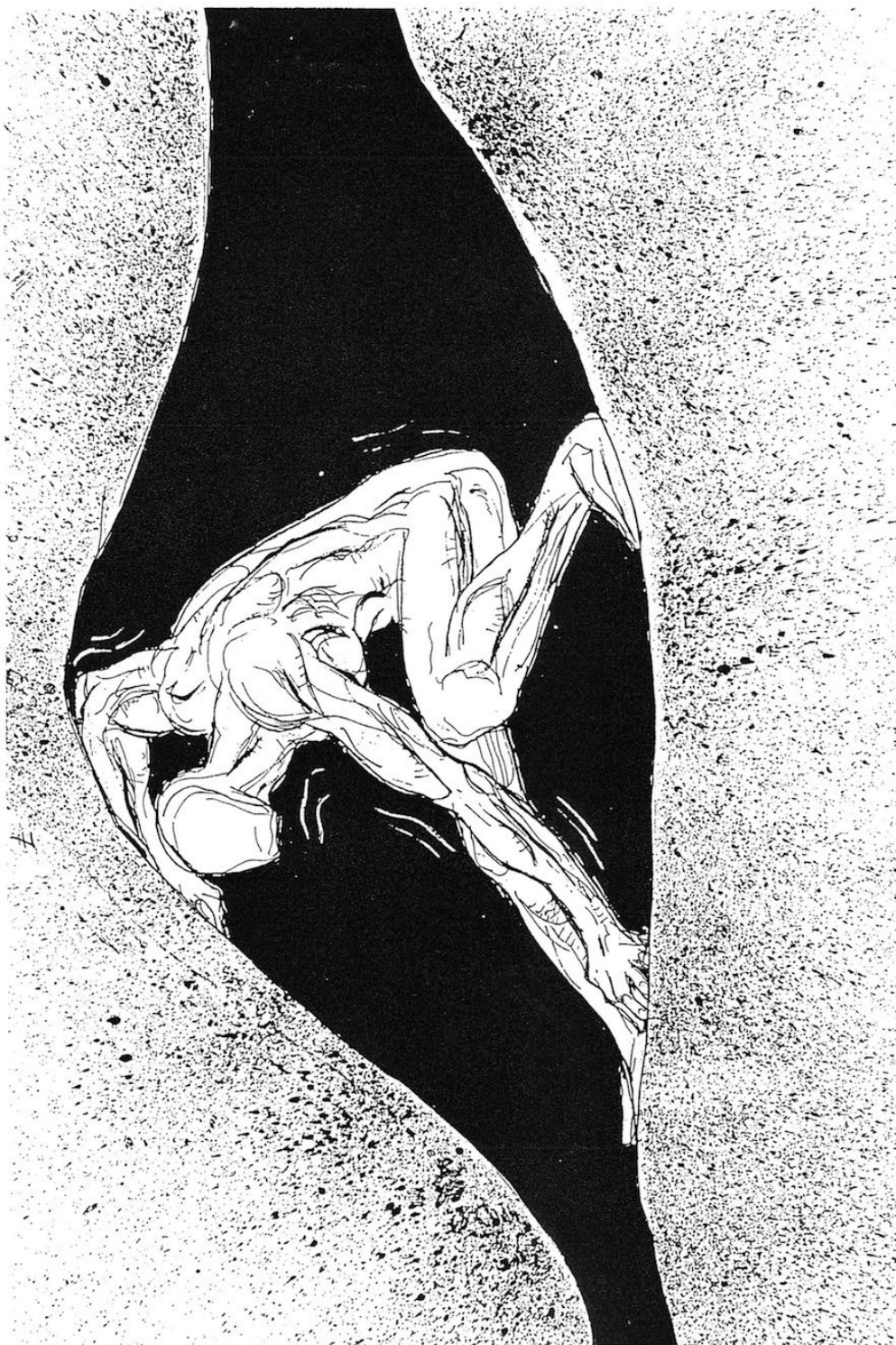
W

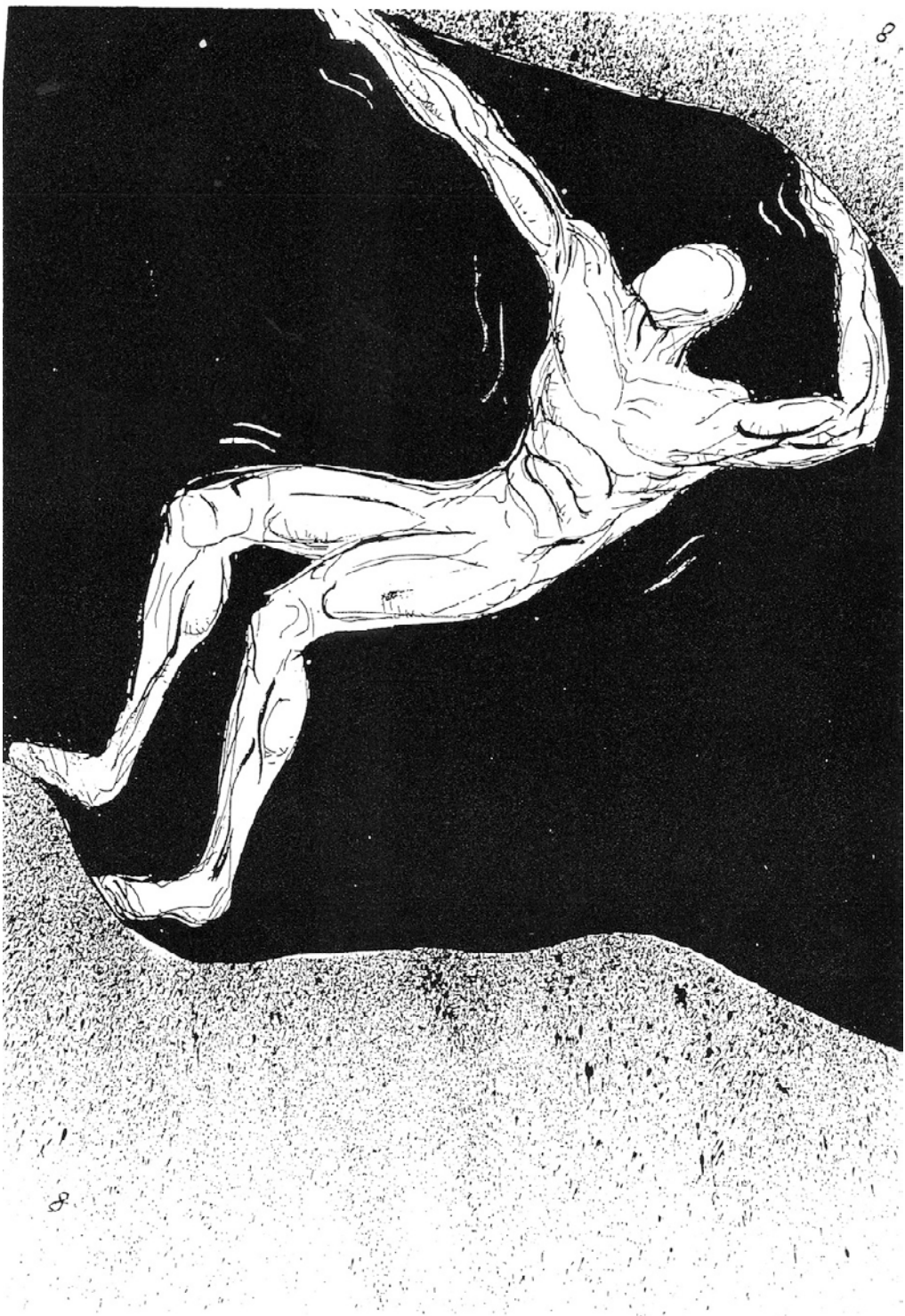
M

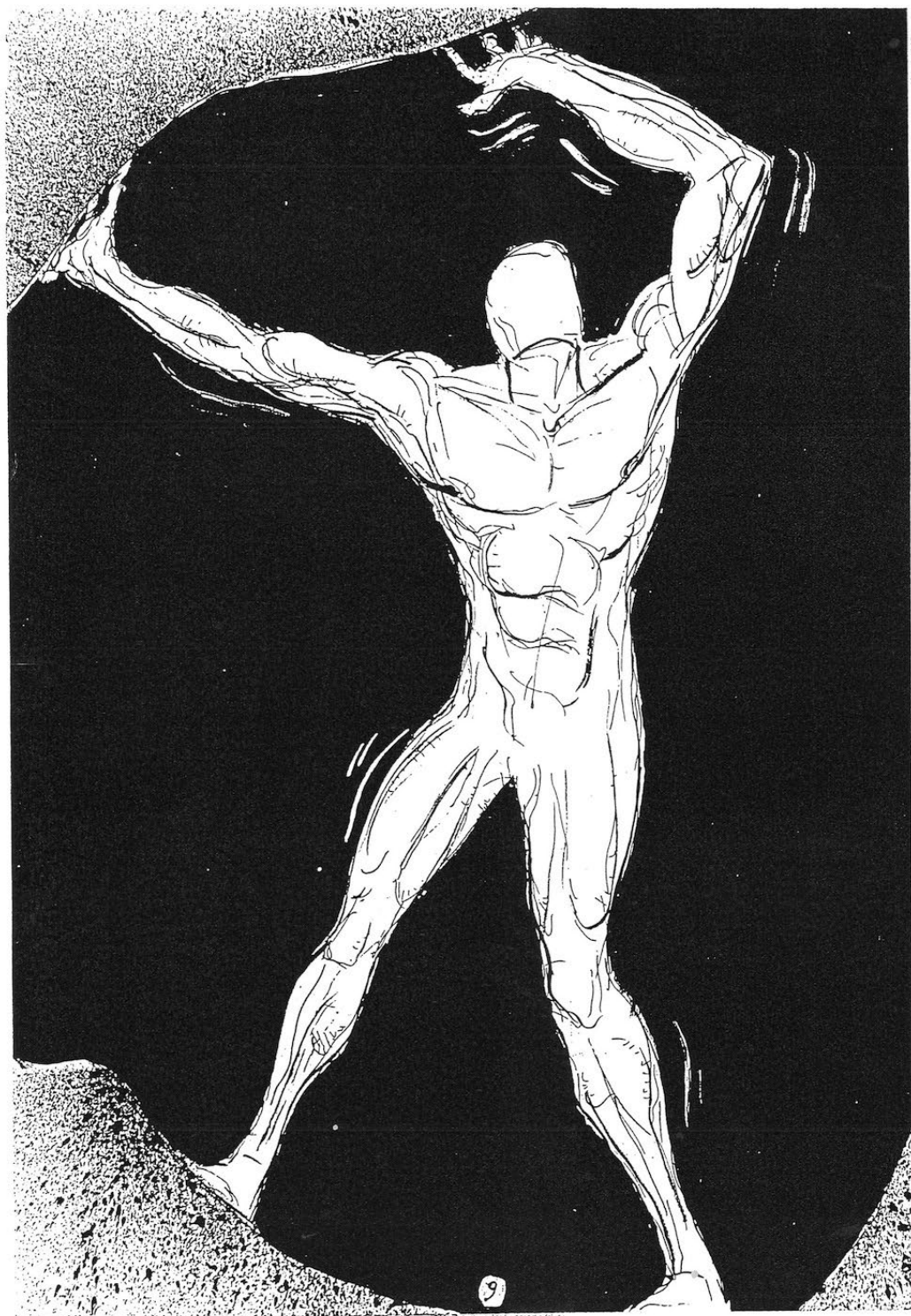








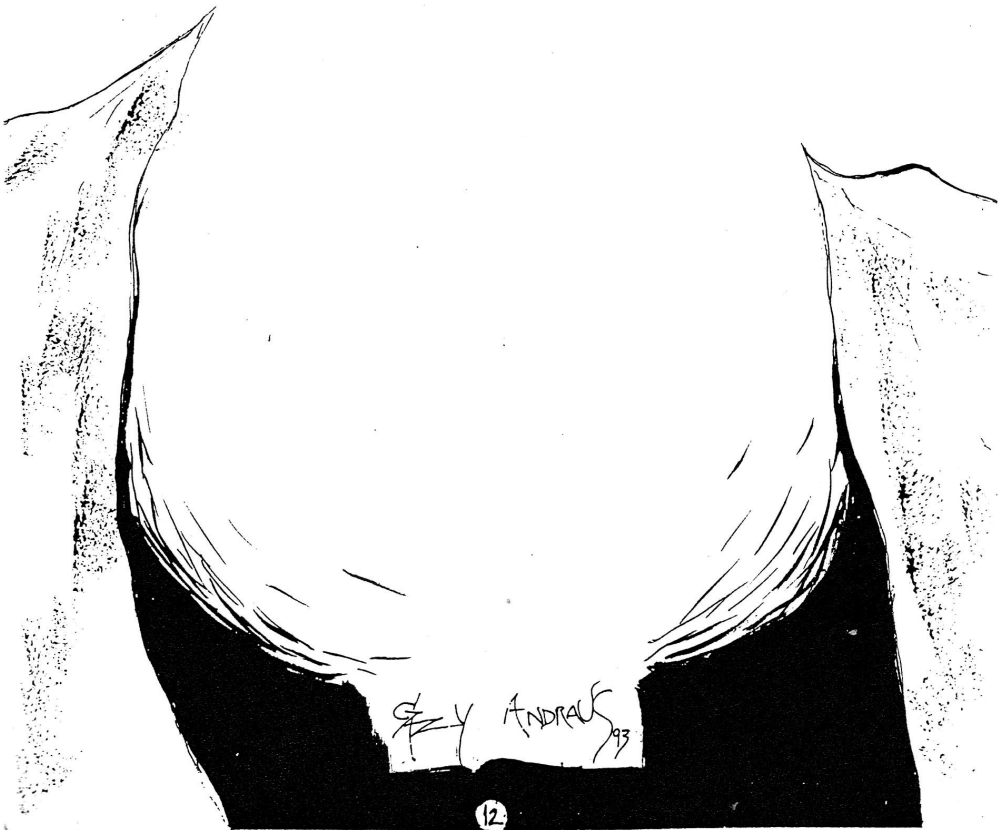




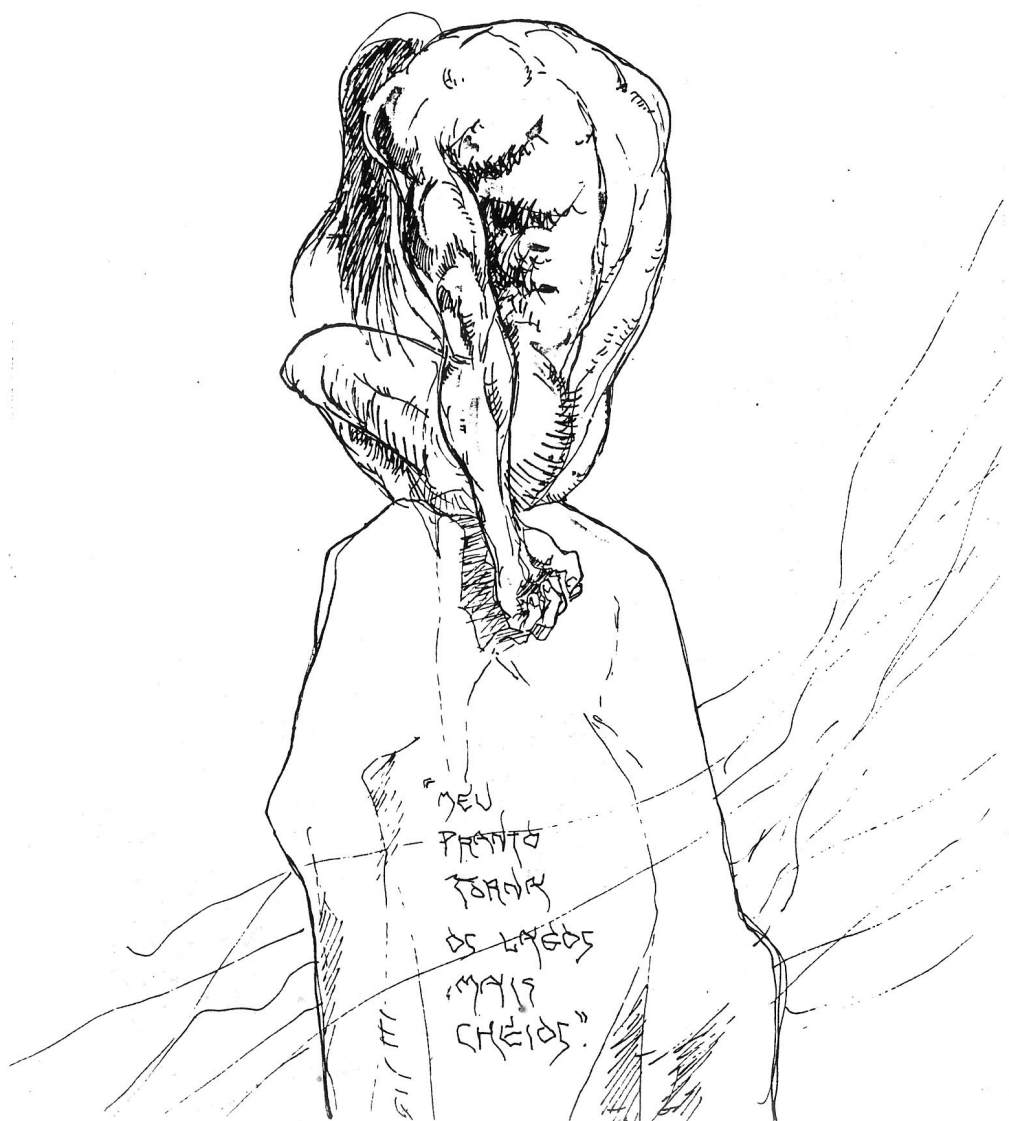


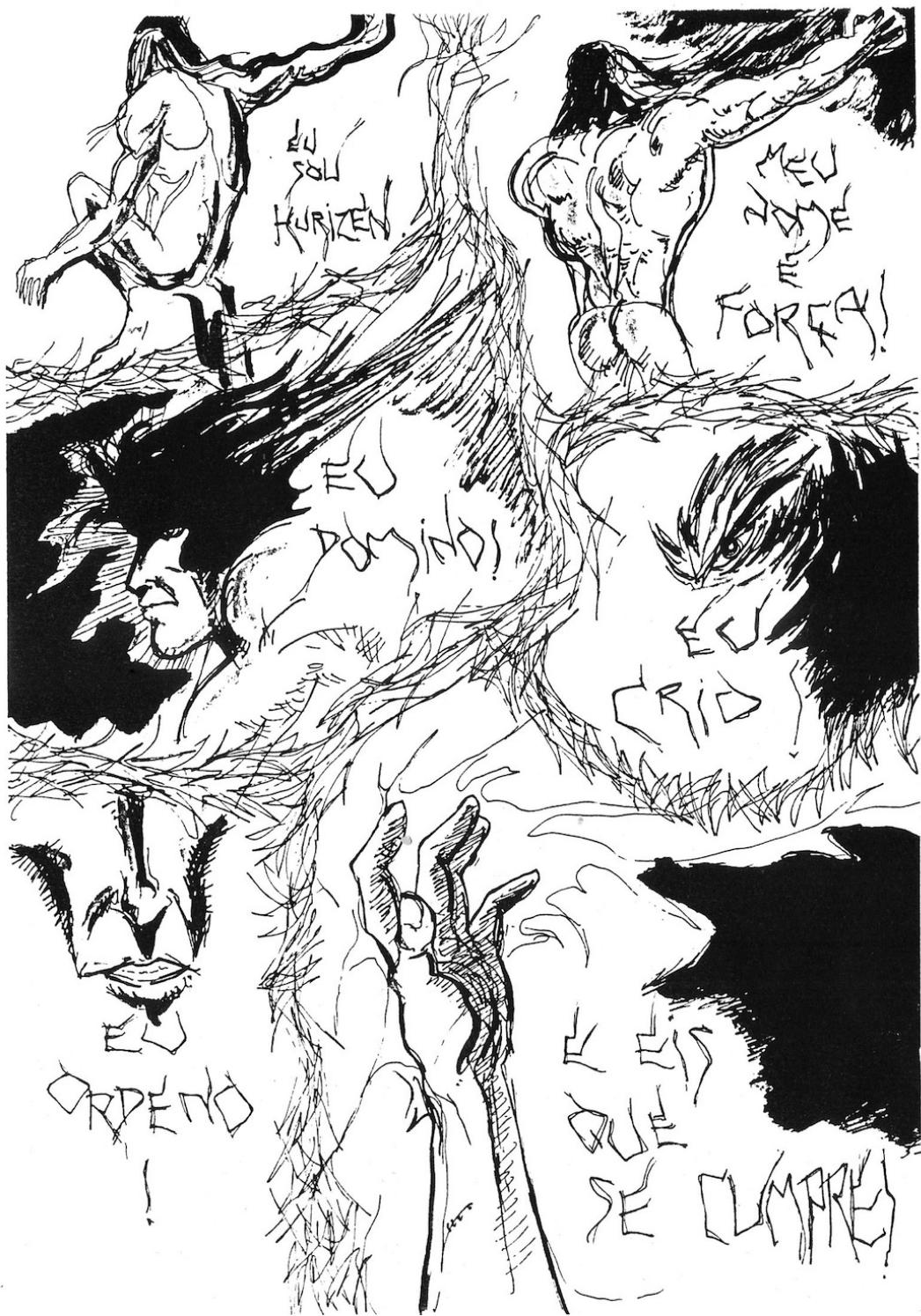


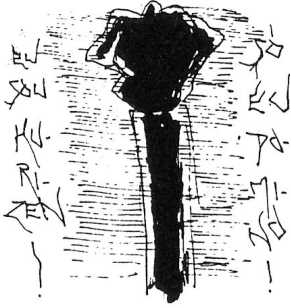
SEY ANDRAUS '93



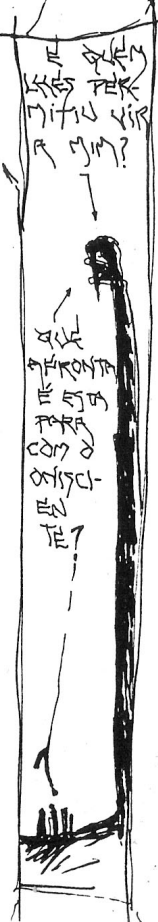
HORIZEN







NÓS, HURIZEN. NÓS, OS QUE JAMÁS FORAM CRIADOS, MAS QUE SEMPRE EXISTEM.



QUEM É QUEM VAI PERMITIR VIVER A MIM?

QUEM É QUEM VAI PERMITIR VIVER A MIM?

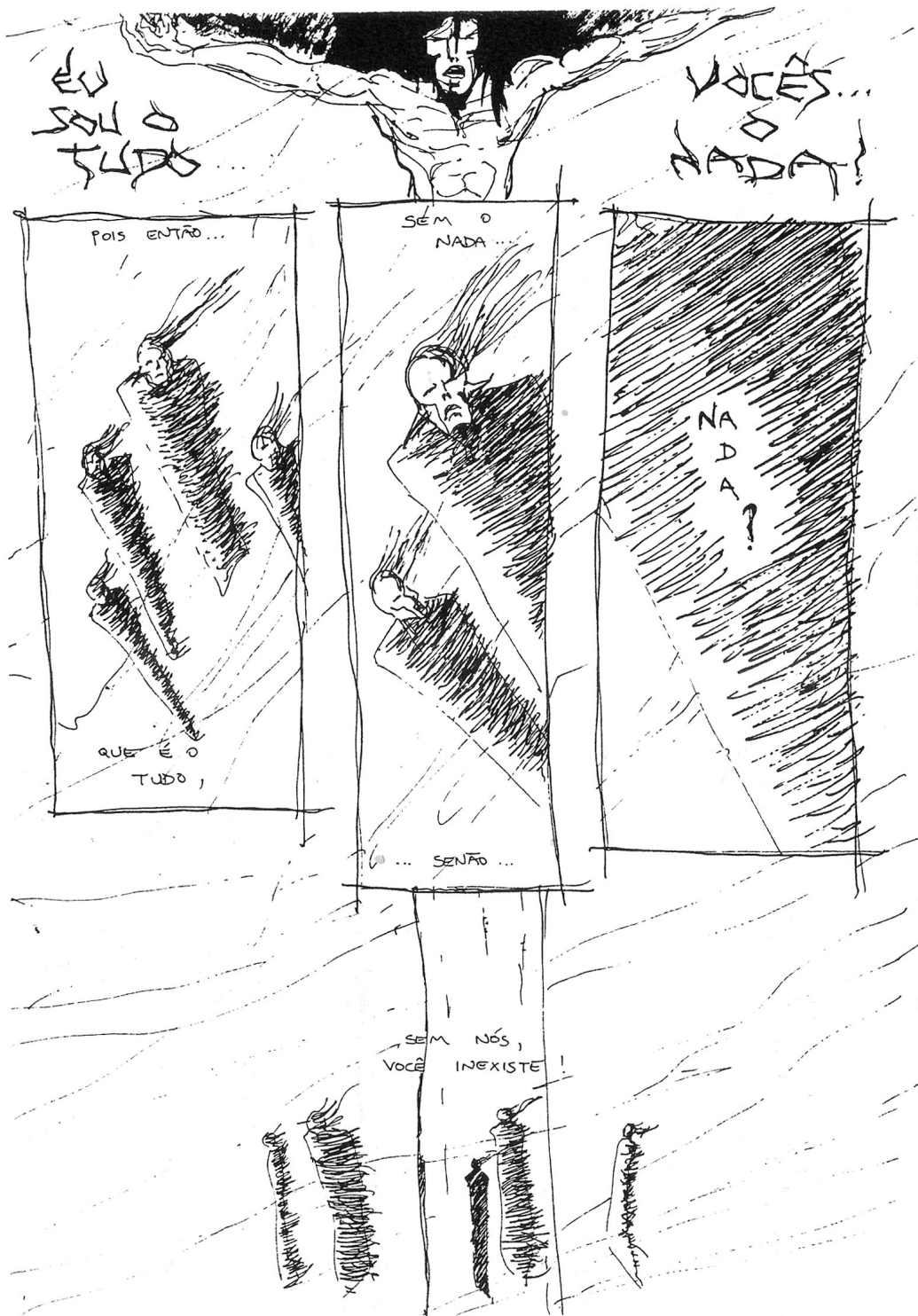


SE É MESMO ONISCIENTE ...DEUS... COMO NEM SABE A QUE VIEMOS? COMO NEM SOUBE QUEM ÉRAMOS?

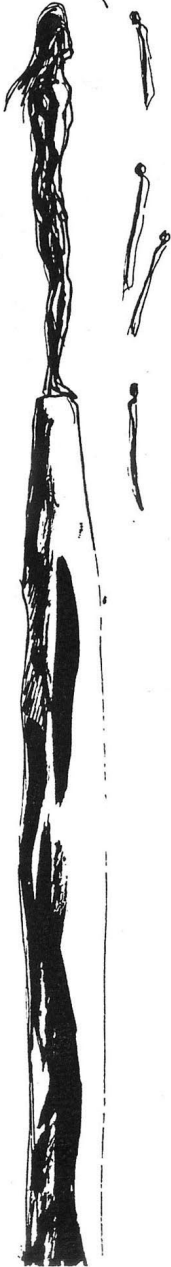
OU PIOR... COMO NEM SOUBE QUE VIRIAMOS!



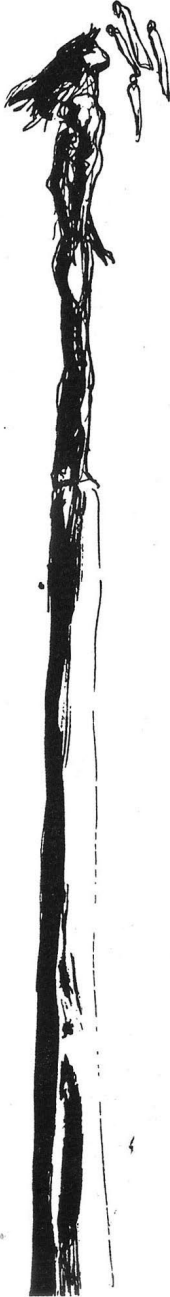
NÃO OUSEM QUESTIONAR MEU PODER



SEM NÓS
VOCÊ NÃO
DOMINA...
E SE NÃO
DOMINA...



É
DOMINADO!

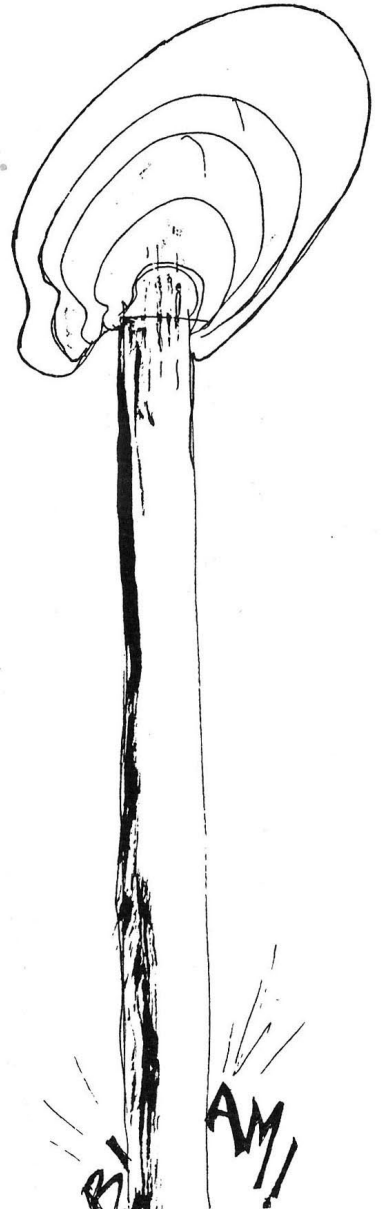
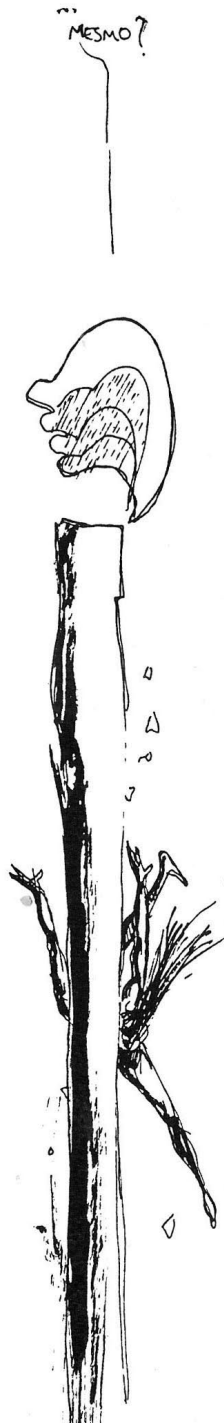
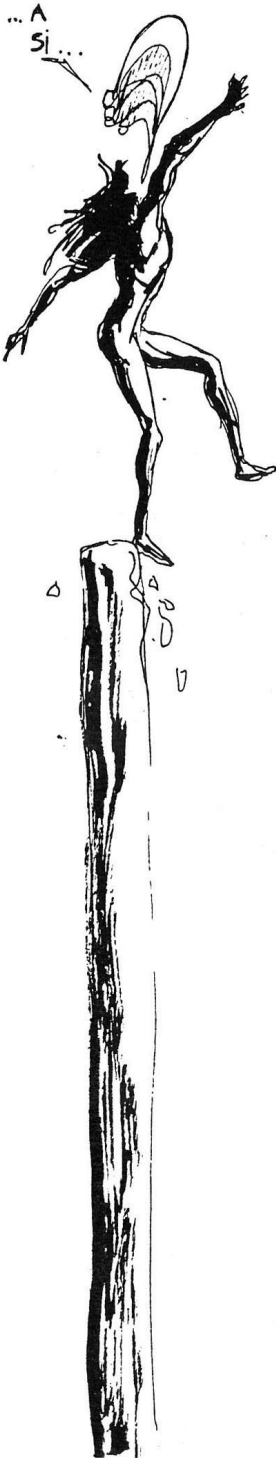


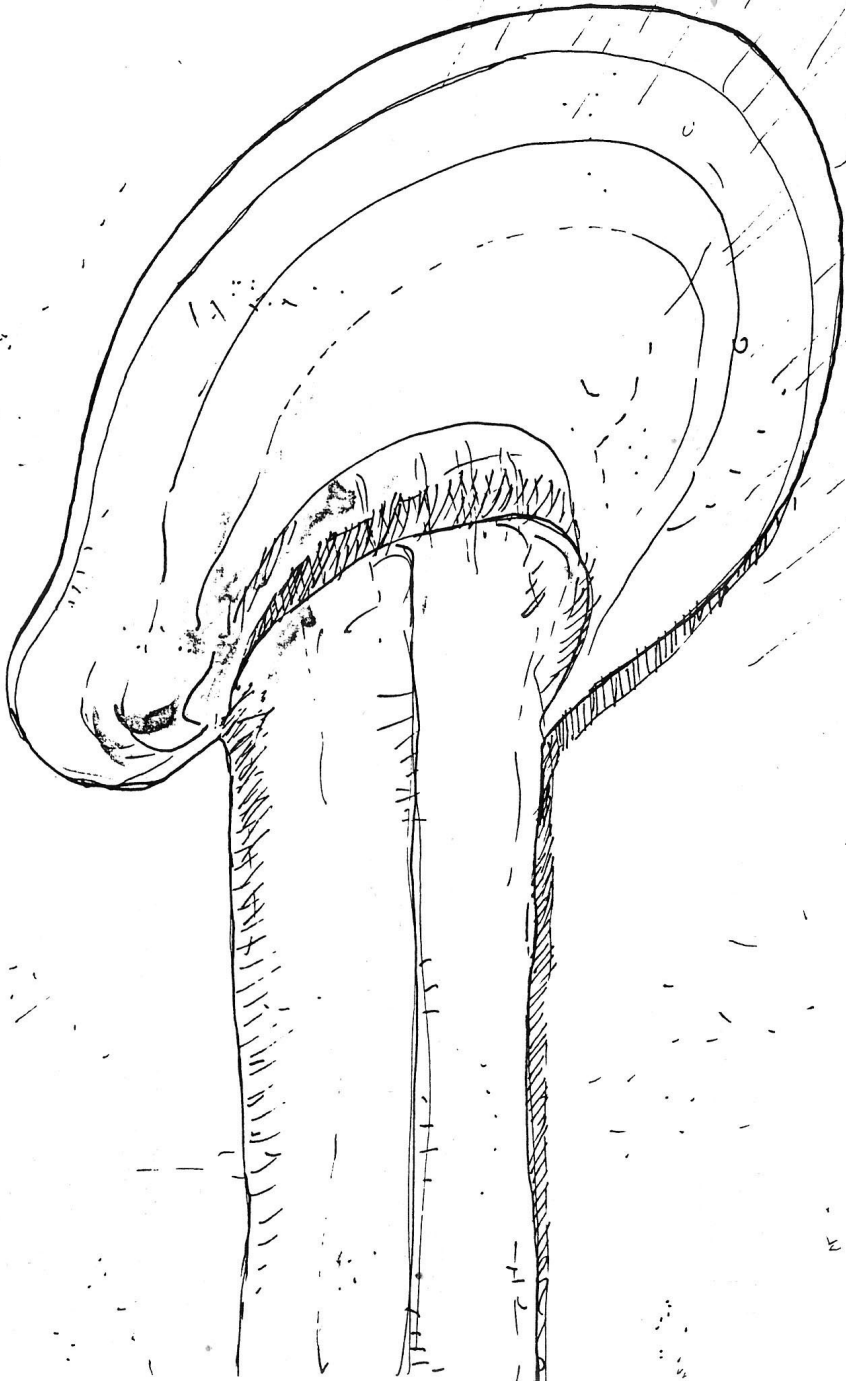
MAS
PARA QUE
QUER
SER
DOMINADOR
DE TUDO...

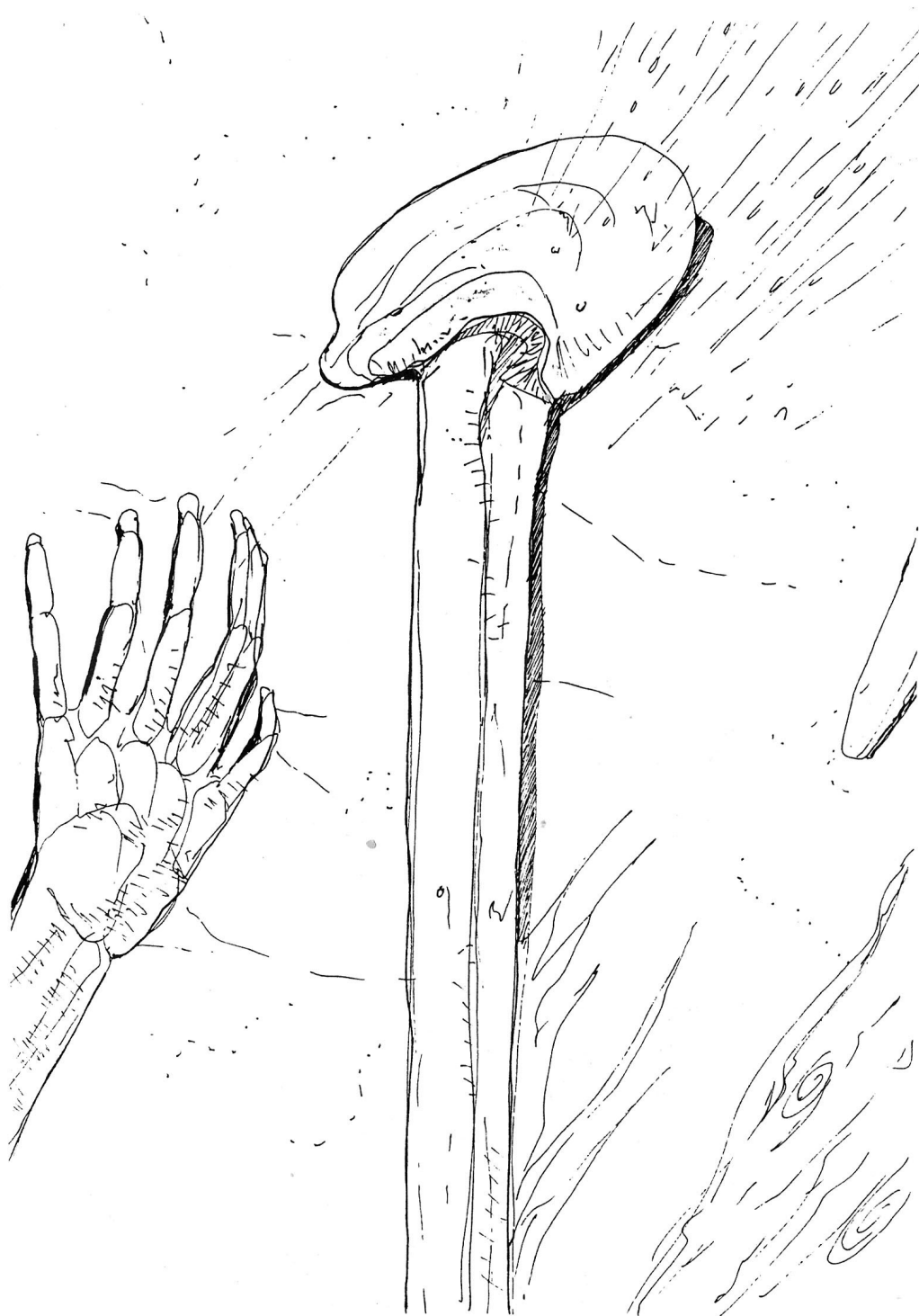


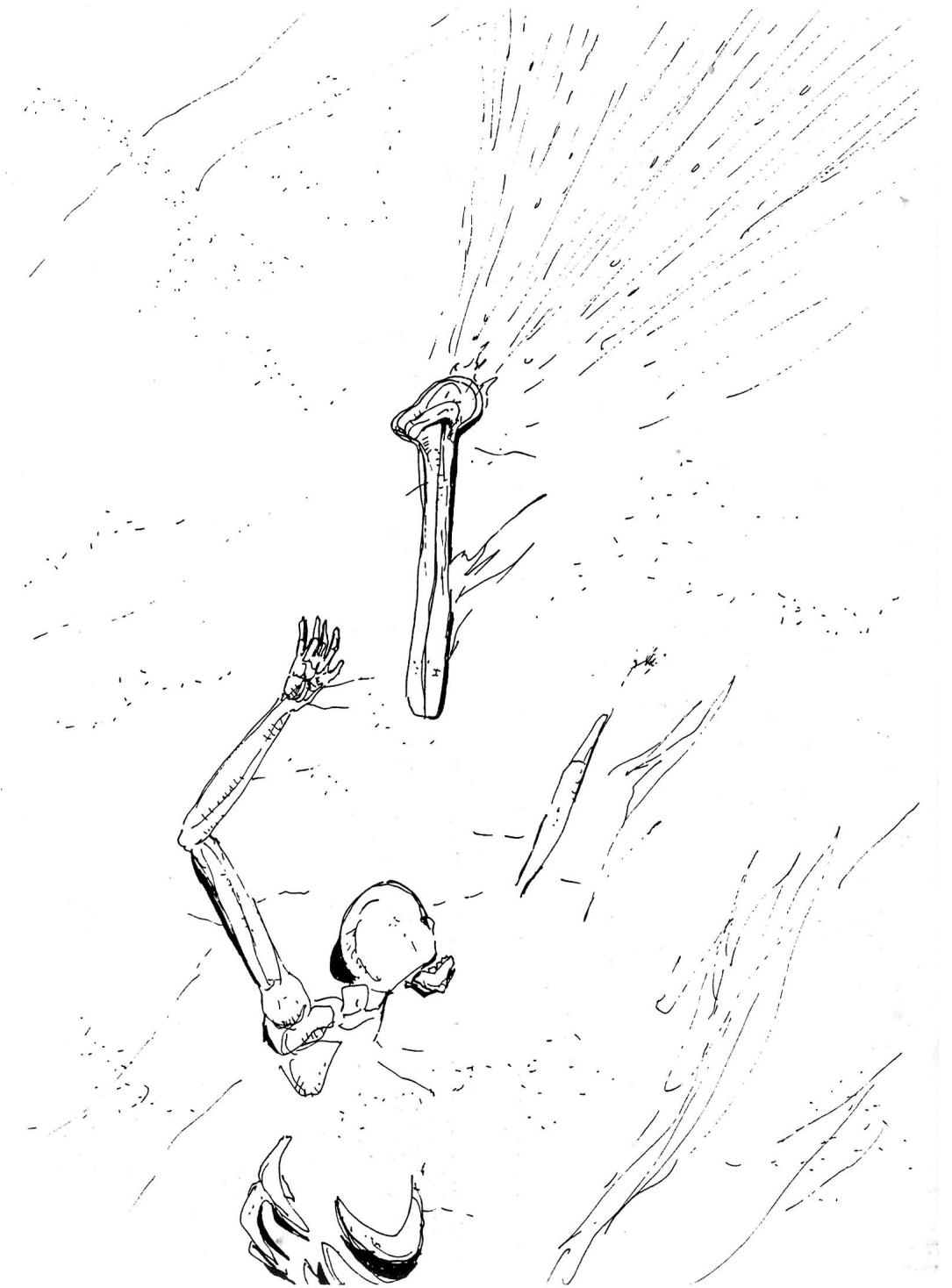
SE
NÃO
DOMINA...

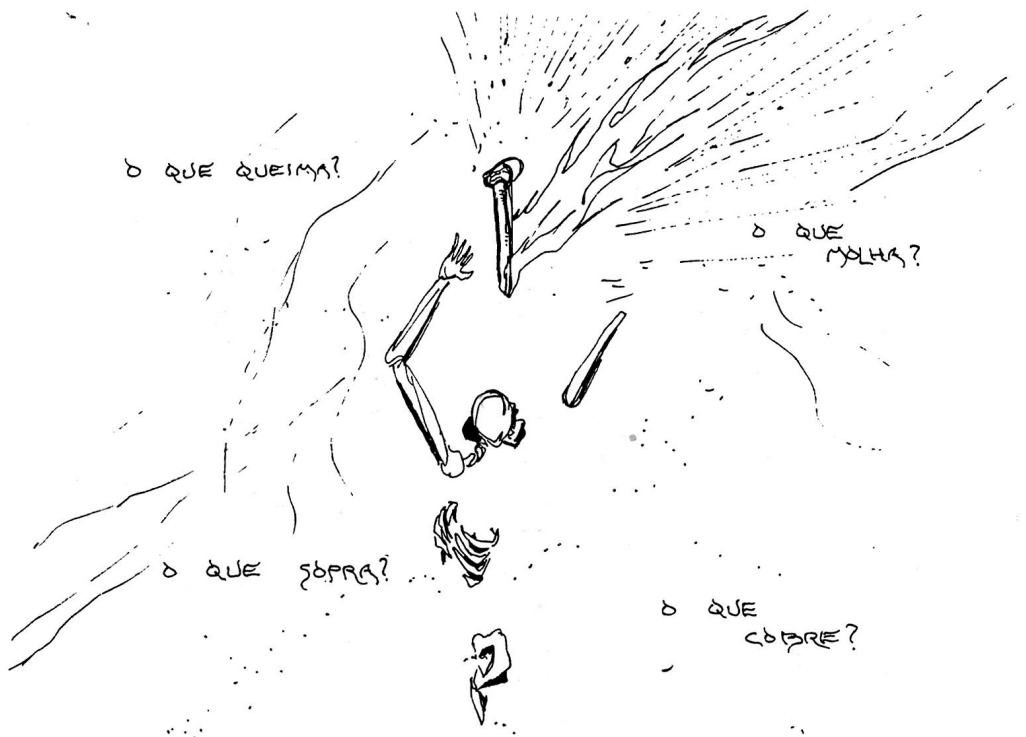












O DESTINO DE
 TODO DEUS-FALSO
 CONSISTE EM JAZER
 SOB AS AREIAS DO SOLO.

OS QUATRO ELEMENTOS

NATURAIS

(ÁGUA, FOGO, TERRA, AR)

SE ENCARRÉGAM DE
 PÊ-LÓ EM SEU

DEVIDO LUGAR,

VISTO QUE ELAS SÃO A
 MANIFESTAÇÃO DIRETA DO VER-
 DADEIRO DEUS...

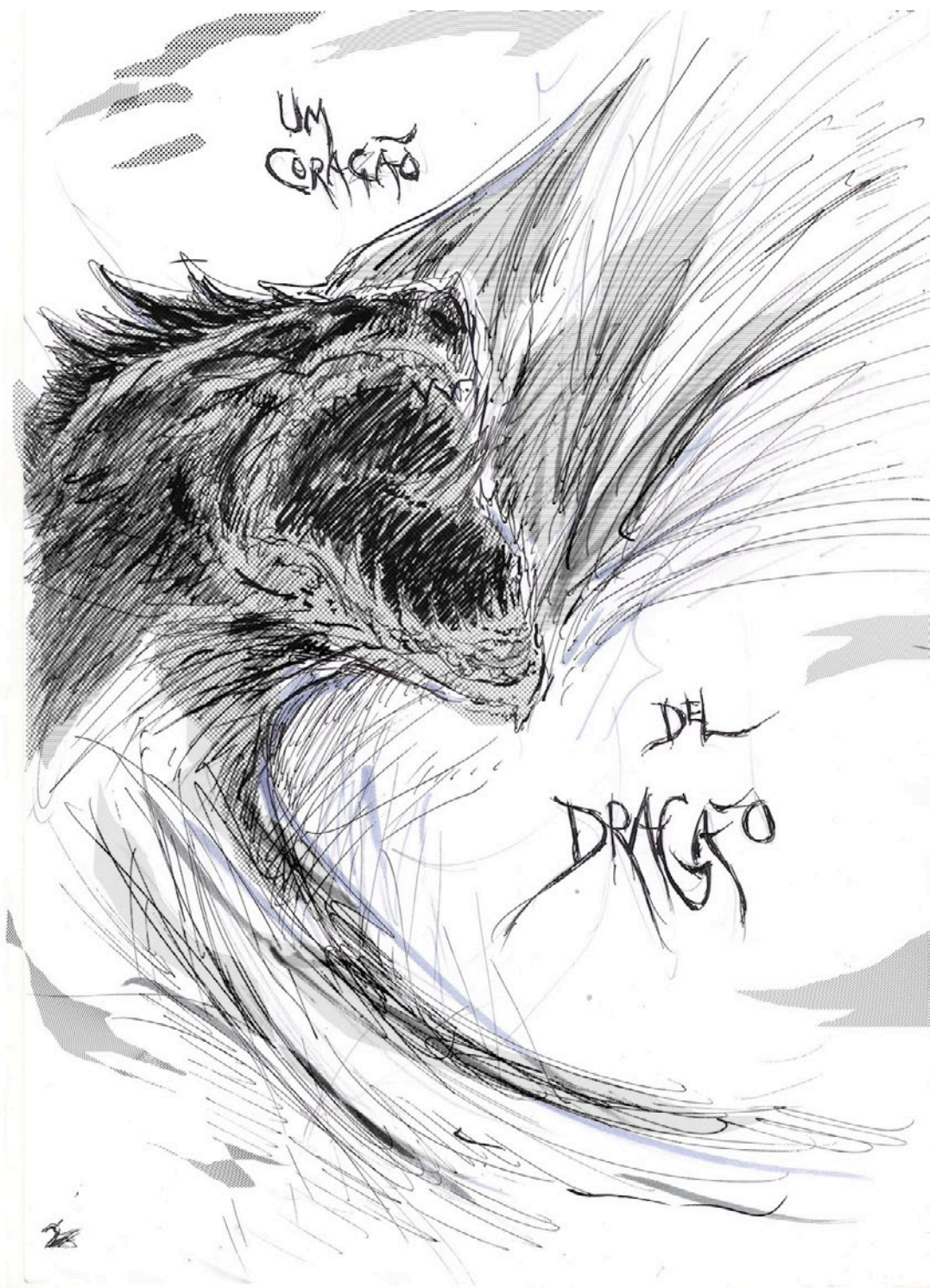
... O ÚNICO HURIZEN!

O NOME
 HURIZEN É INSPIRADO NA PERSONAGEM CRIA-
 DA PELO ARTISTA VISIONÁRIO DO SÉC. XVIII
 WILLIAM BLAKE (BATIZADO POR ELF DE URIZEN).

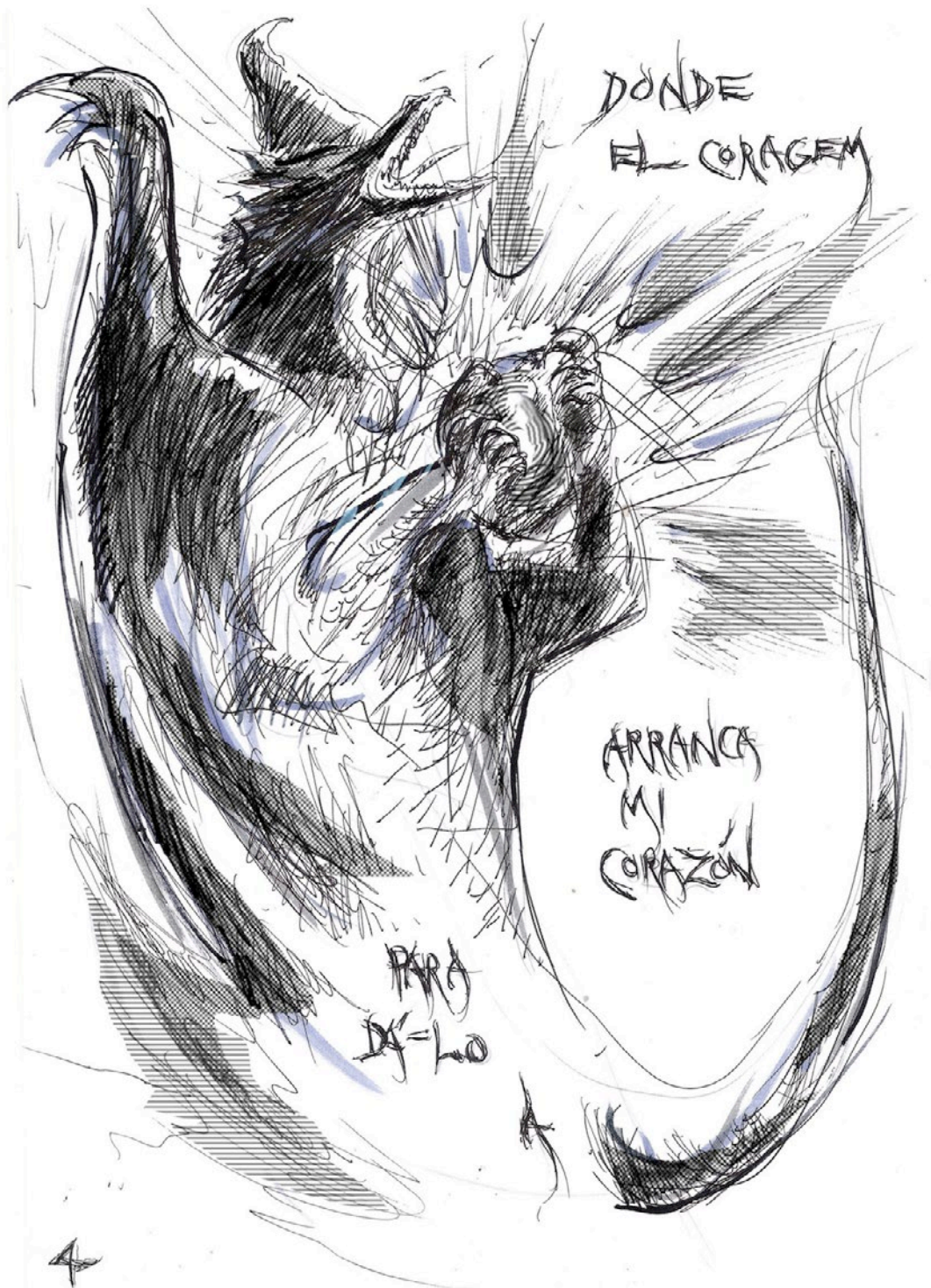
SEY ANDRAUS '76



Advertência: Este texto é propositalmente mixado entre as línguas portuguesa e castelhana, e pode soar "estranho" aos desavisados. O autor está ciente do que pode parecer "erro", mas afirma que não é: para mais informações vide o anexo 1 deste livro.







DONDE
EL CORAZÓN

ARRANCA
MI
CORAZÓN

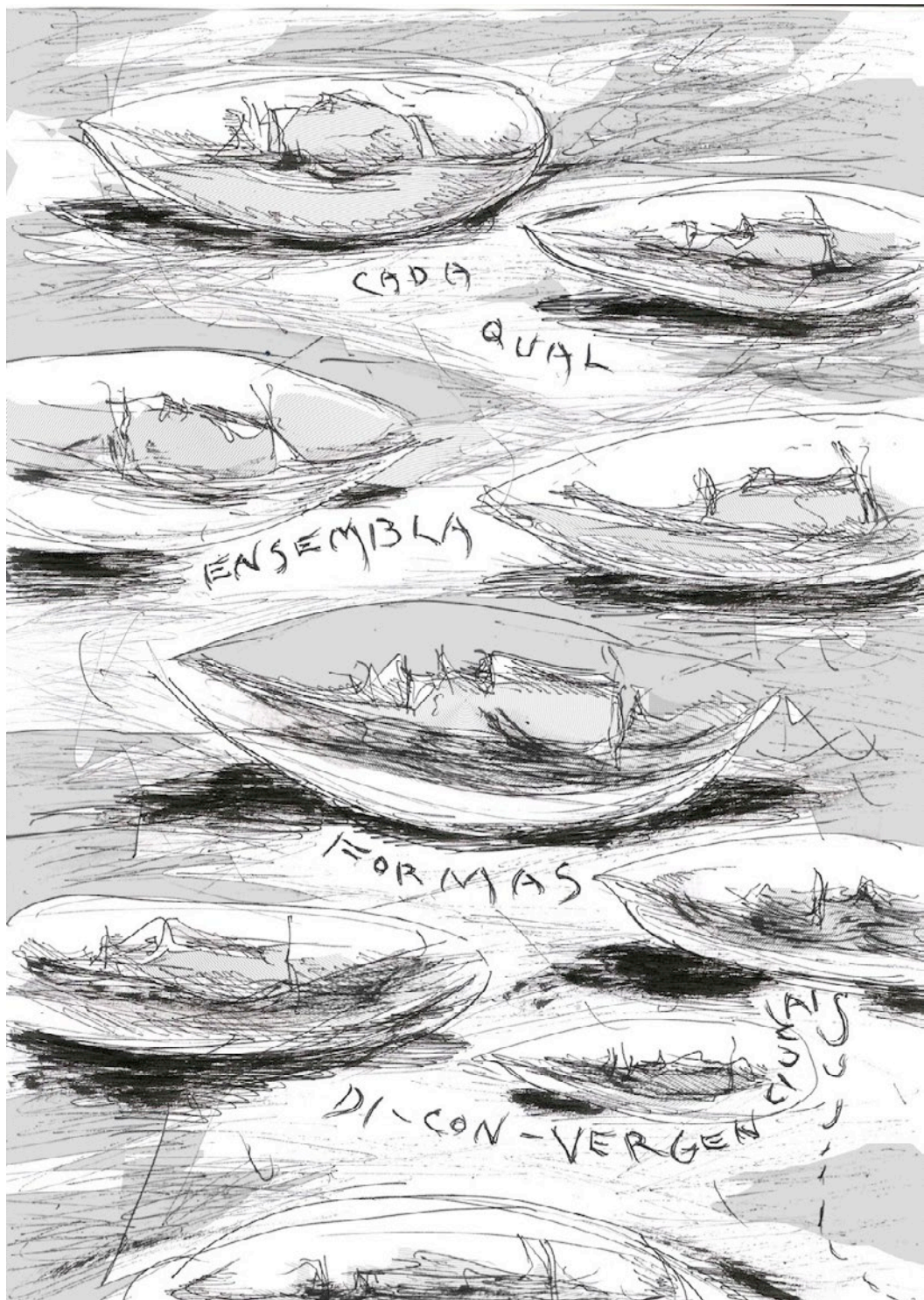
PARA
DE-LO

A













IV

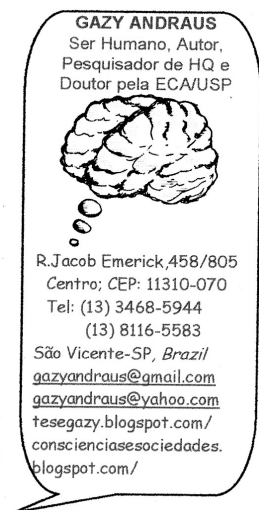
Gazy Andraus – Entrevistas concedidas a Elydio dos Santos Neto

Primeira entrevista

Gazy Andraus comenta sobre seu trabalho com as histórias em quadrinhos poético-filosóficas (21.05.2007)

Qual a concepção de ser humano que você defende? Quem é o ser humano para você?

Eu apenas intuía antes. Quando fiz faculdade em São Paulo, no curso de artes pela FAAP, entre 1987 a 1992, e depois mestrado de 1996 a 1999, enquanto eu amadurecia como adulto, eu percebi que as pessoas em São Paulo (e isso se aplica às cidades grandes em geral) se colocavam em primeiro lugar como profissionais, independente do coleguismo, ou então independente de serem vistas como “chatas” ou enjoadas (diga-se egocêntricas e egoístas). Explico-me: durante o mestrado, em conversa com uma amiga, ela me apontou um tal profissional que fazia determinado trabalho de forma excelente. Ao mesmo tempo me disse que ele também era “chato” e muito “enjoado”, mas que, reforçava, era excelente profissional! No mesmo instante me lembrei de alguns professores, inclusive, que tive durante a graduação, que também se portavam da mesma forma... e concluí que nossa civilização prima em primeira instância pelo trabalho (dinheiro) e depois, sem muita importância, com a questão da própria “humanidade” no sentido que dou, de gregário, fraterno, amoroso. Ora, isto me impeliu a ir contra esta situação, cada vez mais, até que, quando bolei meu cartão pessoal, resolvi colocar a seguir a meu



Cartão de Gazy Andraus

nome, o termo: “Ser-humano e artista”, logo, ser humano viria antes de minha profissão, no sentido de que prezo o humano, o fraterno em primeiro, e não a “chaticice” e egocentrismo, à questão da profissão, que viria em segundo plano. Mas, claro que hoje em dia me dou conta de que tudo isto se deflagrou em mim devido à visão espiritual que fui desenvolvendo. E como diriam os iluminados: os que são “chatos” e egoístas não têm culpa de assim o serem, pois não sabem ainda desta questão espiritual. Estão em desenvolvimento. O que não posso fazer é deixar isto se coroar e aceitar me tornando como eles. Tento sempre, me vigiando e policiando, não ser assim, “chato”, ou seja, egoísta (embora, no íntimo, todos o sejamos em menor ou maior grau). Um bom exercício para se diminuir a arrogância e o egoísmo é brincarmos com as crianças, entrarmos no universo delas, principalmente as menores, que ainda não tiveram suas mentes muito deformadas pela sociedade materialista que vivemos. Assim, o ser humano, na minha visão, é como disse Teilhard de Chardin, um ser que está momentaneamente esquecido de sua condição cósmica, buscando, ainda que não o saiba, experienciar outro estado, para de-

pois retornar de forma renascida e ampliada a um estado espiritual muito diferente do que quer que nossa mente tridimensional possa conceber, e que está intimamente ligado ao fraterno e ao amoroso.

Qual a influência de Caza na constituição de sua visão de mundo e na elaboração de sua arte, de modo especial na arte em quadrinhos?

O trabalho de Caza tem um lirismo e uma força espiritual como em poucos quadrinhos (e até em outras artes) tenho visto. Ele teve fases, incluindo a crítica/humorística social, com um viés pelo humano, e a cósmica, esta maior e mais abrangente. Eu já o estudei tendo elaborado um artigo para o NPHQ do Intercom de 1996 (naquela época chamado de GTHQ, coordenado pelo Flávio Calazans). No trabalho constatei 4 fases, sendo a primeira mais direta e humorística (mas não sem o senso crítico ácido), com cores e desenhos chapados similares à arte pop. Ele trabalhava em publicidade, mas parecia não gostar. Um de seus primeiros trabalhos em HQ trazia uns ternos com dentes e atitudes ácidas e de teor humorístico meio negro. Ele usou uma ideia sua de propaganda de ternos que não vingou, e começou a destilar sua raiva em relação à falsidade do ser humano através daquele trabalho. Depois ele aprimorou sua verve crítica (e artística) em *Scènes de la vie de banlieue*, uma série de HQ demonstrando a insignificância e arrogância do ser humano, representado pela mediocridade do cidadão médio (no caso, estereotipando um personagem de nome Marcel, muito comum na França), com HQ que beiravam o non-sense, o realismo fantástico e o surrealismo, mas todos com algo em comum: mostravam que o ser que se intitula humano era falível, sofrível, arrogante, inepto, já apontando desequilíbrios na natureza por parte das atitudes insanas desse “homem”, *homo sapiens*, ou *demens*, como diria Morin (as HQ de Caza apontam, então, o que seria o *homo demens* descrito por Morin). As histórias surrealistas de certa forma traziam

realismo, uma vez que a própria vida levada pelo homem era muitas vezes incompreensível, se vista sob certos aspectos. Por exemplo, numa HQ, o casal Michelin (Marcel era o marido) acorda reclamando de um barulho que vem do andar de cima que não os deixa dormir. Mas quando Marcel sobe para fazer a reclamação, chega, como num sonho, a um imenso portal e é atendido por São Pedro que imediatamente ordena que o “insignificante homenzinho” que não tem seu nome inscrito no livro santo, retorne para seu apartamento. Assim que Marcel o faz, Caza finaliza a história fechando uma porta vermelha após Marcel adentrar seu apartamento, sobre a qual jaz uma inscrição que remete àquela inscrita na entrada da boca do inferno, descrita por Dante Alleghieri.

Ou seja: o ser humano vive no inferno, mas não se dá conta disso.

Porém, a fase de Caza que mais me atrai é a que eu chamo de cósmica. Nessa, os homens são representados por seres meio disformes, que são os ‘Oms’, e que vivem em construções retangulares fechadas sem vida, causando males sem perceber. Ao mesmo tempo, momentos cósmicos interagem dando informações e finalizando de modo distinto tais HQ. Em algumas delas, o preto e branco do espaço sideral se mescla ao homem definitivamente cósmico. O ápice dessas HQ é a monumental Arkhè, também título do álbum homônimo, que traz em belíssimas sequências pintadas, imagens misturadas com poesia visual e textual, incluindo muitas referências, como alquimia, Gibran Khalil Gibran, o taoísmo, e até o Gênese.

Assim, Caza, embora contemporâneo a Moebius e Druillet, representou a mim uma das mais importantes passagens nos quadrinhos que já tive, pela universalidade de suas HQ, e pela beleza poética de seus textos e imagens. Na HQ “Vento”, foi a primeira vez que tive contato com a obra de Caza. Calazans me trouxe o fanzine que estampava esta HQ. Este fanzine foi feito por Ofeliano de Almeida e trazia uma pequena biografia de Caza. Aqui se colocam duas coi-

sas: a importância dos fanzines. Pois foi graças a eles que li Caza pela primeira vez há muito tempo atrás, muito antes de ele ter sido publicado no Brasil. E a maturidade do quadrinho poético fantástico-filosófico, como os de Caza, que me ajudaram a divulgar de forma mais apaixonada a potência informacional dos quadrinhos, com este gênero literário que muita gente ainda nem ouviu falar.

Qual a influência em você de Druillet?

É interessante. Eu sempre desenhei, e quando cheguei à fase adulta, meu estilo já estava se consolidando, com um traço meio “nervoso” e hachurado. Foi Calazans que me fez perceber que meu traço era similar ao de Druillet. Mas o interessante é que até então eu acho que não conhecia Druillet. Quando ele me mostrou e me notificou, foi que me dei conta disso. Mas o mais intrigante é que descobri que as HQ de Druillet não são padronizadas e muitas delas nem têm narrativas em quadrinhos “normais”. Ele criava suas HQ meio intuitivamente, e sem roteiro prévio, como os escritores surrealistas. Eu também fazia (e ainda faço) isso. Minhas HQ são construídas, muitas vezes, partindo de uma imagem, um impulso dado por uma música, que deflagra visões e cenas, que me impelem a ir jogando-as com textos diretamente sob a fruição musical. Nesse ponto, não há bem influência de Druillet sobre mim, mas sim, coincidências.

Qual a influência em você de Moebius?

Não muita. Para falar a verdade, demorei a gostar de Moebius. Seu álbum “O Homem é bom”, lançado no meio da década de 1980 no Brasil, ficou um tempão parado à minha frente numa livraria em Santos. A inflação galopava e eu já estava saturado de ler quadrinhos de super-heróis padronizados (excetuando-se um ou outro, como Frank Miller). E toda vez que passava na livraria, lá estava o álbum do Moebius. A inflação crescia e chegava até quase os 80% no Brasil, e ob-

viamente tudo tinha seus preços remarcados. Mas algo aconteceu que este álbum não tinha seu preço mexido. Acho que a livraria não ligava para ele, e nem ninguém o comprava. Um dia, talvez um mês ou dois depois, resolvi adquiri-lo, meio por desespero: estava a fim de ler algum quadrinho, e não queria mais os super-heróis. E como o “Homem é bom” não era remarcado, seu preço, afinal, se equiparou ao de um simples “gibi” formatinho, o que proporcionalmente, era muito barato para um álbum cartonado e colorido como aquele. Resolvi adquiri-lo. Qual não foi minha surpresa ao lê-lo? Minha mente se “alimentou” de seus traços, suas cores e de seus roteiros totalmente distintos dos padrões narrativos norte-americanos. Pensando assim, creio que este álbum, logo Moebius, teve alguma influência, sim: acho que minhas HQ poético-fantástico-filosóficas singraram por esse caminho pela liberdade que ele tem e dá, e que foi sentida por mim ao ler Moebius, de forma atenta, como nunca havia feito antes. Digamos que afinal amadureci para isso, e antes não estava pronto. Como quando ainda tinha uns 18 anos e não conseguia ler Charlie Brown, pois não via graça em suas tiras (e acho que não as entendia).

Interessante: respondendo esta entrevista foi que me dei conta de que fui influenciado por Moebius, embora não achasse isso antes!

Mas este álbum e esta compra me foi simbólica e até hoje uso de exemplos para palestras, a fim de demonstrar que nossas mentes podem se tornar embotadas se não experimentamos o novo... e se estiverem embotadas, não saberemos e nem quereremos experimentar o novo, por não acharmos que precisemos disso. Mas precisamos, e pelo simples motivo de ajudar a nossa evolução psíquica e espiritual, e na quebra de paradigmas e preconceitos. Esta experiência me ajudou a ver isso. Um álbum de quadrinhos me trouxe tal experiência... uma inflação galopante ajudou... uma não atualização de preços também... tudo, tudo interligado de uma forma magnânima a qual nem temos a noção de quão complexa ela é!

Qual a influência em você de William Blake?

William Blake me veio quando eu estudava artes na FAAP. Ele se tornou mais importante ainda, quando eu percebi em sua vida e trabalhos, semelhança com minhas atitudes e com a de outros artistas, como Gibran Khalil Gibran, que também se influenciou por Blake. Quando elaborei minha “quadrilogia” coeditada por Edgard Guimarães, o “Homo Eternus”, escrevi intuitivamente que Blake foi o primeiro “fanzineiro” do mundo, pois escrevia seus textos e montava seus livros com ilustrações pintadas pessoalmente, como se montasse uma revista ou um livro independente... só que com imagens e desenhos, como numa HQ de arte. Recentemente tive essa confirmação: no filme “Meninos de Deus”, uns garotos numa escola de freiras comentam acerca de Blake, ao folhear seu livro, dizendo que ele mesmo escrevia seus textos e pintava suas ilustrações, uma por uma. O filme mostra esses garotos querendo fazer histórias em quadrinhos, e usam sua professora (Jodie Foster como uma professora religiosa rígida) como personagem às escondidas. Essa relação, no filme, dos quadrinhos com os meninos e a liberdade, e a arte mística de Blake, confirmam essa proximidade de meu trabalho, também espiritual, com o de Blake.

A minha HQ “Hurizen”, fiz baseada no personagem que William Blake criara: “Urizen”. Mas eu não conhecia muito. Foi meio intuitivo. Estava fazendo uma ilustração, e me veio a frase: “meu pranto torna os lagos mais cheios”. Na ilustração pus um ser de costas sobre uma rocha, e essa frase inscrita nela, como parte da narrativa. Muitas vezes, ouvindo músicas eu criava cenas ou desenhos, que não necessariamente seriam HQ. Naquela fase de meus 22 aos 25, 26 anos, quando cursava a graduação, algo definitivamente eclodiu em mim. Eu sempre quis desenhar realisticamente, por isso fazia HQ com super-heróis, porque os desenhos traziam super-seres, mas também misturados à realidade. Depois, entre meus 17 e 19 anos, parei de

fazer HQ. Ao retornar, a convite e impulso de Calazans e o zine que ele coeditava, o “Barata”, eu senti que tinha que dar outro passo, que tinha que me “sentir” desenhando profissionalmente, embora ainda faltasse muito para fazer HQ como os desenhistas que eu conhecia, como Neal Adams, Gil Kane etc. Mas intuitivamente eu sabia que não dava para ser como eles. Naquela época não havia esse mercado aos desenhistas brasileiros para fazer HQ lá para os EUA. E eu sabia que teria que fazer muitas HQ para deflagrar o processo criativo e ficar melhor no desenho: só que no Brasil não daria tempo.

De repente, numa fase nova, em 1989, “senti” um impulso interno e vi que dava para fazer HQ fantásticas, um pouco como os europeus – e agora percebo essa influência nitidamente! – com seres quase humanos caminhando em desertos fantásticos confabulando sobre a existência. Eu comecei a fazer tais HQ, confiando que conseguiria, e consegui! “O jogo da vida e da morte”, “O aroma da mudança”, “A mãe”, e “Sina”, deflagraram isso tudo. “Sina”, aliás, eu fiz tendo pré-visto uma sequência na mente. Ao ouvir a música “Unforgettable fire” do U2, eu vi a sequência de um homem na cruz em 3 quadros, e imediatamente saltei da cama, ainda ouvindo a música, e elaborei o rascunho da HQ, ainda à lápis. Nela, a metáfora da existência e do sofrimento: pensamos estar “crucificados” em nossos problemas, mas em realidade nada nos prende à cruz, exceto nossa ignorância espiritual.

Depois, num outro arroubo, fiz a HQ “Retorno evolutivo”, sobre a relação do ser humano com os animais, no caso, as baleias, de uma maneira poética que até hoje as pessoas adoram o final dela (a baleia é morta, mas ressurgue como um feto noutra plano). E então veio “Hurizen”. Esta HQ é simbólica. Nela já não há mais elaboração à lápis, é tudo direto à nanquim e caneta. Depois que a fiz, relendo, incluí mais uma página entre as finais para a sequência ficar mais “cinematográfica”. Mas meu processo criativo nela sintetizou tudo o que eu vivia: o existencialismo, a opressão mental e espiritual, a so-

lidão, o curso de artes e as informações, como os trabalhos de Blake. Mas eu também sentia arroubos espirituais internos, principalmente à noite! Partindo daquele desenho do sujeito na rocha, resolvi dar sequência a ele, e me foram surgindo detalhes, sob influência até do desenhista Bill Sienkewicz (na forma dos 4 seres elementais que afrontam Hurizen). Toda a diagramação e estrutura da HQ é simbólica e criativa, tendo vindo direto no processo criativo. Minhas HQ lembram um pouco os desenhos taoístas, justamente porque são feitos direto à tinta, com o potencial do hemisfério direito aflorado, como fazem os taoístas ao pintarem e desenharem. Hurizen é uma metáfora quadrinhística e cinematográfica que me veio, a qual até hoje me assombro com a forma como ela resultou. Se eu a elaborasse racionalmente, tenho certeza que ela não teria tal força.



Arte de William Blake: imagem interna de seu “Livro de Urizen”. Fonte: Raine, 1970

Ela mostra a fragilidade do ego humano, e que temos que nos transcender para não perecermos na ilusão. De certa forma, a figura do Deus-falso Urizen de Blake, se re-manifestou no meu Hurizen. Tenho certeza que a essência e a premissa que Blake quis colocar em Urizen, eu refleti no meu Hurizen.

É uma obra forte, aberta e que considero, junto à Retorno Evolutivo e Sina, das melhores que produzi. Aquela foi a minha melhor forma! Não só artística, como em tudo: um impulso naquele período me fez adquirir confiança e criatividade, que até hoje busco retomar novamente... até agora de forma frustrada. Mas também tenho certeza que um dia voltará, de uma maneira renovada e bem distinta de como imaginava poder ser. Aliás, tudo em nossas vidas deve ser assim: não devemos querer ter de volta algo que foi bom. Pois não voltará até que nos liberemos de pensar em como tem que ser: este é o exercício errado do hemisfério esquerdo que só racionaliza com base no que conhece... e não deixa o direito trazer o novo, porque ele só traz o novo, direto da fonte cósmica.

Hurizen, de certa forma, traz todas essas mensagens, e me ajudou a construir meu imaginário e minha consciência... até hoje, pois revivo isso agora de forma mais consciente te respondendo esta questão.

Qual a influência em você do Taoísmo?

Quando estudei Licenciatura Plena em Educação Artística, em São Paulo, na FAAP, fiquei cinco anos, muitas vezes num processo de sofrimento “gozoso”, como diria Huberto Rohden. Embora estudasse artes, quando não estava na faculdade, eu lia Rohden, Krishnamurti, Trigueirinho, Bergier e tudo relativo às artes ditas místicas, ocultas e religiosas. Estudei um pouco de astronomia: fiz um curso de um mês na UFG, quando estudei um ano e meio Artes Visuais em Goiás, de 1986 a 1987, e depois abandonei para ingressar na FAAP. Na verdade, eu nunca sabia que curso iria fazer. Tentei Arquitetura em

Santos e Desenho Industrial na Belas Artes. Passei nas duas e até havia me matriculado na Belas Artes. Foi quando meus primos avisaram que o curso de Artes na UFG, em Goiânia, reabriria concurso vestibular para preencher vagas. Antes dessas tentativas, frustrei-me prestando artes na USP. Lá, embora tenha ido bem em algumas provas, como na de redação, tirei nota 1 em prova de aptidão. Isso porque eu era imaturo, e gostava de desenhar monstros e super-heróis, além de ter falado mal da arte abstrata. Hoje em dia vejo que a arrogância do meio acadêmico é tal que, ao verem minha prova, devem ter refletido que eu não serviria para cursar artes, pois não teria respaldo de conhecimento suficiente. Ora, é a visão típica do racionalismo cartesiano: se eu tento artes, e sou imaturo, nada melhor que eu ingressar no curso para aprender e experimentar uma nova realidade. Infelizmente, para o bem ou para o mal, o destino não me quis ali dentro naquele momento (só depois, no doutorado, irônico, não?).

Em Goiás, morando com tios fiz muitos amigos, principalmente na faculdade. Minha criatividade me assombrava, em alguns momentos! Eu mesmo não sabia de onde vinham aqueles trocadilhos e brincadeiras que fazia com meus amigos. Porém, confesso que o curso não me despertava nada quase, além das greves. Além disso, eu sofria calado uma solidão e uma angústia que não sabia de onde vinha, mas que havia começado aos poucos ao final de quando cursava o último ano do colegial.

Foi nessa época em Goiás que comecei a ler algo sobre espiritualidade. Na verdade, auto-ajuda: um livro que se tornou *best seller*, que estava na casa da minha tia, e que falava do poder da mente. E o li e até fiz um experimento: nunca jogava na loteria, mas resolvi tentar, usando o poder “mental”. Acertei um número exato, e mais quatro caíram anteriores ou posteriores (por exemplo: chutei 13, deu 12; chutei 25, deu 26 etc.).

Uma vez provado, abandonei isso e continuei na busca. Cansado das greves e de meu tormento, conheci “por acaso” Calazans num sebo em Santos. Ele me apresentou ao universo dos fanzines pelo zine “Barata”. Ao mesmo tempo, me mudei para São Paulo, prestando a FAAP. No começo foi difícil: sem dinheiro e sem saber onde ficar, uma família amiga me deixou dormir durante uns três meses, até que a Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, em que os pastores eram nossos amigos (embora minha família seja católica ortodoxa), me cedeu um quarto na Igreja, perto da estação Paraíso do metrô.

Depois consegui uma bolsa, que variou de 50 a 70% na FAAP, o que facilitou meus estudos (naquela época o curso de Artes da FAAP era barato, um pouco mais caro só, que o do Mackenzie). Mas enquanto eu estudava artes, meu tormento continuava. Lendo um outro livro “O poder cósmico do homem” de Howard Vernom, vi que havia muito mais na vida do que vivíamos. Foi como um chacoalhar. Depois, com Rohden, tive uma espécie de “educação” religiosa-científica, visto que suas explicações me eram claríssimas, e didáticas. E eu as aceitava como se ribombassem naturalmente dentro de mim, num misto de “Eureka” com “eu já sabia disso, mas não tinha percebido”.

Porém, o fato mais importante, foi quando, dentro do centro Cultural Vergueiro, peguei o livro do Tao de Lao Tse. Ao começar a lê-lo, fui sendo tomado de um indescritível sentimento de grandiosidade, e reconhecendo a amplitude da vida de uma forma como nunca havia sentido antes.

Ao acabar de ler, e sair da biblioteca, senti em contrapartida, uma tristeza, um abandono, um distanciamento terrível: como pode ser que eu sentira a vida em sua grandiosidade, e agora tudo se foi, estava distante e longínquo!

Foi aí que percebi que eu havia “ido” e voltado, por causa da força das palavras do taoísmo, que ecoaram em meu ser, que já as “conheciam”, mas que estava se lembrando como se fosse a primeira vez.

Daí por diante, tomei o taoísmo como meta, mas que até hoje não consegui viver realmente, embora em alguns momentos e na minha arte, eu possa transmitir e ingressar nessa filosofia/religião. Nos desenhos, posso dizer que é meio inconsciente e coincidente, já que faço os desenhos direto à nanquim, sob a força do hemisfério direito. Em suma, cogito até ter sido um taoísta n'alguma vida passada!

Em seu trabalho há influência do trabalho de Flávio Calazans? Que tipo de influência?

Sim. Ele me incursionou no universo das HQ autorais e dos fanzines, me ajudando a tomar consciência disso tudo, como se fôssemos aluno e mestre (obviamente, eu o aluno, e ele o mestre). Mas não havia essa titulação: éramos amigos, e isso encontrava ecos. Muitas vezes víamos que tínhamos um pensar semelhante. Infelizmente, há uma diferença entre mim e ele, com relação a como nos portamos face aos problemas da humanidade. Nossa amizade acabou devido a vários fatores, mas o principal realmente tinha a ver com questões egóicas, de ambos os lados. Porém, o respeito pelo humano Calazans e o reconhecimento de seu auxílio, eu carrego sempre comigo.

Você concorda com a afirmação de que as HQs poético-filosóficas brasileiras sofreram forte influência da fantasia poética europeia, de modo especial por meio dos trabalhos de Caza, Druillet e Moebius?

Sim, mas não consciente, e nem total. Já fazíamos algo assim aqui. Uma de minhas primeiras HQ foi “Vil Existência”, que trazia um estilo artístico similar aos das HQ, com um viés narrativo europeu. Isso sem que eu conhecesse o quadrinho europeu direito. Caza, Druillet e Moebius apenas acenderam a possibilidade de que podíamos mesmo continuar pelo caminho que estávamos começando. Talvez tenha isso algo a ver com a teoria dos campos morfo-genéticos e mórficos de Rupert Sheldrake: se lá na Europa havia os quadrinhos fantástico-fi-

losóficos, aqui começaram a pipocar do “nada”, graças a esta teoria, que traz um pouco do que penso do inconsciente coletivo traçado por Jung. Ou seja: as influências, na verdade, são de origem cósmica, via canal direito do cérebro. Graças aos quadrinhos europeus, porém, a coisa andou mais rápido então, por aqui, do que talvez andasse se não houvesse eles. E de forma um tanto diferente, esteticamente. Porém, há uma diferença básica das HQ de lá das daqui: aqui fazemos HQ curtas, “nervosas” e mais condensadas, e lá, não. Aqui, isso acontece, acredito eu, devido às idiossincrasias de nosso povo, afeito à influência mais direta espiritual do que noutros lugares. O mesmo se deu com o Espiritismo: Alan Kardec, que começou na França, definiu lá, enquanto que aqui só está crescendo. O francês parece ter perdido a inocência. Chico Bento traz histórias que na França não existem, em relação à sua ingenuidade, mas também à sua transmissão de mensagens amorosas e fraternas. Não à toa Paulo Coelho faz sucesso por lá: como perderam a inocência, veem na literatura simples (para nós) dele, algo de inestimável valor que precisam resgatar (mesmo que não o saibam). Aliás, coincidentemente, um dos livros do Paulo Coelho foi ilustrado na edição francesa por Moebius.

Quais as diferenças que você vê entre as abordagens poético-filosóficas brasileira e europeia? Qual a marca distintiva dos trabalhos brasileiros?

Um pouco foi respondido na questão anterior. Mas acho que aqui elas são mais incisivas e mais diretas ao hemisfério direito do cérebro, do que as de lá. Na França, as HQ *non-sense* de Moebius têm essa conotação, e algumas antigas de Caza também. Atualmente, não sei dizer, mas parece que se renderam todos ao mercado, fazendo HQ longas de epopeias como os norte-americanos. A obra de Caza se diluiu e perdeu muito a força atualmente.

No Brasil, as HQ fantástico-filosóficas ainda continuam, mas confesso que minha produção está quase zerada atualmente. Decerto por causa da tese que tive que fazer, e também porque devo estar entrando em alguma fase nova. Às vezes, para isso, a alma pede um período de não realização, para que haja depois um preenchimento renovado... isso está de acordo também com o taoísmo: deixar o rio e fluir com ele, se adaptando às mudanças. Eu vejo as HQ fantástico-filosóficas (assim alcunhadas por Henrique Torreiro, organizador das Xornadas de fanzines de Ourense, ao mencionar o estilo de trabalho meu e do Edgar Franco), como a contraparte dos haikais, na forma de HQ: mensagens condensadas visuais-literárias para quebrar a mente racional, tal como os koans zen-budistas são usados pelos mestres para trazerem a mente cósmica a seus discípulos.

São utilizadas várias terminologias aparentemente sinônimas: quadrinhos poéticos (Henrique Magalhães), quadrinhos poético-filosóficos (Edgar Franco), quadrinhos de fantasia filosófica (Catálogo da 5ª. Expo Fanzines de Ourense, Espanha). Qual você considera mais adequada ao tipo de quadrinhos que você produz?

Talvez HQ Fantástico-filosóficas, mesmo. Acho que revela a fantasia, mas ao mesmo tempo a seriedade, a busca da sabedoria, e a espiritualidade inerente. E abrange mais do que se fosse HQ espiritualista, só por causa dos preconceitos concernentes às questões de ordens espirituais. A abordagem do termo “filosofia” evita tal preconceito, e pode atingir mais pessoas.

Edgar Franco faz distinção entre quadrinhos poético-filosóficos e quadrinhos expressionistas. Você também faz? Qual a diferença que você vê, afinal o quadrinho expressionista não é também filosófico? Talvez o quadrinho expressionista seja menos poético?

No fundo, tudo é filosófico, mas eu entendo esta distinção. Por exemplo, quando algumas HQ têm um viés mais angustiante, como as HQ mais antigas de Lourenço Mutarelli. São expressivos, como um quadro do Munch. Já a busca com mais embasamentos fundamentados na ciência e outros dados espirituais, tornam as HQ mais “pensadas”, enquanto mixadas à expressividade, dando o que se chama de quadrinhos poético-filosóficos. Mas acho que estas definições também se contradizem. Deve haver algo que as distingue, mas que se encontra mais de acordo com a consciência de seus autores. Isto não impede, também, que vez ou outra, determinado autor crie HQ nas duas vertentes, dependendo da fase em que se encontra.

Há leitores que comentam a dificuldade de compreensão quando da leitura de quadrinhos poético-filosóficos. Henrique Magalhães defende a necessidade de “ser profundo sem deixar de ser compreensível”. Como você vê a questão do caráter, muitas vezes, hermético dos quadrinhos poético-filosóficos?

Aqui eu aprendi à força a ser mais ousado, mesmo contra a minha vontade racional. Percebi isso fazendo uma análise em mim mesmo: gosto de ler HQ inteligentes e de narrativas longas e minuciosas, cujo enredo vai prendendo a atenção, como os trabalhos antigos de Miller ou, por exemplo, Watchmen de Alan Moore. Mas gosto também de HQ curtas de informação condensada e direta, como as de Edgar Franco, ou outras antigas e curtas de Calazans, como em “Guerra das idéias”.

Aí me colocava como um leitor e via nessas HQ e nas minhas, porque eu deveria gostar delas, ou não?

Percebi, durante meu mestrado, em que pesquisei estas HQ, e mistei as informações com física quântica e koans zen-budistas, que a mente racional adora as narrativas longas e que a fazem mergulhar nos enredos de modo que ela se esqueça de si mesma. Percebi que isto

a ajuda a desenvolver-se, e que quem gosta, depois, de perceber isso e se dar conta, é a mente racional, porque ela, mergulhada no tempo, ao ler, se esquece de seus problemas. Isto realmente lhe dá prazer.

Já as HQ fantástico-filosóficas, além de serem condensadas, são curtas. A mente racional, hemisfério esquerdo, não gosta disso: quer se perder lá, quer se esquecer de si mesma, e essas HQ não duram muito, ao mesmo tempo que não a deixam refletir e entender direito, já que são condensadas, quânticas (as informações estão e não estão, portanto, são perceptíveis e imperceptíveis, difíceis de serem pegadas, como acontece com os pesquisadores das micropartículas que têm dificuldades de especificarem se as micropartículas são corpúsculos materiais ou ondas... mas que percebem, depois, que são ambas, e nenhuma!).

Assim, percebi que minha mente racional adora histórias longas, mas não gosta destas curtas e ininteligíveis! Mas minha mente intuitiva, cósmica, que não sabe racionalizar nem linearizar, mas se compraz em “sentir” o todo, se sente em casa nestas HQ! Aliás, esta minha mente direita, criativa, se ativa e se desenvolve ao ler tais HQ!

E descobri que é por isso que eu faço este tipo de HQ: para que meu eu espiritual se desenvolva, e para auxiliar outros para isso. O mesmo vale para outras HQ, outras obras artísticas, de outros autores, que veem dessa forma, como por exemplo, o final do filme “2001, uma odisséia no espaço”, que eu acho um dos mais, senão o mais importante filme imagético-visual, cósmico e pleno, que nada explica direito, mas que se coloca apoteoticamente com a música, no exato momento que, após viajar a imensidão do cosmo, o cosmonauta renasce na forma de um bebê na placenta-mundo!

O filme, quando eu vi pela primeira vez, o senti lento, chato até... mas o final é de estraçalhar quaisquer limitações, quaisquer preconceitos, quaisquer pensamentos racionais: é imagem e música e informação quântica espiritual. Idêntica às HQ fantástico-filosóficas.

Então, se as HQ são hiper-condensadas e as pessoas não as compreendem, melhor ainda! Querendo ou não, essas HQ vão trabalhar no supra-consciente das pessoas, mesmo sem elas saberem, e contribuir para a mudança, porque esse tipo de HQ não veio de mim, e sim da fonte original que é comum a tudo no universo e à alma cósmica humana, ainda que travestida temporariamente na matéria limitante.

Por que, segundo sua leitura, a revista Mandala parou?

Muito vanguarda. Ela veio, trouxe algo que país algum tinha (o mais próximo teria sido a *Metal Hurlant* em seu momento), mas existiu e ainda ecoa... pensando bem, ela parou, mas não parou... embora tenha parado. Foi porque as pessoas ainda a estão assimilando, embora não saibam. Aliás, as pessoas e o mundo estão em mutação cada vez mais rápida, mais atordoante, enquanto não percebem isto... porém, independente, cedo ou tarde, elas ingressarão neste novo *momentum*... daí, simbolicamente, exemplifico que a *Mandala* retornará à existência, mesmo que de forma virtual, e mesmo que as pessoas nem sequer a tenham visto/lido.

Como está hoje a produção de quadrinhos poético-filosóficos no Brasil?

Acho que o fôlego diminuiu. Eu também diminuí... mas alguns continuam, entrando em outras mídias, como Edgar Franco e seu Post-Human-Tantra sonoro, que re-sintetiza isso, só que de forma sonoro/visual. Mas Edgar Franco está em franca publicação com sua série *Artlectos e Pós-humanos* pela editora Marca de Fantasia. Além disso, está trabalhando na continuidade do álbum *BioCyberDrama* com Mozart Couto, e fico agraciado por Edgar ter-me homenageado com o personagem Gandraus (pai de Antônio, personagem principal da série que será um marco na ficção-fantástico-filosófica brasileira). Portanto, acho que vai voltar, não sei como, mas vai. Eu mesmo

tenho ensaiado esse retorno... e acho que quando eu retornar, estarei realizando uma HQ fantástico-filosófica também renovada, de acordo com o que as mudanças atuais pedem.



Capa do álbum *BioCyberDrama*, publicado pela Editora Opera Graphica, fruto da parceria de Edgar Franco com Mozart Couto. A saga completa em um único volume saiu posteriormente pela Universidade Federal de Goiás

O que germina dentro do Gazy, quadrinhista do gênero poético-filosófico, hoje?

Esta sensação de que algo germina, mas que ainda não está pronto para eclodir, porque depende da alimentação que está sendo colocada para fortalecer a germinação.

Tenho ensaiado algumas poucas HQ, e nenhuma finalizou. Mas tenho sentido a diferença de como a mente pensa, ao executar algo artístico de algo racional, científico. Me dei conta de que é assombrosa a diferença; na arte, parece que há uma “descida” integrativa, do todo, para o papel, de uma forma totalmente intuitiva que não se preocupa em elaborar respostas, porque se assim o fizer, vai limitar

a “descida”, já que a racionalidade é linear e mais “lenta”. Por outro lado, ao se escrever e pensar racionalmente, a mente entra em outros parâmetros, mais dedutivos e particulares, pegando pequenos pedacinhos. Ela se compraz também nisso, mas seu “sentimento” é totalmente diferente do “todo” que o processo de elaborar a arte traz, no ato (o ato de desenhar, por exemplo).

E só fui sentir isto, depois de ter feito o mestrado e doutorado.

Agora entendo porque muitos têm dificuldade em criar e pensam que para ser artista têm que ter a mente bem diferente (ou se drogar).

Na verdade, essa possibilidade de criar sem nada existe se usarmos a mente hemisférica direita também, imaginando, brincando, ficando mais tempo na fantasia... mais tempo como crianças. Einstein percebeu isso: ele dizia que levou mais tempo para amadurecer, e os estados “pueris” e contemplativos que ele ficava (enquanto pensavam que ele era retardado), e devido a isso pôde pensar fatos como a relatividade, de forma simples e diferente de como um “adulto” racional poderia pensar.

Eu vejo da mesma forma: para mim, era fácil entrar em processo criativo, bastando ouvir músicas. Lembro que brinquei muito, até meus doze anos, quando as pessoas já não brincavam mais como eu (apesar de que também trabalhei no bar do meu pai, a contra-gosto).

Durante o doutorado, algo me aconteceu, e hoje em dia tenho certa dificuldade em criar. Daí, aprendi que as pessoas têm esta dificuldade e nem sabem que é dificuldade: inibem sua criatividade através de um pensar racional e padronizado que mina suas energias e não lhes dá criação. Parece que senti tudo isso para entender e compreender, e acho, para depois retornar de forma renovada.

Mas penso que não só por mim, e não só eu: penso que está chegando a hora de a humanidade ser realmente “humana” e unida. Acho que está eclodindo uma nova humanidade, e cada experimento de cada um de nós, cada reconhecimento dessas fases e qualidades

está se firmando, cada vez mais de forma aberta e mais ousada para os padrões antigos. Eu, por exemplo, tenho desenvolvido à revelia meu dom de antecipar, sentindo e vendo imagens, coisas que me vão acontecer: quando são boas, me sinto bem antes, ou vejo imagens similares; quando me vêm coisas “ruins”, eu me sinto mal antes, ou me vêm imagens idem. Me lembro de ter lido que Carl Gustav Jung, quando queria se certificar se uma de suas hipóteses de trabalho seria ou não correta, esperava para sentir seu corpo: se se sentisse bem, a hipótese era validada, senão, caso sentisse mal, ele a descartava. Como se vê a sensibilidade não é algo mágica ou mística, e sim um “dom” que faz parte do desenvolvimento psíquico da humanidade.

É o que intuo/sinto/penso acerca disso, nesse mesmíssimo instante.

Obrigado por me fazer ver isso de forma mais clara, agora, Elydio. Abraço.

Gazy Andraus, 21 de maio de 2007.

Segunda entrevista

25 anos de quadrinhos e fanzinato (julho de 2012)

Gazy, neste segundo semestre de 2012 completam-se 25 anos de sua vida como desenhista de quadrinhos e fanzineiro. O seu marco é o fanzine *Barata nº Zero*, do segundo semestre de 1987 (*Estados Alterados de Percepção*). Nele você publicou três histórias: “O único” e “Vil Existência”, com roteiros e desenhos seus; “O líder”, com roteiro de Fernando C. Feijó e desenhos seus. Qual a sua sensação hoje, 25 anos depois, quando você olha para aqueles primeiros traços. O que o movia, segundo sua percepção de hoje?

Aquele número 0 na verdade era o número 12 ou 13, se não me engano, só que uma edição especial apenas com HQ, e foi minha estreia nos zines. Eu voltei a fazer quadrinhos ao final de 1986, como exercícios após conhecer o Calazans e o pessoal da *Barata*. Eu havia me cansado de super-heróis e estava apenas desenhando como treinos e para a faculdade de artes da UFG, onde estudava. Mas me senti compelido a voltar a produzir quadrinhos, só que como estava destreinado, peguei inicialmente um roteiro do Feijó e fiz a HQ do político corrupto que ele escreveu. Usei uma folha A-4 e nela mesma fiz as duas páginas da história. A seguir criei a “O único”, um pouco no estilo de Neal Adams e influenciado por histórias apocalípticas – mas ali já se via minha influência filosófico-espiritual nela, e a mensagem de esperança. Por fim, num arroubo, depois produzi a “Vil Existência”, finalmente numa folha A-4 para redução, e numa só página, num estilo que transitou à arte dos heróis (na figura da morte) e na filosofia-poética, ou no em-

brão do que chamo de HQ fantástico-filosófica. Aquilo para mim foi um marco. Eu fiz a HQ numa noite após conversar e filosofar sobre a vida com outro amigo, perto da orla da praia. Lembro-me que ele estava desestimulado e na nossa conversa eu acabei estimulando-o novamente a encarar melhor a vida. Voltei pra casa e sabia que tinha uma HQ de uma página a produzir, e como me sentia bem, toquei a fazê-la, e resultou na apresentação da própria morte filosofando acerca da existência... Acho que ali ingressei numa amplificação de minha maturidade artística, pessoal e profissional!



Capa do Fanzine Barata n° Zero, capa de Alexandre Barbosa (Bar) HQ Vil Existência, marco para Andraus em sua produção, e uma de suas primeiras HQ publicadas

Sua produção se dá num campo marginal, paratópico: quadrinhos poético-filosóficos. Ou seja, o mercado oficial de quadrinhos não presta atenção neste tipo de produção. Como você enquanto autor, que certamente deseja ser lido, lida com esta situação?

Hoje acostumei-me e aceito numa boa. Foram anos e só recentemente concluí o óbvio: a complexidade e preocupações da mente não são

para muitos, e quem as tem as carrega como um fardo sozinho praticamente, pois são pesados a uma sociedade mais atinente à superficialidade. Dessa forma, é natural que a maioria não se interesse por esse tipo de trabalho, pois cada um está num ritmo de vida, e assim, só vai afetar aqueles que se dispuserem a encarar “o abismo que olha pra você de volta”, como diria Nietzsche. Mas esse “peso” também se alivia ao criarmos e comungarmos aos outros. Então, numa boa: hoje em dia, continuo obscurecido na arte, mas compenso nos meus trabalhos acadêmicos, que pelo menos as pessoas têm mais acesso. Porém, é claro que ainda gostaria de ter meu material produzido e vendido em livrarias, pois acho que há um público, ainda que reduzido, o qual gostaria de ler e refletir comigo esta produção. Nesse sentido, desde 2017 fiz com a Criativo os álbuns *Homo Eternus*.

Você, hoje, ainda aprecia as histórias em quadrinhos que estão no grande mercado, dominado de modo especial pelos EUA (Marvel, DC, aventuras, super-heróis, histórias adultas etc.)? Como é sua relação com elas hoje?

Hoje, leio muito pouco desse material atual. Mas releio vez ou outra do que tenho antigo, como Neal Adams e outros. Mas claro, penso que os atuais são bem diferentes do que antes. Nos filmes percebo isso, já que há modificações pertinentes à contemporaneidade. Recentemente comprei uma revista que traz Homem de Ferro e Thor, e apesar de um texto bem escrito nas três HQ na revista, todas são continuações e continuam, tal como os mangás. Antes não eram assim: apesar de continuarem, tinham um plot que se fechava melhor na mesma edição. Acho que isso se perdeu, e percebi roteiros pouco estimulantes à leitura, enfadonhos até! Arrependi-me de comprar a edição, mas por outro lado me mostrou em que (mal) nível chegaram essas histórias. À exceção, claro, de roteiristas ingleses como Grant Morrison e Alan Moore, que fazem um trabalho muito mais

consistente. Uma saga que muito me chamou a atenção devido à sua maturidade e roteiro brilhantes é “Inumanos” de Paul Jenkins e arte de Jae Lee, a qual li umas 4 vezes e a coloco como obra prima quase de igual a igual com clássicos como V de Vingança e outros.

E quanto aos quadrinhos europeus? Você ainda os acompanha?

Também muito pouco. Embora tenha ido em 2010 e 2011 à França, trouxe pouca coisa, pois percebi o mesmo problema que o mercado de heróis: profusão de títulos e falta de criatividade, infelizmente. Mas dos autores europeus, gosto de Marc-Antoine Mathieu, por trazer HQ inteligentíssimas e simbólicas, mesclando metalinguagem com absurdos kafkianos.

Você, além de desenhista e fanzineiro, é professor e pesquisador no campo dos quadrinhos. Sua tese de Doutorado recebeu o Troféu HQMix de melhor tese produzida no campo dos quadrinhos no ano de 2006. Como estes dois caminhos se resolvem em você? Há conflitos ou um caminho subsidia o outro? Como é isso?

Costumo dizer que o caminho acadêmico e a tese me fizeram cobaia de mim mesmo. Explico-me: defendi que se usamos mais a racionalidade, atrofia-se a criatividade (e vice-versa), e na tese fui tão metódico e racional, que perdi a vontade de criar desenhos... mas atualmente sinto um pouco a falta de criar mais HQ e desenhos, embora recentemente tenha feito vários no V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual promovido pela FAV da UFG no mês de junho de 2012, quando durante as palestras e apresentações simplesmente tornei a desenhar e com isso, acabei de criar um novo zine cujo título me saltou: Parassimpático (que tem a ver com sistema nervoso e vida, e também uma brincadeira na capa em que se lê “Simpático” mas ao se abrir com a capa de trás lê-se completamente a palavra Parassimpático... creio que o título me veio intuitivamente lembrando “para-“ em paralelo, paratópico

etc. (pode ser visto aqui: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.10151105838381753.492313.729696752&type=3> e também pelo link: <https://www.marcadefantasia.com/parceiros/gazyandraus/parassimpatico/parassimpatico.html>). Penso que as demandas profissionais como professor e coordenador também me exauriram um pouco e me tornam mais racional linear, o que tem me deixado menos propício à criação... o lado bom disso tudo é que percebi porque as pessoas têm dificuldade em criar: por estarem envolvidas demais com linearidades burocráticas, nem sabem o potencial criativo que possuem!²³

Henrique Magalhães, importante editor de quadrinhos poético-filosóficos, costuma chamar a atenção sobre como seus quadrinhos são viscerais, produzidos quase sem planejamento e esboços preparatórios. Esta é uma marca sua, de fato? Continua sendo assim? Você continua a produzir visceralmente?

Sim, embora eu esteja um pouco mais temeroso do que antes (apesar de que esses desenhos novos que fiz são diretos também) à nanquim. Esse meu estilo contrasta com a mania que tenho de explicar e teorizar tudo, creio. Ele vem e me força a ser corajoso entrando de cabeça intuída no criativo, tal qual os taoístas o fazem. Assim, paradoxalmente, embora seja muito racional e queira explicar demais, na minha arte a subjetividade se espalha... como a existência binomial da micropartícula que também é uma onda, como visto pela física quântica...

Quais as dificuldades de produzir quadrinhos do tipo que você produz? E o que o faz seguir em frente?

Acho que a coragem de fazer direto, sem esboço, “sentindo” os impulsos que a música me traz, e sabendo que não tem um roteiro de-

23. Para aprofundar a visão de Gazy Andraus sobre os processos criativos e dinâmicas didáticas, conferir o seguinte artigo, de Matheus Moura, na revista Conhecimento Prático Filosofia, nº 31: <https://www.skoob.com.br/conhecimento-pratico-filosofia-n-31-541197ed550644.html>.

finido e padronizado. E também desenhar sem referencial, tentando montar e construir os traços (ainda que bem “rabiscados” e soltos). O que me faz seguir é uma vontade inata de transferir pro papel o que está intimamente “preso” em minha essência, quase como uma liturgia, uma necessidade espiritual de comungar isso com todos que o quiserem... tentando mostrar a eles que também podem e devem ir além, como eu o faço nesses momentos.

Que balanço você faz destes vinte e cinco anos de sua produção nos quadrinhos e na fanzinagem? O que você aprendeu com isso tudo?

Preciso refletir nesse momento: acho que a maior lição é que estamos sempre numa espécie de evolução, ainda que não percebamos, e ainda que muitas vezes pareça que “paramos” no tempo em alguns momentos ou atividades... muitas vezes as “paradas” são para que introjetemos uma nova maneira de ver/viver a vida, e sem a parada pode ser que não nos reciclemos. Mas, embora em essência eu acredite que sejamos muito similares, cada um de nós é diferente, e com isso, pode ser que alguns tenham que fazer a mesma coisa a vida toda, enquanto que outros, como Will Eisner mudaram de fases (como Picasso). Mesmo assim, como Heráclito afirmava, “não se pisa no mesmo rio duas vezes”, então acredito que fazer a mesma coisa a vida inteira não quer dizer exatamente isso. Eu posso dizer que também me modifiquei. Atualmente talvez eu não precise tanto criar HQ... ou talvez precise criar algo diferente, e como não sei bem o que é, estou incubando tal processo, que me faz quase parar na produção artística...

Nestes vinte cinco anos que balanço você faz das relações que construiu, por causa do mundo dos quadrinhos e dos fanzines, com outras pessoas?

Muito positivo! O fanzinato me fez conhecer pessoas do mundo inteiro, e do Brasil de norte a sul, leste a oeste, e muitos sequer vi

pessoalmente. O caso mais emblemático foi a grande e rápida amizade com o falecido e criativo Joacy Jamys, fanzineiro de São Luís do Maranhão. Trocamos cartas, e quando eu iria conhecê-lo em São Luís num evento do Intercom, acabei cancelando minha ida devido ao atraso da tese, e no final ele veio a falecer precocemente deixando uma lacuna no mundo dos quadrinhos independentes. Houve dis-sabores também, mas não devo dizer que foi por causa dos quadrinhos, e sim, por causa das próprias reentrâncias que a vida muitas vezes nos impõe. Mas o saldo é fenomenal: você mesmo, Elydio, a quem conheço graças aos quadrinhos e fanzines, trouxe a renovação com os biograficzines, e fico agraciado por ter sido convidado por você a conduzir os cursos dos biograficzines. Devo ainda lembrar casos mais impressionantes, que é o grande amigo-irmão Edgar Franco, que conheci participando de um mesmo número do zine Barata. Franco nasceu na mesma cidade que eu, e é um dos expoentes comigo da HQ poética (ou fantástico-filosófica), numa ação do destino que impressiona pela sincronicidade e coincidência mirabolante: dois nascidos na mesma cidade, que faziam HQ em estilos similares sem nunca terem tido contato antes um com o trabalho do outro! E por isso criamos o fanzine “Irmãos Siameses”, lançado em 1994, e que originou o termo “Fantasia-Filosófica”.

Depois de todo este caminho feito, como criador e pesquisador de quadrinhos, o que as histórias em quadrinhos significam concretamente para você?

Significam parte integral do complexo de criatividade a qual os humanos podem (e devem) realizar. Parte integrante e integradora desse processo; uma faceta deveras importante que tem que ser levada em conta, pois os quadrinhos em sua estrutura permitem que nossas mentes se tornem mais complexas em uma inteligência racional, mas principalmente criativa: creio mesmo que ao lermos os

quadrinhos que se concatenam nas páginas, forçamos as sinapses a se concatenarem mais ainda, forçando-nos a uma criatividade muito mais amplificada e inteligencial!



Gazy Andraus e Edgar Franco no lançamento do fanzine Irmãos Siameses, em junho de 1994 na Gibiteca de Santos, SP

Alguns pesquisadores e pensadores dizem que, em função, sobretudo das novas linguagens emergentes, os quadrinhos no seu formato tradicional impresso e, de modo especial os fanzines, vão desaparecer. Você concorda com isso?

Acho que por ora, não. Vai demorar. Mas talvez essas novas linguagens consigam tornar mais complexas as estruturas de linguagens dos quadrinhos, e aí sim, pode ser que tomem seu lugar, já que fariam das mentes mais inteligentes que buscariam desafios maiores e que os tradicionais não subsistiriam. Mas isso em tudo: a TV tradicional é uma porta da internet e as tarefas são mais complexas ainda

do que só se mudarem os canais. As próprias TVs atuais são uma mescla de sintonizadores com multifunções incluindo Internet.

Qual o lugar da fanzinagem na sociedade contemporânea? Os fanzines ainda têm algo a dizer?

Muito a dizer! A primeira coisa é: crie e crie-se! O fanzine não se prende a nada e permite com que cada um de nós se expresse da maneira que quiser, e compactue com o próximo as ideias... e podemos explorar nele os formatos e tudo o mais, tendo como escoarmos nossas pertinências. Ora, os blogs nada mais são que fanzines mesclados a diários virtuais! Expressão de liberdade total. Sem falar que é nos zines que nos confraternizamos, quase como a língua esperantista, que não visa nada da área dos negócios e capitalismo. Geralmente os zines são distribuídos e gratuitos, e formam uma rede de amigos no mundo todo, que compartilham tais ideias libertárias. Se não fosse a cultura independente e os fanzines, seríamos mais isolados e menos expressivos e criativos.

Quais são os seus projetos para os próximos anos de quadrinhos e fanzinagem?

Ainda não sei. Sinceramente, eu gostaria de voltar mais à carga nos quadrinhos e desenhos, e produzir um álbum. Com os fanzines, eu tenho a premissa de fazer, ao menos, um por ano (já fiz o meu nesse ano de 2012, pelo menos, o Parassimpático). Mas gostaria de continuar nas artes independentemente dos rótulos: talvez as HQ e zines me sejam mais ousadamente criativos a partir de agora, mesclados à área acadêmica, até mesmo como divulgações científicas de outras maneiras. Tudo é possível, se nos abirmos ao sempre novo!

Referências

- ANDRAUS, G. *Homo Eternus* (1 de 4). São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993 a.
- ANDRAUS, G. *Homo Eternus* (2 de 4). São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993 b.
- ANDRAUS, G. *Homo Eternus* (3 de 4). São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993 c.
- ANDRAUS, G. *Homo Eternus* (4 de 4). São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993 d.
- ANDRAUS, G. *Viagens*. São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993e.
- ANDRAUS, G. Terra e Plantio. In: Revista *Brasilian Heavy Metal*. São Paulo: Comix, 1996, p. 67-70.
- ANDRAUS, G. *Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: o Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (Instituto de Artes Visuais – UNESP), 1999. (Dissertação de Mestrado)
- ANDRAUS, G. *Ternário M. E. N. João Pessoa: Marca de Fantasia*, 2001, p. 7-8.
- ANDRAUS, G. *As Histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Escola de Comunicações e Artes), 2006a. (Tese de Doutorado)
- ANDRAUS, G. *História em Quadrinhos, Imagética e Infância*. In: <http://www.ibacbr.com.br/artigos.php?dir=artigos&opc=013&idartigo=0013>. Último acesso em 19 de novembro de 2006 (2006b).
- ANDRAUS, G. Entrevista concedida a Werner José Lisbôa Krapf. In: Anexo de E-mail de Gazy Andraus para Elydio dos Santos Neto, em 10 de maio de 2007, às 03:54, 2007a.

ANDRAUS, G. Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Gazy Andraus para Elydio dos Santos Neto, em 21 de maio de 2007, às 06:02, 2007b.

ANDRAUS, G. *Artlectos e Posthuman Tantra: conceitos distintos para um novo futuro à humanidade*. In: <http://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1189385026> . Último acesso em 11 de fevereiro de 2013 (2007c).

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BLAKE, W. *Matrimônio do Céu e do Inferno*. São Paulo: Madras, 2004.

CALAZANS, F. A arte das Histórias em Quadrinhos de Gazy Andraus. In: ANDRAUS, G. *Homo Eternus* (1 de 4). São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993, p.3.

CALAZANS, F. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.

CARVALHO, DJota. *A educação está no Gibi*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

DE GREGORI, W. *Os poderes dos seus três cérebros*. São Paulo: Pancast, 1999.

EISNER, W. *Quadrinhos e Arte Seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, A. H. O jovem e o consumo de Mangá: reflexões sobre narrativa e contemporaneidade. In: *Anais da XXIX Reunião Anual da ANPED*: Caxambu: ANPED, 2006. (GT 16: Educação e Comunicação)

FRANCO, E. S. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) *As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática*. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.

- FRANCO, E. & COUTO, M. *BioCyberDrama*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GROENSTEEN, T. *Histórias em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.
- GROF, S. *Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.
- MAGALHÃES, H. Poesia e Quadrinhos, In: Revista *Mandala*, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, 17-18.
- MAGALHÃES, H. Quadrinhos Poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma, In: Revista *Mandala*, n. 13, junho de 2001a, João Pessoa: Marca de Fantasia, 19-20.
- MAGALHÃES, H. Transcendência e poética visual. In: ANDRAUS, G. *Ternário M. E. N.* João Pessoa: Marca de Fantasia, 2001b, p. 7-8.
- MAGALHÃES, H. Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Henrique Magalhães para Elydio dos Santos Neto, em 22 de maio de 2007, às 00:48, 2007.
- McCLOUD, S. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.
- McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORIN, E. *Terra-Pátria*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.
- MOYA, A. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- PALACIOS, G. A. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

- PEREIRA Jr., L. C. Poesia em quadrinhos. In: *Revista Língua Portuguesa*, ano II, n. 18, abril de 2007, São Paulo: Editora Segmento, p. 22-27.
- RAMA, A. e VERGUEIRO, W (e outros). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAINE, K. *William Blake*. London: Thames and Hudson, 1970.
- SANTOS NETO, E. *Por uma Educação Transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof*. Rio de Janeiro/São Bernardo do Campo, SP: Lucerna/Metodista, 2006.
- SANTOS NETO, E. *As histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Origem e estudo dos principais autores numa perspectiva das interfaces educação, arte e comunicação*. São Paulo: Instituto de Artes: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010, 205 páginas. (Relatório Final de Pesquisa de Pós-Doutoramento)
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SAVIANI, D. *Educação: do senso-comum à consciência filosófica*. 3ed. São Paulo: Cortez/Editora Autores Associados, 1983.
- TORREIRO, H. [8] *Expofanzines. Exposición Internacional de Fanzine e Prozines*. IX Xornadas de Banda Deseñada de Ourense. Ourense: Phanzynex/Casa da Xuventude/IX Xornadas de Banda Deseñada/Xunta de Galicia, 1997.
- TOURAINÉ, A. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Anexo I

“A vida em um corazón!”²⁴

Pensando em criar uma HQ para o 4º número da revista independente Zine Royale, editada pelo competente e criativo Jozz, imaginei de que forma adentraria no tema pedido: um entrecruzamento da cultura/língua brasileira (em que se fala o português) e a espanhola (América Latina), com o castelhano.

Assim, numa fase recente, em que coincidências junguianas me fizeram pensar sobre o coração (órgão vital dos seres vivos animais e homínais), principiei ao som de músicas, a criar uma HQ fantástico-filosófica, em que me surgiram palavras e imagens na mescla das línguas portuguesa e castelhana, bem como a imagem de um dragão. Esse meu processo criativo demanda que não só os desenhos e a sequência sejam intuídas, mas igualmente os textos que “derramo” nas páginas: dessa vez, me vieram “mixados” em português e castelhano, chegando a escrever intuitivamente como bem o fazem alguns escritores da escrita automática surrealista (ou sem medo de criar, se fosse o caso, como o escritor brasileiro Guimarães Rosa que debandava neologismos). É por isso que, tal qual a primeira página da minha HQ mostrando uma estranheza visual que só depois se esclarece nas páginas seguintes com o dragão, meu texto pode passar certa “estranheza” com a aparente mixórdia verbal que lancei nas páginas!

24. Esta HQ foi originalmente publicada em Zine Royale n. 4, p. 57 a 61, e a explicação que consta neste anexo em: www.zineroyale.wordpress.com.

Agora, “A vida em um corazón”, em relação à sincronicidade junguiana tem a ver com uma metáfora que me permeou durante e depois da elaboração dessa nova HQ, ao descobrir que um mesmo ideograma chinês representa o coração e mente, lendo sobre um fato já ocorrido com Jung, conforme se vê na citação abaixo:

Pouco a pouco aprendi a integrar ao meu coração e à minha mente. *Em chinês, os caracteres para o coração e mente são iguais*, o que me lembra de algo que li na autobiografia de Carl Jung. Quando viajei ao Arizona na década de 1920, Jung conheceu um índio velho cujo nome era Lago Azul. Quando Jung perguntou a ele sobre o que pensava dos brancos, Lago Azul respondeu que achava que eram loucos. Quando Jung lhe perguntou por que, Lago Azul explicou que parecia que estavam sempre agitados – correndo sem parar atrás das coisas – e que só conseguiam pensar com a cabeça.

Jung perguntou-lhe, então, de onde ele tirara aquelas idéias. Lago Azul apontou para o coração. Jung disse, então, que pela primeira vez na vida encontrara alguém que falava a verdade sobre a cultura ocidental.” (CHIA, Mantak; HUANG, Tao. *Porta para todas as maravilhas - uma aplicação do Tao Te King*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 35).

Ao fim, o Dragão que desenhei arranca seu próprio coração no ar (com suas pernas) e o entrega ao “mundo” numa alusão metafórica de que a vida só faz sentido quando o coração rege (regula) a inteligência e os movimentos de cada um de nós. Outro significado é que tal entrega simbolizada pelo doar do dragão esclarece que nunca haverá vida/paz/amor real enquanto não soubermos doar a nós mesmos num *status* de arte vital, realizando-nos como homens, mas também plenipotencialmente como almas: daí, na terceira página da minha HQ a alusão em “portunhol” à poesia musicada “Guantanamera”, “Yo soy um hombre sincero” de Jose Marti que imediatamente me veio à cabeça durante a elaboração dessa HQ fantástico-filosófica – e que

fiz questão de mesclar palavras em português e espanhol, de propósito, conforme as intuí, respeitando meu processo criativo (portanto, não há enganos aos desavisados: eu escrevi “errado” em obediência ao meu processo criativo que sempre me norteou, o qual tenho confiado quase que cegamente, e que acaba impondo novos caminhos vanguardistas à Nona Arte e ao próprio processamento mental, pelo que tenho passado e estudado, inclusive na área da ciência cognitiva e neurociência!). O tracejar dos desenhos e hachuras também me vieram, muitas vezes, de forma “solta” e criativa, deslimitando-me mais ainda, como nas primeira e segunda páginas, em que esboço apenas o dragão, soltando as linhas com bastante densidade (especialmente na página 2). Depois inseri retículas no Photoshop para dar um pouco de reforço às linhas expressivas.

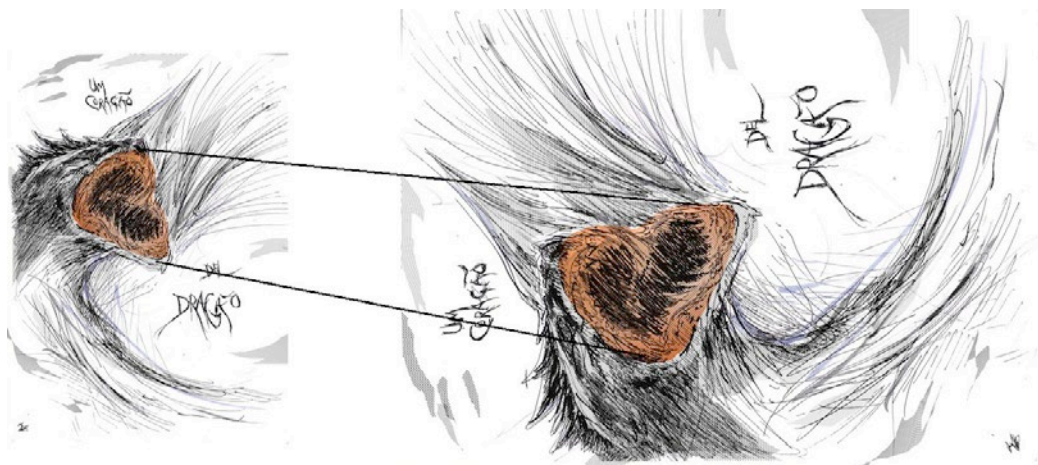
O dragão, por fim, tem muitos simbolismos, conforme se vê no Dicionário de Símbolos de Herder Lexicon (LEXICON. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 77) dependendo das diferenças culturais. Podem ser forças terríveis que devem ser dominadas, ou então, aparecer geralmente como um guardião de um tesouro (ou princesa raptada) nos contos de fada. Já na China e Japão é considerado uma entidade espiritual que traz sorte e relacionado à imortalidade. Como se vê, minha intuição aproximou-se mais dessa última significação, lembrando que meu estilo de arte fantástico-filosófico, tem por base o processo criativo similar à arte taoísta. Isso foca ainda mais o entendimento e razão de porque acabei criando uma HQ com essas premissas (intuitivas).

Enfim, o elaborar “riscado” na arte (incluindo texto) é também feito sob audição de músicas e absorto no *momentum* criativo!

Gazy Andraus

Set/out/nov. 2009

Post Scriptum: Descobri algo pouco depois, ao virar a página 2 dessa HQ. Vi que a boca aberta do dragão fazia o formato de coração (vide imagem anexa)! Isso mostra que o nosso inconsciente trabalha de uma maneira muito mais complexa do que o consciente abarca. Eu não sabia que o faria arrancar o seu próprio coração na elaboração da HQ, portanto, esse “coração” na boca veio antes (página 2 da história), e só depois criei na página 4 e 5 a ideia do coração! Comprova que nossa imaginação (hemisfério direito cerebral criativo) realmente é mais importante que o conhecimento (hemisfério esquerdo racional), conforme atestou Albert Einstein.

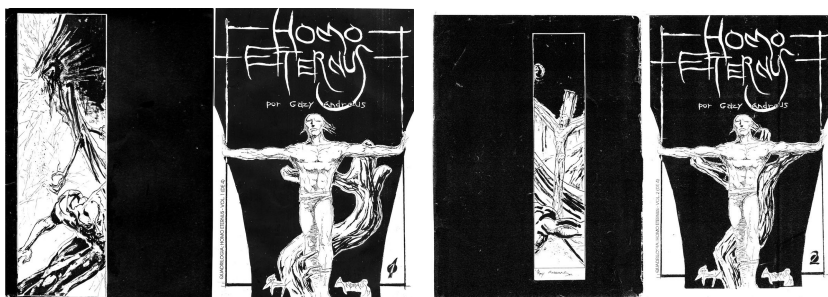


Anexo 2²⁵

Material produzido por Gazy Andraus²⁶, auto-editado e editado em parcerias²⁷

Homo Eternus, 1993-1994 (quatro volumes, 144 páginas, ou encadernado)

Segundo fanzine conceitual fantástico-poético-filosófico, esse extremamente elaborado (senão o mais, já feito por mim), em que separei HQ curtas e um pouco mais longas, distribuindo-as em 4 volumes cuja capa é continuada: traz um homem em posição crucificada e uma árvore por traz dele que se molda na cruz (a última capa também sequencia outra imagem). Também elaborei uma capa especialmente para a edição encadernada que foi coeditada por Edgard Guimarães e divulgada em seu IQI.

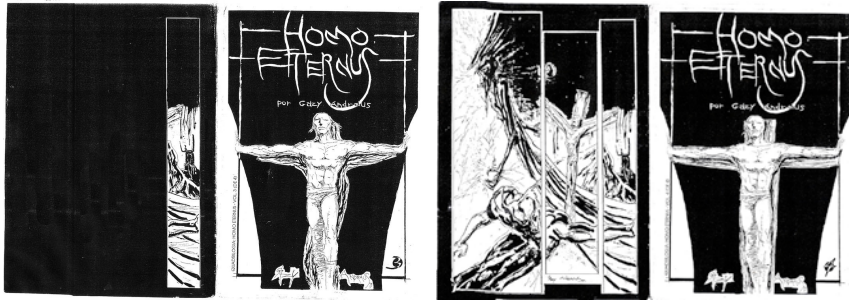


Volumes 1 e 2 de *Homo Eternus*

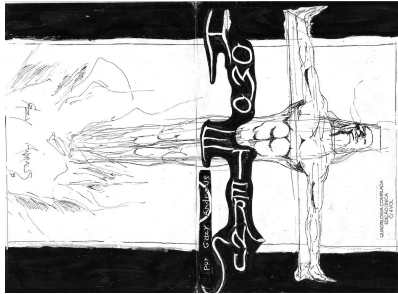
25. Se houver interesse na aquisição de algum destes materiais entrar em contato com o autor, Gazy Andraus, pelo email gazyandraus@gmail.com; (<http://tesegazy.blogspot.com.br/>; <http://conscienciasesociedades.blogspot.com.br/>).

26. Os textos que apresentam cada produção, a seguir elencadas, são de autoria do próprio Gazy Andraus.

27. Não estão inclusos nesta relação os muitos fanzines dos quais o autor participou em colaboração, incluindo aqui o fanzine Barata n. zero, de 1987, no qual Gazy Andraus fez sua primeira publicação, ou seja, sua estreia no mundo dos fanzines e dos quadrinhos.



Volumes 3 e 4 de *Homo Eternus*. Abaixo, edição encadernada



Viagens, 1993 (16 páginas)

Primeiro fanzine, feito como um teste rápido para a realização do *Homo Eternus*, mais complexo. Este *Viagens* contém ilustrações e alguns pequenos textos com trechos de HQ e uma delas poética, somente publicado nele: “O meio, o canho e o destro”.



Irmãos Siameses, (coautoria com Edgar Franco), 1994 (24 páginas)

Fanzine que marca a definição do quadrinho fantástico-filosófico (ou poético-filosófico) em que trabalhei na criação de HQ com Edgar Franco a quatro mãos, de estética similar à minha (e vice-versa). O lançamento foi no outono de 1994, na Gibiteca de Santos. A capa foi feita metade pelo Edgar e metade por mim.

HQ², 1995 (20 páginas)

Fanzine que contém duas HQ “mudas” com o tema “cubo” e “quadratura”, e um texto acerca do processo alquímico criativo da vida, do mundo e do universo. A capa propositalmente é em amarelo aludindo ao ouro e à alquimia.

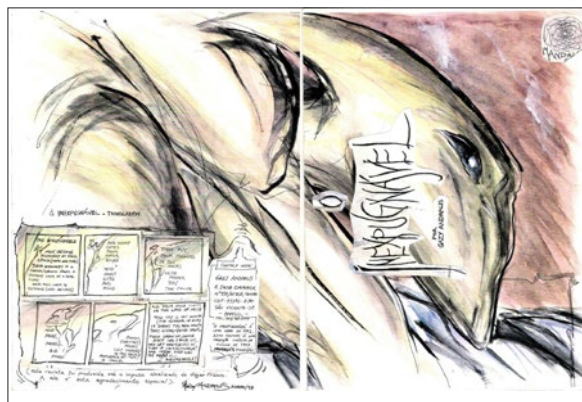


Convergência, 1996 (12 páginas)

Zine que contém uma só HQ, quase muda, poética, em que sobressalta a questão da inteireza entre o ser humano (que caminha), o pássaro (que voa) e o peixe (que nada) e sua conexão íntima como parte da vida sistêmica.

O Inexpugnável, 1997 (8 páginas)

Primeiro fanzine totalmente colorido incluindo tradução ao inglês na última página – foi criado sob intenso stress e decepção à questão humana e a dificuldade em encontrar honestidade no serviço de conserto de aparelhagem de som... A metaforização tomou a forma de um ser um tanto disforme que escala um monte, mas não consegue penetrá-lo, eclodindo em reflexão e vertendo lágrimas devido à displicência humana.





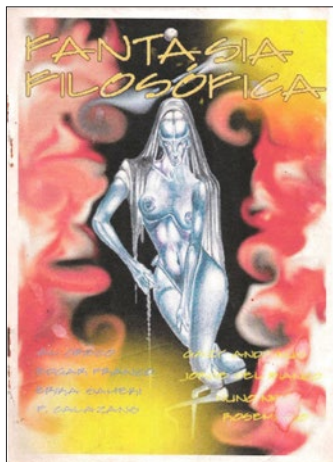
Solos, 1997 (24 páginas)

Na capa colorida pode ser lido o título quando o fanzine está aberto, “Solos” como um palíndromo. Contém HQ curtas em sua maioria de uma e duas páginas e uma página reescrita do livro do Tao. Esse zine pode mesmo ser aludido a um pequeno compêndio filosófico de HQ poética, tanto devido ao texto como à arte que lembra instintivamente o desenho taoísta.

Sacro-Conquistador, 1997, em comemoração aos 10 anos de trabalho pelas histórias em quadrinhos (84 páginas)

Um álbum feito de duas maneiras: na primeira, devido ao lançamento e comemoração, foi construído como um objeto-livro de modo que sua capa é cartonada numa das faces e ilude o leitor que não sabe qual o lado é a portada ou traseira do compêndio (por volta de 15 exemplares). Na segunda maneira, foi refeito como um álbum normal para ser mais fácil a manutenção da tiragem e coeditado também com Edgard Guimarães e seu QI. Traz nas duas versões, em anexo, uma página-dupla colorida como “bônus”.



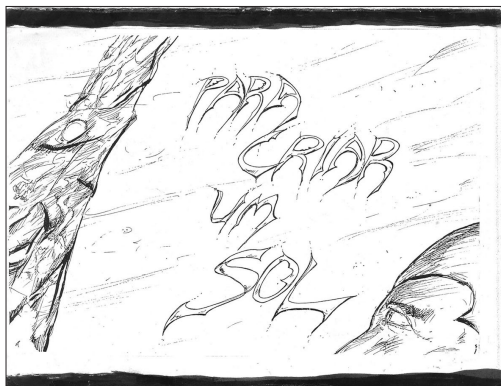


Fantasia-Filosófica, do qual é organizador e colaborador junto de vários autores, agosto/setembro/1998, (24 páginas)

Tentativa de elaborar um fanzine propondo o tema da HQ poética-fantástico-filosófica. Porém, devido à dificuldade por ter muitas páginas coloridas, foi abortado no primeiro número, apenas alguns autores tendo ficado com um exemplar em p&b. A ilustração de capa é de Edgar Franco.

Para Criar um Sol, 1998 (8 páginas)

A leitura na horizontal traz uma HQ fantástico-filosófica sob certa influência na arte de William Blake e a criação de um astro-ser.



Rogai, 1999, formato A-4 (30 páginas)

A elaboração desse fanzine veio concomitante à realização da HQ “O Sãosão” (jogo de palavras com o nome “Sansão” e “homem são”), quando eu me encontrava em estado febril. Contém quatro HQs fantástico-filosóficas; zine com tal conteúdo no tamanho A-4.

Suplemento Koânico, 1999 (12 páginas)

Fanzine apresentado como anexo ilustrativo da apresentação da HQ Koânica, realizada como defesa da dissertação de mestrado, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, em 14/12/1999.

Contém meu conto-ilustrado de uma página “Um diálogo além do humano”, uma HQ de Xalberto e texto com suplemento poético de minha autoria para complementar o tema da dissertação acerca dos koans zen budistas e HQ poéticas autorais.



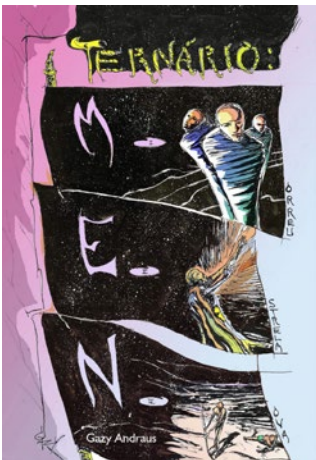
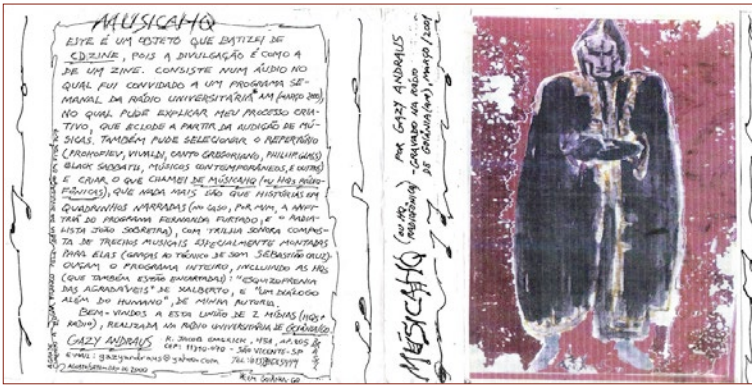
Fitazine HQ, 2000

Fita k7 que funciona como fanzine, divulgando o programa MúsicaHQ que transmite pela rádio AM Universitária de Goiânia, GO, em março de 2000. Transpus no programa de forma radiofônica as duas HQ publicadas no Suplemento Koânico. Atualmente, este programa gravado pode ser ouvido em: https://soundcloud.com/user-480423146/musicahq?utm_source=soundcloud&utm_campaign=share&utm_medium=facebook



CDzine MusicaHQ, 2001

Mídia CD-ROM que funciona como fanzine, divulgando o programa MúsicaHQ que transmite pela rádio AM Universitária de Goiânia, GO em março de 2000 (e que estava na Fitazine HQ), além de trazer, no PowerPoint, as imagens e a HQ “O Inexpugnável”, bem como outras trilhas sonoras editadas por mim.

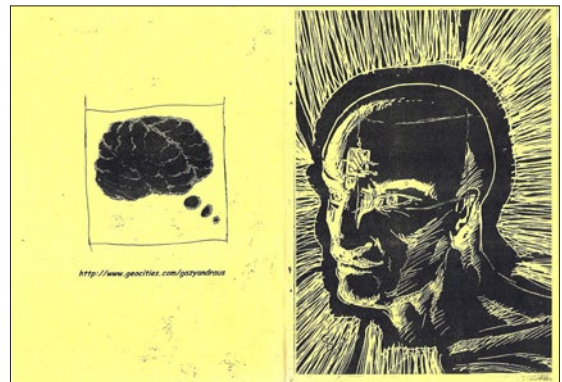


Ternário M.E.N., 2001, 2023 (64 páginas)

Álbum editado pela Editora Marca de Fantasia, de Henrique Magalhães, que trazia uma HQ fantástico-filosófica, dividida em três partes, cujo título trata de uma tríade de humanidades interligadas por um evento cósmico-espiritual. Daí o título M.E.N.: Morreu, Estrela, Nova. Além desta HQ há mais quatro outras histórias na linha poética, dentre as quais Casulo I e II. Este foi o único álbum publicado por mim em uma editora formalmente constituída. Até então. Depois vieram os álbuns Homo Eternus lançados pela Ed. Criativo.

HQMente, novembro de 2003 (32 páginas)²⁸

Versão impressa, baseada na *homepage* homônima, a partir do decurso da disciplina “A Mente e a Máquina”, ministrada pelo Professor Fredric Litto, na USP, no 1º semestre de 2003, da qual resul-



28. O Projeto HQMente foi criado no link http://www.geocities.ws/gazyandraus/projeto_hq_mente1.htm, e pode não funcionar corretamente na atualidade, pois o geocities deixou de ser gratuito.

tou a elaboração de HQ de divulgação científica, colocada no site e nesta versão impressa: a capa é em amarelo e sem título, aludindo aos desenhos de face humana de renascentistas, com um detalhe: um *chip* desenhado na testa do homem.

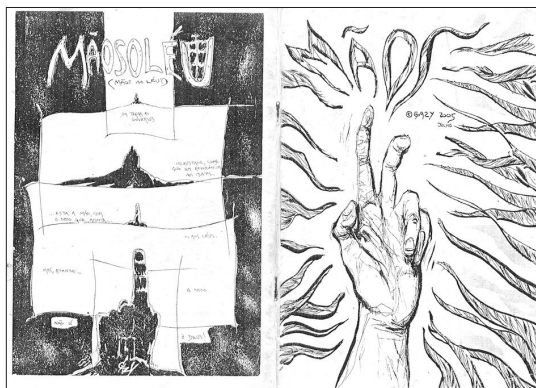
AlmaHQ, maio de 2004 (36 páginas)

Revista Alternativa (Independente) ou zine, produzida como obra artística autoral com histórias em quadrinhos do autor e pesquisador, como parte da pesquisa envolvida na tese de doutoramento, em contraponto ao HQMente: se nesse havia a racionalidade nas informações, no AlmaHQ sobressai-se a intuição em primeiro plano. A capa traz um recorte especial no formato de uma ampulheta gigante vagando no espaço cósmico, em que dentro dela vê-se um ser humano em meio às areias do tempo caindo. Porém, essa imagem já se encontra como parte da primeira página da HQ “9 vezes 1”, em que a página inteira com esse desenho só é vislumbrada em sua completude quando o leitor folheia a capa, a qual é cortada por estilete manualmente, quantos forem os exemplares fotocopiados para a distribuição.



Mãos, setembro de 2005 (24 páginas)

Revista Alternativa (Independente) de temática conceitual, produzida como obra artística autoral com histórias em quadrinhos do autor, cujo tema principal é aquele das muitas mãos que tudo constroem e elaboram a saga humana.



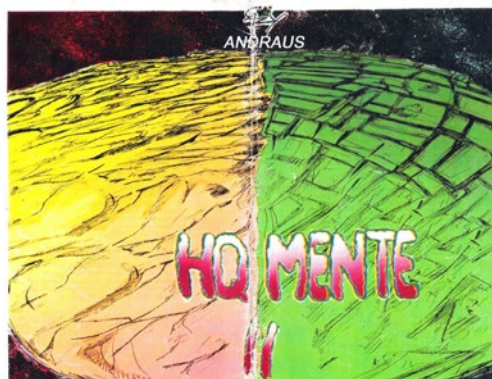


Rebus, 2006 (10 páginas)

Zine de temática conceitual no tamanho A-4, produzida como obra artística autoral apenas com ilustrações soltas realizadas diretamente à tinta, como nas HQ em geral feitas por mim.

HQMente II, dezembro de 2006 (24 páginas)

Edição lançada e entregue no dia da defesa de doutorado de Gazy Andraus em dezembro de 2006, seguindo as mesmas características de HQMente I: quadrinhos que têm a ver com questões acerca do cérebro e mente, contendo exclusivamente explicações curtas para cada HQ, e resumo da tese.



Biograficzine: Gazine, junho de 2008 (10 páginas)

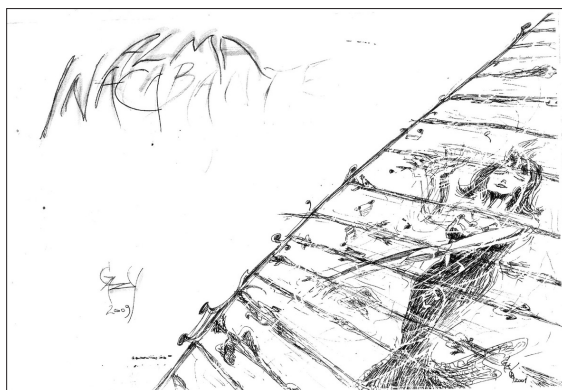
De leitura horizontal lateralizada, que teve impresso a última página em envelopes pardos como parte da capa, ao mesmo tempo que este servia para remeter ao correio. No mesmo envelope havia um corte circular que deixava entrever parte de um desenho na primeira página do fanzine. Nesta edição, expus pequenas cópias aleatórias de desenhos desde a infância, elencados cronologicamente página a página, sendo que a última página trazia uma parte de algum artigo acadêmico meu: aludindo ao equilíbrio entre a arte e a razão. Edição criada como parte resultante do minicurso “Os Fanzines – veículos de comunicação e expressão de arte integrados

ao processo formativo de educadores: a elaboração de um Biografazine”, como convidado do Prof. Elydio dos Santos Neto, aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, dentro da disciplina “Formação de educadores, narrativas autobiográficas e histórias em quadrinhos” da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo, SP.



Alma Inacabante, maio-junho de 2009 (formato A-5, 12 páginas)

Lançado como parte resultante do mini-curso “Arte, processos criativos, Histórias em quadrinhos e Fanzines: um olhar desde a neurociência com a intencionalidade da formação de professores”, como convidado do Prof. Elydio dos Santos Neto, aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, dentro da disciplina “Formação Seminário temático: Cultura visual e formação de educadores: um estudo a partir das histórias em quadrinhos” da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo, SP. Traz HQ inacabadas minhas (ou em vias de), além de fotos de minha performance no II Seminário de Pesquisa em Cultura Visual, realizado em Goiânia em junho de 2009, pela



FAV da UFG, em que eu elaborei uma HQ para o público, como parte de meu processo criativo²⁹.

Nefelibantes Pareidólicoszanzines: um nefelibata em busca da pareidolia explicada, 4 de dezembro de 2009 (formato A-5, 12 páginas)

Lançado como parte resultante da disciplina que ministro, “Estudos e Produção de Linguagens”, no curso de Licenciatura em Educação Artística da FIG-UNIMESP, em Guarulhos-SP. Esse zine trabalha a *pareidolia* nas imagens rebatidas em objetos, tais como paredes, borras no café e as nuvens e suas possibilidades nefelibantes, conjuminando explicações quânticas acerca do fenômeno imagético. Pode ser lido em: https://www.marcadefantasia.com/parceiros/gazyandraus/nefelibantes_pareidolicos/nefelibantes_pareidolicos.htm



Via mental/mergulho universal..., 16 de setembro de 2010 (6 minipáginas em uma folha A-4 dobrada em ‘sanfona’)

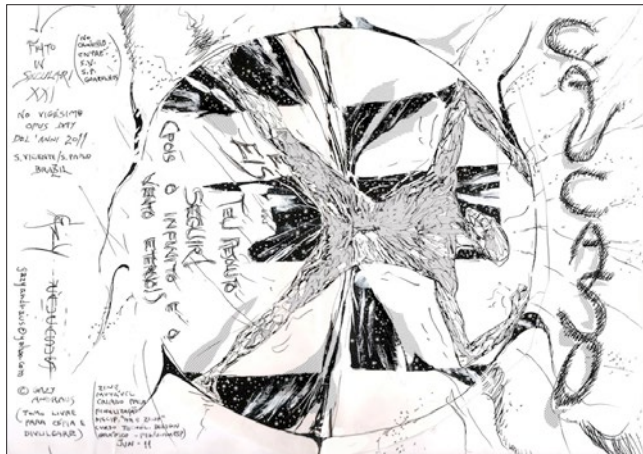
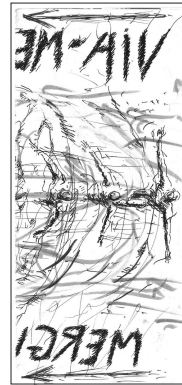
Autoedição feita junto aos zines realizados ao término do meu curso “História em Quadrinhos: para um (re) conhecimento dessa arte imagética e seu potencial de informação”, ministrado no PROVE – Projeto de Valorização do Educador, a convite da Profa. Olgair Gomes Garcia, da Coordenação de Educação de Campo Limpo, SP, em que trabalhei as histórias em

29. O vídeo da elaboração da HQ ao vivo pode ser visto no link: http://www.youtube.com/watch?v=k3d_xuog7Uk

quadrinhos e fanzines para seu uso em sala de aula, junto aos professores da rede municipal de São Paulo que o cursaram.

Cáucaso, junho de 2011 (8 páginas)

Fanzine com uma HQ poético-fantástico-filosófica elaborado para entrega junto aos que os alunos da disciplina “Histórias em Quadrinhos e Fanzine” (criada por mim) produziram para o Curso de “Tecnólogo em Design Gráfico” da FIG-UNIMESP.



Parassimpático, 13 de julho de 2012 (12 páginas)

Zine contendo ilustrações aleatórias realizadas durante minha participação do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, promovido pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás - UFG, quando durante as palestras e apresentações simplesmente tornei a desenhar! Riscos-rabiscados aleatórios que foram se formatando em desenhos (i)materiais, intensos, criativos, como havia tempos que não o fazia. A forma do papel ora distribuído no evento era quadrado (não retangular), o que me propiciou uma nova variante nos registros, tais quais se pode vislumbrar nas (simpáticas) para-páginas desse

paratópico fanzine. Pode ser lido em <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.10151105838381753.492313.729696752&type=3> e também pelo link <https://www.marcafantasia.com/parceiros/gazyandraus/parassimpatico/parassimpatico.html>.



A síntese da síntese

► "Fêmea Feroz" traz magnífico exercício de economia na expressão

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

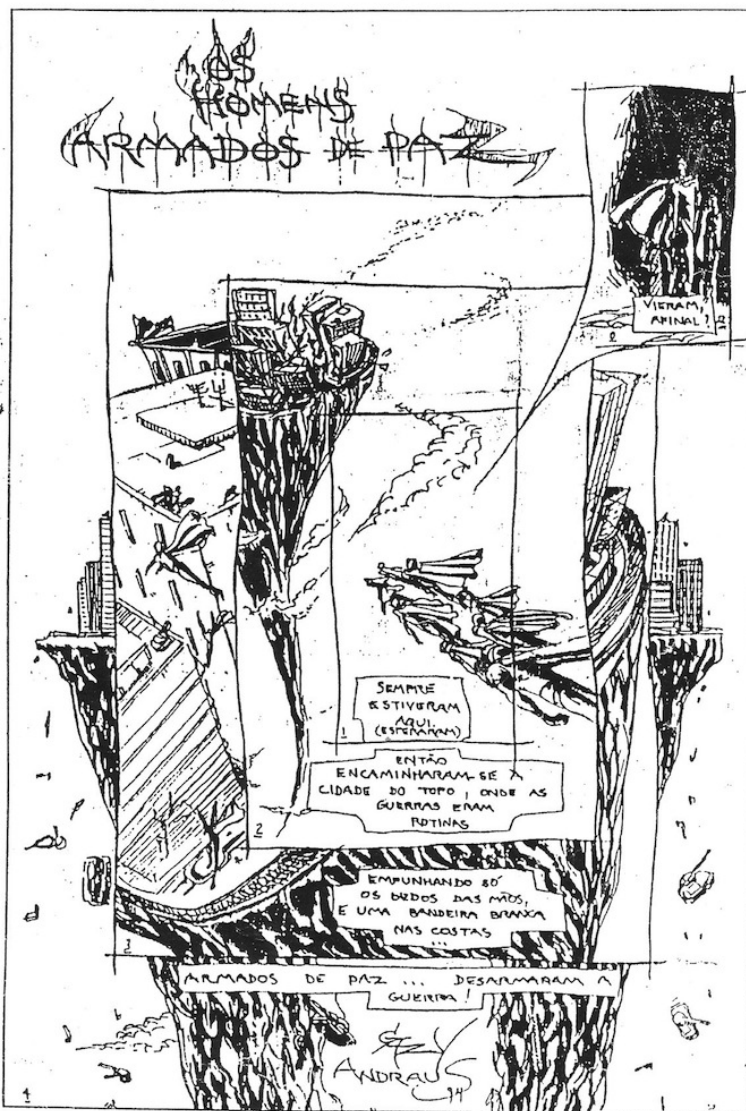
A história "Os Homens Armados de Paz", publicada em "Fêmea Feroz" nº 1, é magistral exemplo de como a criação artística depende somente de idéias. Não possui nenhum recurso de computadores, colorização, efeito especial nas letras. O traço de seu criador, Gazy Andraus, não é mais do que correto. A narrativa diz a que veio em apenas uma página. Mas que página!

"Os Homens Armados de Paz" pode ser chamada de obra-prima pela maneira como propõe uma estrutura linguística (que, se não inédita, ainda não foi apropriada pela gramática oficial das HQs), pelo fato de levá-la às últimas consequências em termos de poesia e pela síntese com que realiza as duas tarefas — uma criação sem enfeites, apenas um conceito e sua realização, apresentados ao leitor com surpreendente objetividade.

Boa teoria

Na página seguinte, a revista traz um artigo de Andraus, que tempos depois de criar a história teria encontrado para ela uma fundamentação teórica — a afinidade entre sua criação e a lógica hipertextual de diversos programas de computador. É boa teoria, no sentido de que se mostra instrumental, agrega a proposta ao universo dos recursos à disposição dos criadores de quadrinhos. O curioso da história é que "Os Homens Armados de Paz" independe desta teoria: pode ser apreciado por si mesmo, em toda sua beleza e elegância. Integra-se a ela como proposta de pensamento sobre os quadrinhos e chance de continuidade; mas não existe apenas em função desta reflexão.

Só como nota final: se vingar, "Fêmea Feroz" promete se tornar uma das melhores revistas de quadrinhos no Brasil. Tem ótimos artigos além do já mencionado; suas histórias se baseiam em conceitos provocantes. Como o melhor trabalho que publicou, "Fêmea Feroz" parece se construir basicamente sobre criatividade.



"OS HOMENS Armados de Paz" explora possibilidades de expressão da linguagem de quadrinhos

OS HOMENS ARMADOS DE PAZ

Origem, texto
e arte por:
Gazy Andraus
Cen por:
Torpe Del Blanco



VIERAM,
AFINAL?

SEMPRE
ESTIVERAM
AQUI.
(ESPERARAM)

ENTÃO
ENCAMINHARAM-SE À
CIDADE DO TOPO, ONDE AS
GUERRAS ERAM
ROTINAS

EMPUNHANDO SÓ
OS DEDOS DAS MÃOS,
E UMA BANDEIRA BRANCA
NAS COSTAS
...

ARMADOS DE PAZ ... DESARMARAM A
GUERRA!

ANDRAUS



Elydio dos Santos Neto graduou-se em Filosofia e Pedagogia pelas Faculdades Salesianas de Lorena (1982); foi Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP (1993) e Doutor em Educação (Supervisão e Currículo) também pela PUC-SP (1998). Realizou estudos de Pós-Doutorado no Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo, tendo concluído e aprovada sua pesquisa, sobre histórias em quadrinhos poético-filosóficas, em 2010.

Entre março de 2011 e outubro de 2013, quando faleceu, foi docente-pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, lotado no Centro de Educação, Departamento de Habilitações Pedagógicas, atuando também no Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Aprendentes (MPGOA). Tem vários livros publicados, bem como artigos acadêmicos. Publicou, como organizador, o livro *Histórias em Quadrinhos & Educação: Formação e Prática Docente*, pela editora da UMESP, em 2011. Participou do “Grupo de Pesquisa Humor, Quadrinhos e Games” (GP-HQG) e do “Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais” (GPEAV), ambos da UFPB.

Pela Marca de Fantasia, lançou os livros *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: Textos, HQs e entrevistas*, em primeira edição em 2012; *Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: 25 anos de quadrinhos e fanzinato*, em 2013; e *Henrique Magalhães e a editoria de quadrinhos poético-filosóficos*, em 2017. Estes livros resultaram de seu relatório de Pós-Doutorado. A série *Quadrinhos poético-filosóficos*, desta editora, foi proposta por Elydio dos Santos Neto.

Leia outros livros de Elydio dos Santos Neto na série **Quadrinhos poético-filosóficos**



Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: Textos, HQs e entrevistas



Henrique Magalhães e a editoria de quadrinhos poético-filosóficos



<https://www.marcadefantasia.com>